

*“Jornal de viagem” de Dutra Faria:  
Um olhar sobre o Brasil e os Estados Unidos em 1958*

Duarte M. B. Mendonça\*

## INTRODUÇÃO

No decurso duma investigação na antiga imprensa madeirense para um trabalho que tínhamos entre mãos, deparámo-nos, no *Jornal da Madeira*, com as crónicas da autoria do jornalista terceirense Francisco de Paula Dutra Faria (1910–1978), antigo Diretor Executivo da ANI (Agência Nacional de Informação), relatando o seu périplo por quatro países da América do Sul e do Norte, realizado no último trimestre de 1958, juntamente com a sua esposa, Noémia Gil Dutra Faria, também ela jornalista adstrita a este organismo. Intituladas “Jornal de viagem”, referiam que eram um “Exclusivo ANI do *Jornal da Madeira* em Funchal” e relatavam a sua passagem pelo Brasil, Venezuela, México e Estados Unidos. O móbil desta viagem foi o de estabelecer uma rede de contactos com diversos jornais estrangeiros com o intuito de melhor divulgar as notícias emanadas de Portugal.

Movidos pela curiosidade pesquisámos igualmente o *Diário de Notícias* de New Bedford (DNNB) para averiguar o que este antigo órgão informativo luso-americano havia referido acerca da sua passagem pelos Estados Unidos e, para nossa surpresa, constatámos que todas estas crónicas de viagem também foram ali divulgadas, sob o mesmo título e subtítulos, acompanhados da foto do seu autor e acrescentando que o mesmo era o Diretor Executivo da ANI, sigla da antiga Agência Nacional de Informação, criada durante o Estado Novo. Com efeito, na edição de 30 de dezembro o DNNB divulgou que iria dar início, em breve, à publicação destes textos, através da seguinte notícia, ilustrada com a foto do seu autor, que também acompanharia cada um deles:

### **O “Diário de Notícias” vai publicar 48 crónicas de viagem de Dutra Faria**

A partir de sexta-feira, 2 de Janeiro, principiarão a ser publicadas por este jornal, em regime de exclusividade para a costa leste dos Estados Unidos, 48 crónicas de viagem do jornalista Dutra Faria, director executivo da agência ANI e redactor principal do jornal “A Voz,” de Lisboa, que acaba de regressar a Lisboa de uma viagem de 48 dias pelo Brasil, Venezuela, México e Estados Unidos da América do Norte.

Trata-se de um DIÁRIO e, como tal – declara Dutra Faria – regista por vezes factos mais de interesse particular para o jornalista do que, na verdade, de interesse público. Por outro lado, o jornalista preocupou-se mais com as colónias portuguesas e seus problemas do que verdadeiramente com os países em que estas vivem e trabalham.



DR. DUTRA FARIA

---

\* Biblioteca Municipal do Funchal

“O mérito destas 48 crónicas é sobretudo o da sinceridade com que foram escritas, dia a dia, por vezes sobre o joelho,” diz o ilustre escritor, que termina: “Valem, como um depoimento pessoal.”

Recolhemos, de ambas as fontes, estes textos esquecidos de Dutra Faria, que nunca foram publicados em livro, dado que os mesmos nos oferecem um olhar *à vol d’oiseau* das diversas comunidades portuguesas estabelecidas nestes países, de modo a dá-los a conhecer a uma nova geração de leitores.

Seguidamente apresentamos as referidas crónicas, identificando, em nota de rodapé, as datas em que foram publicadas quer na cidade baleeira quer no Funchal, através das quais se verificará que foram divulgadas quase em simultâneo em ambos os lados do Atlântico.

## I. CRÓNICAS DE DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 1 QUATRO VISTOS NO PASSAPORTE<sup>1</sup>

NO AVIÃO, ALGURES POR SOBRE O ATLÂNTICO, 28 de Outubro. – Dois jornalistas, marido e mulher, partiram para uma viagem de 45 dias pelo Novo Mundo. No seu itinerário, uma dúzia de cidades: Rio, S. Paulo, Caracas, México, San Francisco, Oakland, Hanford, Washington, Nova York, Nova Bedford, Fall River, Providence. No seu passaporte, quatro vistos, quatro carimbos de página.

\* \* \*

O visto do Brasil demorou três dias. Não pôde ser pedido sem uma visita prévia aos Serviços de Saúde do Consulado, onde fomos sumariamente examinados por dois médicos e pagámos cento e oitenta escudos. Depois, no Consulado, pagámos mais setenta.

Características do visto brasileiro:

“Temporário – Turista – Permanência por 90 dias – Não pode exercer qualquer actividade remunerada no país.”

\* \* \*

Ao visto do México, obtivemo-lo em duas horas. Pagámos duzentos e noventa escudos.

Características: Este visto por si só não implica a obrigação de ser admitido o interessado pelas Autoridades da Migração. – Se estas encontrarem qualquer motivo legal para fazê-lo, podem invalidá-lo.

\* \* \*

No Consulado da Venezuela tivemos de apresentar cada um de nós uma certidão passada em meia folha de papel selado pelo nosso médico, garantindo que não sofremos de qualquer doença contagiosa,

---

<sup>1</sup> *Diário de Notícias* de New Bedford (DNNB), 2 de janeiro de 1959; *Jornal da Madeira* (JM), 4 de janeiro de 1959.

“particularmente tuberculose evolutiva e progressiva.” Assinatura do médico reconhecida pelo notário.

Demora na concessão do visto: vinte e quatro horas. Custo: cento e oitenta escudos.

Características:

“Turístico – Válido por oito dias.”

\* \* \*

Chegamos, por último, ao Consulado dos Estados Unidos, onde entregamos a carta em que expomos – como fizemos também para o Consulado do Brasil – os motivos principais da nossa viagem: estudar com os correspondentes da ANI nos países a que nos dirigimos a expansão, aí, dos serviços da nossa agência.

– Mas o senhor é jornalista – observa o funcionário que me atende.

– É verdade que sou.

– E durante a sua viagem não tenciona escrever crónicas, fazer entrevistas, reportagens?

– É verdade que tenciono.

– E sua esposa é também jornalista, segundo creio.

– Também.

– E não tenciona ela escrever também as suas impressões de viagem?

– Tenciona.

– Muito bem. Nesse caso, o visto que lhe devo passar não é o de “viagem de negócios,” é outro, que lhe dará maiores facilidades, é o visto “T” de “jornalista em missão.”

Depois, é o cônsul em pessoa – a sra. Jean Jerolaman – quem nos recebe:

– Levantem a mão direita, por favor.

Levantamos.

– Juram que são verdadeiras todas as declarações que prestaram?

– Juramos.

Aperto de mão:

– E que façam muito boa viagem...

Características do visto:

“Grátis – Válido por um número ilimitado de entradas nos Estados Unidos até 21 de Outubro de 1962.”

\* \* \*

Demora no Consulado dos Estados Unidos: uma hora.

\* \* \*

Agora, dois jornalistas, marido e mulher, voam para o Novo Mundo, com quatro vistos no seu passaporte.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 2  
**ESCALA NO RECIFE: MOCAMBOS E ARRANHA-CÉUS<sup>2</sup>**

RECIFE, 29 DE OUTUBRO. – Sobrevoámos a ilha cabo-verdiana de Santiago. É ainda Portugal. Depois, nada mais – oceano e nuvens, nuvens e oceano – até que passamos sobre outra ilha, agora a de Fernando de Noronha. Estamos a uma hora de voo da costa do Brasil, mas é já Brasil. E a mim mesmo pergunto:

– Quem foi que disse que os dois países não têm fronteiras comuns?

\* \* \*

Por sobre o Recife, antes de aterrar no aeródromo dos Guararapes, o avião descreve largo círculo. É uma cidade conquistada ao mangal, como a Beira – edificada no que foi o mangal. É o mesmo milagre do esforço humano, a mesma extraordinária, portentosa demonstração do que o homem é capaz, na luta contra a natureza.

Ora vemos núcleos de arranha-céus, ora aglomerações humílimas de “mocambos” – “mocambos” caiados de amarelo ou de azul, que parecem nascer do pântano e que o pântano cerca ainda. Depois, outra vez os arranha-céus e outra vez os “mocambos”; chaminés de fábricas e jangadas de pescadores que saem para o mar; avenidas desenhadas geometricamente no areal e retalhos ainda, num barranco, de floresta primitiva. Contrastes. E, sentado a meu lado, espreitando pela mesma janelinha do Convair a mesma paisagem, um brasileiro cordial diz-me:

– Terra de contrastes. E todo o Brasil é isto, meu amigo. Maravilhosa terra de contrastes.

\* \* \*

Estive aqui em 1954. A aerogare era ainda um barracão. Agora, quatro anos depois, é um soberbo conjunto de moderníssimos edifícios, inaugurados já este ano, em Janeiro. Custo: setenta e oito milhões de cruzeiros.

\* \* \*

No restaurante, o criado pergunta se queremos abacaxi. Eu digo que sim, minha mulher diz que não, com algum espanto meu. Depois, compreendo. Ela não sabia ainda. que abacaxi é ananás...

\* \* \*

O Estado de Pernambuco (capital: Recife – dizem os compêndios e os guias de viagem) tem exactamente a mesma extensão, em quilómetros quadrados, do Portugal continental, mas uma população que é sensivelmente a metade e da qual uma quarta parte vive aglomerada aqui nesta cidade e nas que, ao redor, constituem “o grande Recife.”

É a terceira cidade do Brasil em população, depois de S. Paulo, que é a primeira, e do Rio, este “grande Recife,” onde se publicam dez jornais diários: cinco matutinos, outros tantos vespertinos.

Dos matutinos, o de maior tiragem – o “Diário de Pernambuco,” fundado em 1825 e hoje da cadeia dos Diários Associados – é, por sinal, o mais antigo da América do Sul. Em antiguidade, segue-se-lhe “El Mercurio,” de Valparaíso.

---

<sup>2</sup> DNNB, 3 de janeiro de 1959; JM, 6 de janeiro de 1959.

\* \* \*

Compro o “Diário de Pernambuco,” leio uma crónica de Assis Chateaubriand, enviada de Praga: “De todos os lados, e por todos os lados, só encontramos homens de negócios... e todos falando português e espanhol na perfeição.”

Perfeição talvez suspeita...

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 3  
**MARAVILHA DE DEUS, CAPITAL DO BRASIL, CIDADE PORTUGUESA<sup>3</sup>**

RIO DE JANEIRO, 30 OUTUBRO. – Há cidades que nos enternecem, cidades que nos empolam, cidades que nos esmagam, cidades que nos entontecem... Há cidades que nos conquistam e cidades que se deixam conquistar... Cidades que nos penetram no sangue e no espírito; outras que são apenas como que uma carícia à flor da pele. Cidades que têm o perfume e o sabor de um vinho raro; outras que guardam ainda a ingenuidade e a graça do que é jovem.

Nova York, por exemplo, esmaga-nos, Londres entontece-nos, Paris deixa-se conquistar, mas entra-nos como um veneno subtil, no sangue e na alma.

Com o Rio de Janeiro, porém, algo bem diferente se passa. Cidade toda em contrastes, não cabe num verbo, nem sequer em meia dúzia de verbos. Do alto do Corcovado, Cristo abre misericordioso os braços em cruz, enquanto na praia de Copacabana o sol bronzeia estas lindas brasileiras morenas (e loiras) que não se envergonham da sua nudez, mas também – lá isso é verdade – não a exibem como um troféu.

Onde acabam, luxuriantes, os jardins do palacete rococó do milionário, começa logo o morro e no morro, misérrima, a favela com os barracos em presépio. Defronte de igrejas jesuíticas do século XVIII, em largos que mantêm uma fisionomia de província, erguem-se arranha-céus.

Ao longo das ruas estreitas do centro, que cheiram a café torrado e a canela, o velho botequim abre as suas portas junto do “snack-bar” reluzente de cromados ou das montras da sucursal de alguma das casas francesas de alta-costura.

E debaixo do reclamo luminoso do restaurante de luxo, em cuja carta de vinhos ainda podemos escolher um Tokay de antes da guerra, dorme, podre de bêbado, com a garrafa da cachaça, ao lado, vazia, um preto coberto de farrapos...

Tudo isto é o Rio e, no entanto, são apenas imagens soltas, todas estas de uma cidade que não se pode reduzir a imagens.

“Deus criou o mundo em sete dias e consagrou dois desses dias a criar a baía do Rio de Janeiro” – escreveu Monteiro Lobato. Ora o Rio, mais do que a cidade, é a baía, com o seu conjunto de enseadas e de praias, com as suas ilhas, com os morros que a circundam, negros ou revestidos de arvoredo.

Depois, não há no Rio, como noutras capitais, uma cidade moderna e uma cidade antiga; uma entra pela outra, abraçam-se, confundem-se, amalgamam-se uma à outra. Finalmente, o Rio deve ser, no mundo, a única grande cidade que tem uma floresta, não a poucos quilómetros do centro, mas de tal modo no centro que a floresta é como que uma ilha, envolvida de todos os lados pelo casario.

Não se trata, porém, de um parque. Não é o Hyde Park, nem o Central Park, nem o Bois de Boulogne. Não. A Tijuca é mesmo floresta, é mesmo selva – selva impetuosa, densa, impenetrável, escura. Um pedaço de selva virgem, esquecido no coração de uma cidade onde vivem, trabalham, se

<sup>3</sup> DNNB, 5 de janeiro de 1959; JM, 9 de janeiro de 1959.

agitam, lêem jornais, tomam de pé e apressados um “cafezinho,” correm a apanhar o “bonde,” enchem os cinemas, amam e discutem política três milhões de pessoas.

E desses três milhões umas quinhentas mil, pelo menos, são portugueses e filhos de portugueses. Por isso se diz hoje ainda – a um brasileiro o ouvi – que o Rio, além de capital do Brasil, é também uma das maiores cidades portuguesas.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 4 “TÁXI EM DIA DI CHUVA É LOTAÇÃO”<sup>4</sup>

RIO DE JANEIRO, 31 DE OUTUBRO. – O senhô é chileno? – perguntou-me o motorista do táxi, um jovem daquela cor a que chamam aqui, o pardo.

– Não. Sou português.

– Português. É curioso. Estou compreendendo bem o senhô.

– Nem admira. Falamos ambos a mesma língua.

Ele não está perfeitamente de acordo – replica, sorridente.

– Sim. Com português culto (*sinto-me desvanecido*) a coisa vai sempre assim fácil. Mas olhe o senhô que outros parece mesmo que falam outra língua...

E acrescenta, amável:

– Que lá a língua, como disse o senhô, é a mesma: brasileiro é filho de português.

Vem, depois, as confidências:

– Meu “team” favorito é até o do português cá do Rio. Sabe o senhô, é que eu fui marinheiro. E todo o pessoal da Armada torce pelo Vasco. Chamamos-lhe “O Almirante.” Porque Vasco da Gama foi Almirante mesmo, não sei se o senhô sabe?

– Sei. E descobriu o caminho marítimo para a Índia.

– Pois descobriu... – Mas vê-se que a História o interessa menos do que o futebol. Não insisto. Mudo de conversa – e serve de pretexto uma loirinha sensacional, que atravessa a rua. É uma jovem deslumbrante – flor da Alemanha, talvez, mas desabrochada ao calor dos Trópicos. Extasio-me, depois de pedir vénia aos meus quase cinquenta anos:

– Que brotinho!

Ele, cujo olhar, evidentemente, não seguiu o mesmo rumo, comenta:

– É uma moreninha jeitosa, lá isso é. Uma rica garota.

E pergunta:

– O senhô gosta de morena?

Um pouco embaraçado, respondo que sim, que gosto muito de morena.

– Eu também – diz. – De branca é que não gosto mesmo nada. – E desdenhoso: Mulher cor di leite...

Penso que é chegado o momento de mudarmos uma vez mais de conversa:

– Que tal, este negócio de táxis?

– É negócio de português, negócio de patrício do senhô (*setenta por cento dos táxis do Rio pertencem a portugueses – diz-me, depois, um amigo estatístico*). Este automóvel por exemplo, é de português, que tem mais quatro. Pagamos-lhe, os condutores, seis cruzeiros por quilómetro, entrando ele com a gasolina e com o óleo.

– Você, para si, quanto é que tira, então?

<sup>4</sup> DNNB, 6 de janeiro de 1959. Esta foi a única, desta série de crónicas, que não foi divulgada no *Jornal da Madeira*, o órgão oficial da Diocese do Funchal, porventura devido às alusões às mulheres...

– Depende. Uns dias 400, outros dias 800 cruzeiros, umas vezes mais, outras vezes menos.

E repete:

– Depende.

– Não é muito – observo.

A resposta vem rápida, terminante:

– Sempre é melhor que paga de funcionário público. Porque eu sou mesmo funcionário público, sabe o senhô. Dactilógrafo do Ministério da Marinha. Ganho ali 6.000 cruzeiros. Mas estou agora de licença ilimitada.

Começou, entretanto, a chover – e ao fundo da Presidente Vargas a igreja da Candelária lembra o Sacré Coeur, leva-nos a pensar em Paris.

Senhoras e raparigas, acossadas pelo aguaceiro, acenam, desesperadas, para o táxi, mandam-no parar, apesar de verem que vai ocupado.

– Em dia di chuva – explica o motorista – todo o táxi é lotação\*.<sup>5</sup>

E pergunta:

– Quer o senhô meter mocinha bonita? Às vezes, sabe o senhô, a conversinha pega

– Obrigado. Sou casado e estou aqui no Rio com minha mulher.

– Ah, veio com a patroa? Tem que andar na linha, como bonde?

Ri. – Com cuidadinho, hein? – Suplicante: – Mas deixa que eu meta mocinha, deixa?

– Com certeza.

Ele, porém, dá-se ao luxo de escolher:

– Estas, não; táxi em dia di chuva é oiro, é só para moça bonita.

Até que se lhe deparam três que lhe agradam:

– Para onde querem ir? Para Copacabana?

– Para o Catete.

– Também serve. Podem embarcar. Este senhô aqui dá licença. Fica mesmo no caminho.

E como que numa apresentação:

– É português, aqui, este senhô e veio com a patroa. Está num hotel da Senadô Dantas, com a patroa. Vamos deixá-lo ali...

O olhar que, entretanto, me deita de esguelha é de troça.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 5 SONHO COR DE CAFÉ<sup>6</sup>

RIO DE JANEIRO, 1 DE NOVEMBRO – Converso com Luís Glauco Torres, estudante universitário e, simultaneamente, um dos redactores diplomáticos do «Jornal».

Jovem, os seus ideais são os da maioria da juventude brasileira.

Jornalista, os corredores e os gabinetes de Itamaraty não têm segredos para ele.

Fala-me, com entusiasmo, do que se entende por aqui por nacionalismo – uma política de afirmação do Brasil no mundo, por intermédio de uma convivência internacional tão larga quanto possível. Glauco pensa, por consequência, que se devem intensificar as relações entre o Brasil e os países situados para além das Cortinas de Ferro e de Bambu. O Brasil – afirma – poderá trocar café por máquinas na Polónia e sobretudo na Checoslováquia; mas não é de excluir – acrescenta – a

<sup>5</sup> (\*) “Lotação” é o automóvel de aluguer que traz colocado no pára-brisas um letreiro com a indicação do destino que leva. Os passageiros vão entrando para o carro até se esgotar a lotação do carro.

<sup>6</sup> DNNB, 7 de janeiro de 1959; JM, 11 de janeiro de 1959.

hipótese de que também a Rússia e a China venham a comprar café no mercado brasileiro em quantidades de ano para ano crescentes.

Estou a escutá-lo com atenção, sem o interromper, sem o contradizer. Não vim aqui para discutir. O que eu quero é informar-me acerca do que ele pensa e do que pensam, no Brasil, os jovens da sua idade e da sua formação. O que desejo é que ele se abra comigo. Mas não posso deixar de sorrir, ao recordar que determinada remessa de café brasileiro, enviada para além da Cortina de Ferro, foi mais tarde, na Suíça, vendida pelos comunistas a preços inferiores aos do mercado internacional. Também não posso esquecer que os chineses – não obstante continuarem a ser bebedores de chá já plantaram, nas regiões do seu imenso país que mais se prestam a essa cultura, cinco milhões de cafeeiros. O que significa não só que os chineses preparam o seu auto-abastecimento em café, mas que se aprestam, além disso, a concorrer nos mercados com os produtores americanos e africanos, no desenvolvimento de nova campanha contra os chamados «países capitalistas». Glauco, porém, está seguro de que o Brasil conquistará, para o seu café, o grande mercado chinês.

\* \* \*

Agora, formulo outra pergunta: se a Operação Panamericana, ao fazer do Brasil – como já o reconheceu, em editorial, o «Times» de Londres – nada menos do que o leader das outras Repúblicas latinas do Novo Mundo, não contribuirá para «continentalizar» em excesso, levando-o a desinteressar-se da sua tradicional política de potência atlântica e lusíada.

Glauco responde que a criação do Banco Interamericano de Investimentos, previsto no plano da Operação lançada pelo Presidente Kubitschek, fará, pelo contrário, com que o Brasil se aproxime dos mercados abastecedores europeus – de que o mantinha afastado, e às outras Repúblicas latinas da América, o sistema norte-americano de empréstimos. Empréstimos em dólares, mas dólares de que nunca esses países viam sequer a cor. Dólares que só eram enviados sob a forma de mercadorias de consumo norte-americanas.

– Mas agora – diz – com o Banco Interamericano já poderemos aceitar as propostas dos que se disponham a executar por melhor preço as nossas obras de fomento. A Rússia, por exemplo, ofereceu-se para construir o túnel Rio-Niterói, sob a baía de Guanabara, por um preço em 50 por cento inferior ao dos Estados Unidos.

– Maneira de conseguir – observo – que os Estados Unidos façam o trabalho por um terço da proposta inicial...

\* \* \*

Fala-se, seguidamente, de Portugal. A noção que tem Glauco e a de tantos outros brasileiros, é a de um «Portugal à moda do Minho», colorido, pitoresco, folclórico. E surpreende-o quanto lhe digo de Angola – «onde o livro brasileiro tem o seu maior mercado, fora do Brasil»; e de Moçambique – «onde a revista *Cruzeiro* vende mais exemplares do que em toda a Europa»; e de Goa – «onde um povo indo europeu e cristão quer continuar a ser livre e português num subcontinente racista e hostil aos cristãos.»

Há, no entanto, uma palavra que Glauco gosta de proferir com desdém – «colonialismo.» Palavra igualmente da antipatia de quase todos os jovens brasileiros da sua idade e da sua formação. Sob este aspecto, o diálogo luso-brasileiro ainda mal começou...

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 6  
**DEMOCRACIA ÉTNICA E LUSO-TROPICALISMO<sup>7</sup>**

RIO DE JANEIRO, 2 DE NOVEMBRO. – No seu altar, entre as bandeiras do Brasil e de Portugal, Nossa Senhora da Penha – no quarto e último domingo da sua romaria – sorri aos fiéis, mais graciosa do que nunca.

Ergue-se o seu santuário num cerro e para chegar até o templozinho levantado no mais alto do morro sobem-se mais de trezentos degraus. Pois há quem, no cumprimento de promessas, os suba de joelhos, um a um, penosamente.

Bem merecem, na verdade, o sorriso da Virgem estes fiéis que sobem os trezentos e não sei quantos degraus – mesmo os que não o fazem de joelhos.

\* \* \*

Em baixo, no sopé do morro, é a festa, é a romaria propriamente dita, com as barracas de tiro ao alvo e as de comes-e-bebes, com os pretos que vendem gelados e as pretas que vendem bolos e outras guloseimas, com o circo de feira e o teatrinho de fantoches. E sobretudo com a multidão, que se acotovela, que se interpela, que ri, que grita, que se diverte. Multidão em que se vêem numerosos portugueses com as suas “patroas” ou com as suas namoradas – portugueses dos mais humildes, portugueses sem gravata, em mangas de camisa – mas em que predominam os pretos, como sempre que no Rio nos afastamos do coração da cidade, como sempre que vamos para os subúrbios. Pode mesmo dizer-se que a população do Rio escurece gradualmente, do centro para a periferia.

\* \* \*

É uma verdade, no entanto, a completa ausência de discriminações raciais, no Brasil. Não há, aqui, o menor vislumbre, o menor indício de segregação étnica. O que há, sim, é, de certo modo, uma segregação social, mas determinada apenas por motivos de ordem económica.

– Abolimos cedo demais a escravatura – diz-me um jovem intelectual brasileiro, que milita em arraiais vizinhos do comunismo. Fizemos do escravo um homem livre antes de fazermos dele um trabalhador consciente. O resultado é que o preto, no Brasil, continua a ser, na generalidade, como o era quando escravo, um mau trabalhador, um trabalhador de fraco rendimento económico.

Por isso é que, hoje ainda, os trabalhos mais mal remunerados ou os mais repugnantes são, em regra, desempenhados por pretos. E também por isso é que o preto habita, de preferência, as favelas e os subúrbios das grandes cidades.

\* \* \*

Nas ruas, é frequente vermos um branco com uma preta, um mestiço com uma branca, um preto com uma mestiça; o que, porém, só muito raramente vi – tão raramente como em Lisboa – foi o preto com uma branca.

\* \* \*

Aqui no Brasil, quando um preto sobe de condição social, os outros pretos dizem: – “Está a branquear.”

---

<sup>7</sup> DNNB, 8 de janeiro de 1959; JM, 12 de janeiro de 1959.

\* \* \*

De acordo com a monografia sobre o Brasil, editada pelo Itamaraty, a percentagem de pretos, na população do Brasil, é superior a 10%: em 1.000 habitantes há 110 pretos, para 618 brancos, 266 pardos (designação que inclui, por igual, os índios puros e todos os mestiços: os de branco e preta como os de branco e índia ou os de índio e preta) e, ainda, 6 asiáticos de raça amarela.

O número total de índios ainda não em contacto directo com a civilização calcula-se em cerca de quinhentos mil.

\* \* \*

No barco que me levou ontem a Niterói, seguiam três cadetes da Academia Militar.

Cabelo loiro, cortado à escovinha; olhos de um azul de faiança; cabeça quadrada; ombros largos; tez branca, leitosa – era, sem a menor dúvida, filho de germanos um dos três cadetes.

Baixo, tez amarela, cabeça em forma de pêro, olhos em amêndoa, óculos de míope, sorriso perpétuo à flor dos lábios finos, movimentos cerimoniais – com certeza era filho de japoneses outro dos três.

Enfim, era um mulato o terceiro cadete.

E os três juntos, ali no barco em que seguíamos todos para Niterói, constituíam, na verdade, imagem eloquente do que é uma democracia étnica – aquilo, afinal, a que Gilberto Freire chama, com absoluta propriedade, o luso-tropicalismo.

\* \* \*

Tornemos, todavia, a Nossa Senhora da Penha. A confraria é luso-brasileira, mas da multidão que acorreu à romaria eu diria antes que é afro-portuguesa — e a tal ponto que chego a perguntar-me se por acaso não estarei antes na romaria de Nossa Senhora da Muxima, a que mira as águas quietas do Cuanza como a Virgem da Penha olha as do Guanabara...

A África, aliás, está quase sempre, aqui no Brasil, presente: uma das revistas no Rio agora em cena chama-se por exemplo, “Rainha de Moçambiques” – e um dos capins que crescem nos morros, à volta dos barracos das favelas, quando há um pouco de terra e um pouquinho de humidade, é o capim-angola.

*DUTRA FARIA*

### JORNAL DE VIAGEM – 7 “O GLOBO” E “O COMETA”<sup>8</sup>

RIO DE JANEIRO, 3 DE NOVEMBRO. – Como “O Século,” em Lisboa, “O Globo” é o jornal (e a empresa) de uma família – uma família de jornalistas.

O jornal é o vespertino de maior tiragem no Brasil e maior venda no Rio.

A empresa abrange um total de trinta e seis publicações – entre revistas desportivas, revistas de modas femininas, revistas humorísticas, “magazines” de actualidades, “magazines” de teatro e de cinema.

Fundou “O Globo,” há trinta e quatro anos, o grande jornalista Irineu Marinho, que foi mestre de jornalistas. E são os seus três filhos – filhos e discípulos – que dirigem hoje o jornal e a empresa, no

<sup>8</sup> DNNB, 9 de janeiro de 1959; JM, 13 de janeiro de 1959.

imenso edifício de sete andares em que há ainda os estúdios da Rádio Globo e um “auditorium” com capacidade para mais de 400 espectadores.

Roberto Marinho, o mais velho dos três irmãos, é o director-redactor-chefe; Ricardo, o director-secretário; Rogério, o director substituto.

Há um quarto director, o director-tesoureiro. Trata-se de Herbert Moses, o glorioso presidente da Associação Brasileira da Imprensa, o jornalista brasileiro que mais amigos conta em Portugal. Não é da família Marinho, mas afigura-se-me que, se o fosse, não falariam dele com mais amizade e mais ternura os três filhos de Irineu Marinho. Uma espécie de tio.

\* \* \*

Almoço com o dr. Ricardo Marinho numa das cantinas do “Globo.” Na mesa ao lado o dr. Roberto Marinho almoça com outros convidados. Noutras mesas, jornalistas, secretárias, gente da Rádio, funcionários da administração do jornal. Indistintamente.

O dr. Ricardo Marinho lamenta que há muito não venham ao Brasil companhias de teatro portuguesas:

– A última que esteve aqui foi a de Amélia Rey Colaço, ainda antes da guerra.

E tem palavras de elogio para Amélia Rey Colaço, assim como para Maria Lalande no papel de “Maria” do “Frei Luís de Sousa.”

– Há nomes novos, agora, no teatro português? – pergunta.

Cito alguns. Destaco os de Eunice Muñoz e de Ribeirinho. Aludo ao Teatro Experimental do Porto, de António Pedro.

Ricardo Marinho admira-se:

– Mas porque não vêm ao Brasil? Porquê?

Falamos depois do teatro brasileiro. Pouco é ainda, porém, o que vi: no Serrador, a encantadora Eva contracenando com um Jardel Filho demasiado rígido e demasiado solene para o seu papel de homem irresistível e fatal; no Mesbla, o excelente conjunto dirigido por Adolfo Celi e em que Tónia Carrero demonstra, numa comédia de Louis Verneuil, escrita para a Broadway e de crítica à vida norte-americana, a boa actriz que é já e a actriz ainda melhor que há-de vir a ser, quando alcançar um poucoquinho mais de sobriedade.

\* \* \*

Tenho uma notícia má – má para os linotipistas:

Na tipografia do “Globo,” um dispositivo, chamado Cometa, foi adaptado a algumas máquinas de compor, enquanto não o é a todas, por igual.

O sistema é idêntico ao de teletipo: a fita perfurada corre, impulsionando electricamente o teclado.

Uma simples dactilógrafa substitui, assim, o linotipista.

A economia, calculo, deve ser da ordem dos 75 por cento.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 8 EM NOITE DE FLA-FLU<sup>9</sup>

RIO DE JANEIRO, 4 DE NOVEMBRO. – É como que uma tradição: quem quer que chegue de Lisboa ao Rio dá pelo menos uma entrevista e traz no bolso pelo menos uma conferência. Não quis romper com a tradição: dei cinco entrevistas (à “Última Hora,” ao “Jornal do Brasil,” ao “Globo,” à “Voz de Portugal,” ao “Mundo Português”) e a conferência que trouxe, “Os Açorianos em Angola,” proferi-a, hoje, na Casa dos Açores, por sinal em noite de Fla-Flu – isto é: enquanto no Maracanã jogava o Flamengo contra o Fluminense.

Escusado será dizer que não tive propriamente uma casa à cunha. Muitos mesmo dos que não foram assistir ao sensacional desafio (e um Fla-Flu entorna sobre as bancadas e as imediações do Maracanã o grosso da população do Rio) não puderam descobrir táxi que os trouxesse até à sossegada avenida, situada para os lados da Tijuca, onde os açorianos têm a sua sede.

\* \* \*

São talvez uns vinte mil, os açorianos residentes no Rio. Mas viviam dispersos. A ideia de que deviam reunir-se, de que deviam promover também a fundação de uma casa regional, a exemplo das que já possuem os minhotos, os transmontanos, os poveiros, partiu de um terceirense, o prof. Vitorino Nemésio, quando este veio ao Brasil na viagem inaugural do “Vera Cruz.” A ideia deu-lhe imediata execução outro terceirense, João Soares de Medeiros, homem enérgico e abnegado que é uma espécie de “cônsul dos Açores” no Rio. Isto passava-se em 1952. E logo nesse ano os açorianos compraram em hasta pública, por 1.010 contos, o palacete em que tem a sua sede a Casa dos Açores. Assim nasceu, no Rio de Janeiro, mais uma casa regional portuguesa.

É João Soares de Medeiros quem me dá as boas-vindas e me entrega o diploma de sócio honorário da Casa dos Açores. É outro terceirense, o jornalista e poeta Raimundo do Canto e Castro, quem me saúda em nome dos açorianos presentes. E defronte de mim, na primeira fila de cadeiras, está outro terceirense, Marino Pamblona, descendente daqueles Corte-Reais que possivelmente foram os descobridores e de certeza foram os povoadores da América do Norte. Depois, lá para o fundo da sala, descubro outro patricio meu, outro filho da mesma ilha – Armando Borges Pires, do Porto Judeu.

Raimundo do Canto e Castro fala de meu pai, que ele conheceu gerente de uma casa bancária em Angra e mais tarde, em Lisboa, director de um banco – o “Continente e Ilhas.” Aproveito o ensejo para contar que meu pai, filho de um carpinteiro, começou por marçano, em S. Jorge, na vila da Calheta. E, como o que ganhava não lhe permitia que comprasse todas as noites uma vela, ele comprava-a de dois em dois dias e partia-a, cuidadosamente, ao meio. Assim, todas as noites, enquanto a meia vela não se consumia por completo, estudava.

Foi, pois, como que alumiado por aquela vacilante chamazinha de metade de uma vela que meu pai caminhou até director de banco – e, não fosse também a luzinha que bruxuleava nas noites da Calheta de há quase um século, eu agora decerto não seria jornalista. Luzinha que tenho hoje aqui diante de mim, enquanto falo, esquecido de que estou no Rio de Janeiro em noite de Fla-Flu – e não entre as brumas do Atlântico, naquela Ilha Terceira em que fui “menino de fato de veludo,” tal como o recordou, de maneira a comover-me, o Raimundo do Canto e Castro.

\* \* \*

---

<sup>9</sup> DNNB, 12 de janeiro de 1959; JM, 19 de janeiro de 1959.

Com o dr. Pizarro Loureiro, que me saúda, em nome dos jornalistas brasileiros, regresso, porém, ao Rio – e aos problemas que me trouxeram ao Brasil.

O dr. Pizarro Loureiro acha que é tempo de “acabar com o lirismo nas relações luso-brasileiras” e de aproximar, efectivamente, os dois povos. Ora “não são os poetas, nem os diplomatas, nem os professores, nem os homens da ciência quem aproxima os povos: são os jornalistas.” Por isso, enquanto os jornalistas brasileiros não conhecerem melhor o caminho de Portugal, o povo brasileiro não aprenderá também a conhecer e a estimar a nossa terra. Pessoalmente, enquanto os jornalistas portugueses não se familiarizarem com o Brasil, também o povo português não terá uma noção actualizada e verdadeira do que é este portentoso país. E o dr. Pizarro Loureiro tem uma frase que magoa, que fere, mas que deve exprimir uma realidade, tanto mais que a afirmação vem de um brasileiro, não de um português:

– O Brasil está a desportugalizar-se. Ora nem nós, os brasileiros conscientes, queremos desligar-nos do que nos confere um passado, uma tradição, um património de glórias que vem do fundo dos séculos, nem aos portugueses conscientes pode agradar essa perspectiva. Portugal sem o Brasil e o Brasil sem Portugal seriam dois países irremediavelmente mutilados. Mas, para que isso não aconteça, temos de agir depressa. Já se perdeu tempo demais.

Também assim penso. E, se assim penso, assim o digo. Nos programas de intercâmbio luso-brasileiro, os jornalistas têm sido, de facto, os grandes esquecidos. Talvez por isso é que na maioria dos jornais brasileiros mal se dá pela existência de Portugal. E alguns há mesmo que só falam de nós, quando nos batem...

Sim, não há dúvida. O dr. Pizarro Loureiro tem, infelizmente, razão.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 9 O PRODÍGIO PAULISTA<sup>10</sup>

SÃO PAULO, 5 DE NOVEMBRO. – Em população, é a primeira cidade do Brasil; é a segunda, na América do Sul; é a quarta, em todo o continente americano. Maior do que o Rio. Maior do que a cidade do México. Maior do que Filadélfia. Maior do que Detroit. Maior do que Montevideu. Maior do que Montreal. Pouco inferior a Chicago e a Buenos Aires. Apenas batida de longe por Nova York com os seus oito milhões de habitantes. Oito milhões, enquanto São Paulo tem uns três milhões e trezentos mil...

Mas São Paulo é a cidade de crescimento mais rápido: em dez anos (de 1940 a 1950) o aumento da sua população foi de 67,95 por cento, para 31 em Los Angeles, 27 no Rio, 26 em Buenos Aires, 7,28 em Filadélfia, 6,62 em Chicago, 5,86 em Nova York.

O ritmo de moradias e apartamentos que em São Paulo se concluem é de seis por hora. É, portanto, de 150 o número de famílias que se instalam, por dia, nesta portentosa cidade. Todos os meses se inaugura no centro da cidade – centro que se alarga de ano para ano – um novo arranha-céus, enquanto na periferia os bairros formam-se tão rapidamente que os há ainda sem ruas pavimentadas, outros sem iluminação pública, outros sem esgotos. A cidade cresce, assim, em superfície e em altura, ao mesmo tempo.

Nos bairros residenciais, derruba-se uma casa de dois ou de três pisos, para erguer um prédio de dez ou quinze andares. No centro, deita-se abaixo um prédio de dez andares, para levantar um edifício de vinte ou vinte e cinco pisos. O restaurante do meu hotel é no vigésimo terceiro andar. Um restaurante por sinal já bem americano, apesar do “maître d’hotel” italiano, do cozinheiro francês, dos

<sup>10</sup> DNNB, 13 de janeiro de 1959; JM, 20 de janeiro de 1959.

criados espanhóis; cinquenta pratos frios à escolha, mas apenas quatro pratos quentes, dois dos quais prontos a servir e dois que demoram dez minutos. Exactamente dez minutos, controlados por mim com os olhos no relógio. Nem um minuto a mais, nem um minuto a menos. Eficiência já também caracteristicamente ianque.

\* \* \*

Há ainda, porém, como que no prolongamento de São Paulo, os três municípios ABC: Santo André, São Bernardo e São Caetano. Outras três colmeias, outros três formigueiros.

É o “grande São Paulo,” onde os bairros operários, de modestas casas de rés-do-chão, cercam as fábricas que brilham durante a noite com todas as suas lâmpadas acesas – como um gigantesco Luna Park – e de cujas chaminés se soltam os rolos de fumo que tornam menos límpido este céu, menos pura esta luz que tudo transforma em alegria, quando o sol fulgura e aquece.

Mais três colmeias. E somada a população dos quatros municípios já temos então para cima de quatro milhões de almas...

Será, pois, esta a segunda cidade de todo o continente americano, logo depois de Nova York. Por consequência, maior também do que Chicago, maior do que Buenos Aires...

\* \* \*

Alguns números mais – estes agora relativos ao Estado, não apenas à cidade:

- 40 por cento das fábricas que existem no Brasil é em São Paulo que se erguem;
- trabalham no Estado de São Paulo 40 por cento dos operários brasileiros;
- os salários pagos no Estado de São Paulo representam 55 por cento dos salários pagos em todo o Brasil;
- a percentagem, em valor, da produção industrial de São Paulo é de 60, relativamente aos totais da produção industrial brasileira;
- o Estado de São Paulo detém e utiliza 40 por cento da energia eléctrica gerada em todo o Brasil;
- em 1956, São Paulo contribuiu para o comércio externo do Brasil com 46 por cento das exportações e 48 por cento das importações;
- finalmente, dos capitais depositados em todo o Brasil, 40 por cento estão confiados aos bancos de São Paulo.

\* \* \*

Eu quisera dizer da beleza dos arranha-céus de São Paulo, ao entardecer, quando, umas após outras, as janelas começam a brilhar, estas com uma luz azul, aquelas com uma luz amarela, ou branca, ou verde.

Mas desisto. O espectáculo não é para um jornalista o descrever. É para um poeta.

Desconsolado, o jornalista que chegou esta manhã ao aeroporto de Congonhas fecha-se no seu quarto do décimo sexto andar do hotel. E de novo se apossa dele o demónio dos números, demónio de que não sei com segurança a nacionalidade de origem, mas que viaja de certeza com passaporte norte-americano.

O Estado de São Paulo ocupa apenas 2,90 por cento da superfície total do Brasil e é duas vezes e meia maior do que a área de Portugal na Europa.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 10 NA UNIVERSIDADE DO CAFÉ<sup>11</sup>

CAMPINAS, 6 DE NOVEMBRO. – Visito o Instituto Agronómico de São Paulo, a que chamam, aqui, a Universidade do Café. Recebe-me no seu gabinete o director geral do Instituto, que é o dr. Paiva Neto. Sob as suas ordens trabalham nada menos de 120 investigadores e 1.700 funcionários. São cinco as divisões que constituem o Instituto e só uma delas abrange quinze secções, entre as quais precisamente a do café. Dezoito estações experimentais mantêm o Instituto em todo o Estado.

Verdadeiramente, não há em S. Paulo cultura de algum interesse económico que não seja estudado pelos investigadores de Campinas. Enquanto uns se consagram à viticultura (e o Brasil já exporta vinho para a França) outros dedicam-se ao algodão. Há os que prestam todas as atenções à aclimação da oliveira e os que tratam apenas da cana-de-açúcar ou do sisal. As frutas tropicais ocupam uma equipa de investigadores, as frutas dos climas temperados outra. A cultura da menta japonesa – de que se extrai o mentol – tem os seus especialistas, como os tem o sassafrás, de onde se isola o safrol, para se obter depois a heliotropina, indispensável na indústria de perfumaria...

– Toma um cafezinho? – pergunta-me, porém, o dr. Paiva Neto. E logo me lembro de que foi o café que me trouxe hoje aqui a Campinas e a este Instituto.

\* \* \*

Acompanham-me na visita, além de um jornalista de Campinas, Odemar Teizem, três investigadores: os engenheiros agrónomos Célio Novais Antunes, Élio José Scaranari e Heli Camargo Mendes, filho de português, este último. E é um deles quem me diz:

– O solo e a planta foram exaustivamente estudados e, embora esses estudos ainda prossigam, já chegámos à conclusão de que não há terras mortas e de que, por consequência, não se necessita de novas terras para a cultura cafeícola. Desde que se obedeça às novas técnicas, a planta floresce e frutifica em qualquer terra. E o rendimento que se obtém graças a essas novas técnicas é logo no terceiro ano de trinta sacas por hectare.

\* \* \*

– Cultura sombreada ou cultura ao sol?

A resposta é categórica:

– Quanto ao Arábica (com o Robusta não se efectuam em Campinas experiências em grande escala) o cafeeiro, na estação experimental anexa ao Instituto, produz ao sol três vezes mais do que à sombra; no Ribeirão Preto, vinte e cinco vezes mais; no Pindorama, trinta e cinco vezes mais. Os resultados são, no entanto, menos significativos em solos ricos de água e onde, portanto, é menor a concorrência da árvore sombreadora ao cafeeiro na captura da humidade do solo.

\* \* \*

Percorro as plantações da estação experimental de Campinas. E a terra vermelha parece-me a mesma de Angola...

A variedade principalmente adoptada para estas plantações de Arábica é a Mundo Novo, com que se obtém um rendimento em 240 por cento superior ao da tradicional variedade Típica.

---

<sup>11</sup> DNNB, 14 de janeiro de 1959; JM, 21 de janeiro de 1959.

As covas são abertas, em filas paralelas, à distância, entre cova e cova, de dois metros e meio. Uma distância de três metros e meio a quatro metros separa, por sua vez, as filas de arbustos, o que permite em qualquer momento (mesmo durante a floração – florada, dizem os brasileiros) a capinagem mecânica. Cada cova recebe três ou quatro plantas.

Também se alcançam – dizem-me – óptimos resultados com a variedade Caturra, já introduzida aliás – crêem os técnicos que me acompanham – em Angola. Com a vantagem de que a planta de Mundo Novo precisa de uma área de sete metros quadrados, enquanto a de Caturra se satisfaz com uma área de quatro, o que, afinal, compensa a sua produção levemente inferior.

Além disso, a variedade Caturra – de porte menos imponente do que a de Mundo Novo – recomenda-se ainda pela sua maior precocidade.

\* \* \*

Descoberta recente: para o cafeeiro o adubo orgânico mais recomendável, e muito superior, sob todos os aspectos, ao estrume de curral, é o estrume de galinheiro. Por isso possuem hoje grandes aviários quase todas as fazendas, ao redor de Campinas. A de Itatiba, por exemplo, tem sessenta mil galinhas num aviário coberto, em dois andares. O estrume, misturado com serradura de madeira, aquilo a que também se chama farelo de serra, retira-se de oito ou de dez em dez meses e vale de 2.000 a 2.200 cruzeiros a tonelada. Soma-se a isto, evidentemente, a receita, bem apreciável, obtida com os ovos e com as aves abatidas aos efectivos do galinheiro.

\* \* \*

Mostram-me, agora, fotografias, com cenas da apanha do café-cereja. São principalmente mulheres e raparigas que procedem a esta apanha. Predominam, na mão desta obra utilizada pelos fazendeiros, os italianos e, depois, os espanhóis.

(Quanto aos japoneses, alugam estes de preferência pequenos lotes – um por família – aos fazendeiros; e cada núcleo nipónico de colonos traz já consigo o seu orientador técnico, o seu agrónomo especializado, o qual, frequentemente, é de todos eles o único que sabe algumas palavras de português...)

O trabalho da apanha ou colheita é pago à razão de um cruzeiro por litro de café-cereja. E um trabalhador colhe, por dia, de 70 a 100 litros. Os trabalhadores efectivos das fazendas ganham, por sua vez, 90 cruzeiros diários, sem dormida nem comida. Mas um quilo de carne custa de 40 a 120 cruzeiros; um litro de leite, 12 cruzeiros; um quilo de feijão, 15; um quilo de arroz, 28; uma dúzia de bananas, 8 e mais.

\* \* \*

– Outro cafezinho? – pergunta o dr. Paiva Neto, uma vez terminada a rápida visita a este magnífico Instituto que o Imperador Pedro II fundou em 1887.

– E sabe o senhor quem foi o segundo director do Instituto, logo depois do insigne Dafert? – pergunta, por seu turno, o eng. Célio Antunes.

– Eu, não.

– Pois foi, em 1897, um baiano chamado Gustavo Dutra.

Intervém, depois, o jornalista Odemar Teixem, que me quer entrevistar:

– Acredita que a guerra fria não aquecerá?

– Acredito antes – respondo – na guerra quente entre os países que bebem café e os que bebem chá. No dia que os países comunistas, sobretudo a Rússia e a China, beberem também café, a paz estará, porém, assegurada e com largo proveito para o Brasil.

– E para Angola, também – acrescenta, com um sorriso, o dr. Paiva Neto.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 11 O MILAGRE DO IDIOMA<sup>12</sup>

SÃO PAULO, 7 DE NOVEMBRO. – Entro numa livraria. Peço um livro sobre São Paulo que me dê, em imagens, uma ideia tão aproximada quanto possível da realidade. A jovem que me atende não me percebe. É francesa e ainda não fala o português suficiente para me compreender.

O dr. Leite Cordeiro, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o historiador Tito Lívio Ferreira e o escritor Mário Gracioti levam-me a almoçar no que há de mais típico em restaurantes na cidade – uma “cantina” num bairro popular. O proprietário é italiano.

Chego ao hotel, penetro no ascensor. O ascensorista (termo que os brasileiros usam e que me parece de adoptar também entre nós) é português.

Entro no quarto, levanto o auscultador do telefone, peço à telefonista (brasileira e com voz de mel) que me mande uma criada. A criada é espanhola e ninguém a convence de que minha mulher não seja também espanhola e da Catalunha.

Vou com minha mulher a uma ourivesaria. A empregada é inglesa. Vamos depois a uma drogaria. A empregada é grega. Regressamos ao hotel, num táxi. O motorista é português. Mas é alemão o agigantado porteiro que, uma vez chegados ao hotel, corre a abrir-nos a porta do táxi.

Seguidamente, no “hall,” cruzo-me com dois japoneses.

\* \* \*

A um vendedor de jornais peço que me dê todas as publicações que noutros idiomas vêm a lume em São Paulo.

– Todas não tenho – responde-me.

– Pois dê-me então as que tiver...

Dá-me o “Fanfulla,” diário italiano fundado em 1893; a “Tribuna Italiana,” semanário fascista, que insere uma reportagem do que foram em São Paulo, este ano, as comemorações da marcha sobre Roma; um diário alemão – “Deutsche Nachrichten,” um semanário alemão – “Brasil-Post”; um semanário espanhol moderado – “Prensa Hispânica”; “La Democracia Española” – órgão dos anti-franquistas; um hebdomadário húngaro – “Magyar Hirlai,” outro, polaco. Até uma nação que desapareceu está aqui representada na Imprensa de São Paulo: o semanário “Músu Lietuva” é o órgão da colónia lituana.

– E que outras publicações faltam? – pergunto.

– O semanário dos japoneses, o dos libaneses, a revista dos sírios, a dos arménios...

Na capa de uma revista, o olhar dramático de Amália Rodrigues atrai-me. É a revista “Alma Lusíada,” dirigida por Duce e Alberto Andrade. Uma das três revistas portuguesas que se publicam em São Paulo. Boa doutrina: “pretendemos, na medida das nossas forças, servir a Portugal e aos

---

<sup>12</sup> DNNB, 15 de janeiro de 1959; JM, 23 de janeiro de 1959.

portugueses sem nos esquecermos, contudo, de que, para atingirmos esta sublime finalidade, temos igualmente de servir ao Brasil e aos brasileiros.” Boa gramática. Bom papel. Boas e bonitas gravuras.

As outras duas revistas portuguesas, que saem parece que irregularmente e de que não consegui ver nenhum exemplar, intitulam-se “Portugal Ilustrado” e “Prisma.”

Em São Paulo, também alguns portugueses que voluntariamente se expatriaram mas que a si próprios se designam como exilados políticos editam um quinzenário. Intitula-se “Portugal Democrático,” empareceira com a “Democracia Española” e estabelece contraste curioso com o semanário fascista italiano...

\* \* \*

Assim como há lugar em São Paulo para todas as políticas, também o há, naturalmente, para todas as religiões: lado a lado com as igrejas católicas, erguem-se capelas protestantes, sinagogas, mesquitas, a igreja dos russos, a dos gregos, a dos maronitas a par de lojas maçónicas e de centros teosóficos e espíritas. Há até mesmo templos de religiões novas, desconhecidas, misteriosas – inventadas ou trazidas pelos homens que de todos os pontos do globo afluem a esta cidade magnética tendo como única bagagem os seus sonhos ou as suas ambições.

\* \* \*

Em 1950, data do último recenseamento completo da população, viviam no Brasil 1.065.287 estrangeiros, dos quais 627.433 (mais de 50 por cento) habitavam no Estado de São Paulo.

Desses 627.433 estrangeiros, uns 250.000 (talvez mais) são portugueses; seguem-se-lhe, evidentemente, os italianos e depois, por ordem decrescente, os japoneses, os espanhóis, os libaneses, os israelitas, os arménios, os sírios, os polacos, os lituanos...

Mas para São Paulo não se emigra apenas do estrangeiro, também se emigra de todos os outros pontos do Brasil. Em 1950, dos 10.487.567 brasileiros natos ou naturalizados que viviam no Estado de São Paulo, 1.064.009 eram oriundos dos outros Estados.

Não teremos, no entanto, uma ideia do que é a população do Estado de São Paulo se não tivermos presente que, durante um século, entre 1851 e 1950, foi aqui precisamente que se fixaram quase todos os italianos entrados no Brasil – e que foram 1.540.000; todos os japoneses – 190.000; talvez 50 por cento dos 600.000 espanhóis – e uns 40 por cento, pelo menos, dos 230.000 alemães.

Enfim, nada sei quanto ao número de imigrantes chineses em São Paulo. Mas o que sei é que são de chineses quase todas as pastelarias da cidade, como são de portugueses quase todos os talhos e mercearias, como são de italianos quase todos os restaurantes, como são de espanhóis muitos dos “bars” e botequins, como são de judeus as lojas de malhas, de brinquedos e de bugigangas. O que é extraordinário, porém, é que toda esta gente – com a única excepção da francesinha que me atendeu na livraria – fala a mesma língua (mesmo quando lê jornais redigidos noutros idiomas) e o que é emocionante para nós, portugueses, é ser o português precisamente esta língua em que discutem preços o judeu e o arménio; a língua em que trocam palavras de amor a filha de italianos e o filho de japoneses; esta mesma língua em que escreve os seus ensaios científicos o descendente de alemães ou em que discursa nos comícios políticos o neto de sírios ou de libaneses.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 12  
COM OS “PORTUGUESES BONS” DE SÃO PAULO<sup>13</sup>

SÃO PAULO, 7 de NOVEMBRO. – O presidente da direcção da Casa de Portugal em São Paulo, comendador Pereira Queiroz, quis reunir comigo num jantar alguns dos muitos “portugueses bons” que vivem aqui e aqui triunfaram à força de honestidade e de trabalho. É um jantar de 40 talheres, que se realiza mesmo na Casa de Portugal e a que preside o nosso cônsul em São Paulo, dr. Adriano de Carvalho.

Quase todas as associações portuguesas da cidade estão representadas – o Clube Português, o Centro do Douro, o Centro Transmontano, a Sociedade Beneficente Vasco da Gama. Também me apresentam o representante da Tertúlia Académica – agremiação constituída por todos os antigos estudantes (brasileiros e portugueses) da Universidade de Coimbra residentes em São Paulo – e o da poderosa Associação Portuguesa de Desportos.

O comendador Joaquim Monteiro, tesoureiro da Beneficente Portuguesa e uma das figuras mais respeitadas da colónia, representa aquela instituição, que ergueu e possui o maior e mais moderno hospital de iniciativa particular em toda a América latina – um hospital com cerca de 700 camas. Também não foram esquecidas a Imprensa, a Rádio e a Televisão: vejo aqui o infatigável Alexandre Amaral, correspondente da ANI; os correspondentes em São Paulo dos semanários portugueses do Rio “Voz de Portugal” e “Mundo Português”; os directores de alguns dos nove programas radiofónicos mantidos pelos portugueses e Santos Mendes, director de um bem orientado programa semanal de Televisão – “Portugal no Mundo.” Vejo ainda o moço jornalista Fernando Ribeiro de Melo, que conheço dos meus tempos do Palácio da Independência – quando Marcelo Caetano era Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa – e que dirige agora, no diário “O Tempo,” a secção de notícias de Portugal e dos portugueses, a que nem sequer falta, sempre a abrir, um pequeno editorial. Finalmente, algumas senhoras quiseram comparecer, mais em homenagem a minha mulher – cujas crónicas de modas elas lêem na Imprensa brasileira – do que propriamente a mim.

\* \* \*

Tenho à minha esquerda, na mesa, o comendador Pereira Queiroz. Conversamos. E consigo levá-lo a falar de si. Nasceu na Batalha, veio para o Brasil em 1911, com 21 anos, começou por empregado de balcão, já no comércio de tecidos, com o ordenado mensal de 100 cruzeiros. Hoje, o seu armazém – um edifício de cinco andares, moderno, numa das ruas mais centrais de São Paulo – tem 5.000 metros quadrados de pavimentos e os caixeiros-viajantes da sua casa percorrem todo o Brasil, desde o Rio Grande do Sul às florestas do Amapá e desde o litoral da Baía às fronteiras com o Peru e com a Bolívia, utilizando todos os meios de transporte, desde a jangada até ao avião. É a maior organização do género, em todo o continente americano.

\* \* \*

Aos brindes, profere palavras de saudação o cônsul de Portugal, dr. Adriano de Carvalho. Destaca a importância desenvolvida pela ANI, com os seus noticiários, quer em Portugal para o Brasil, quer do Brasil para Portugal – e tem uma definição perfeita:

– “Sem conhecimento não há amizade. Só se estima verdadeiramente os povos que se conhecem.”

(Recordo, a propósito, o que ouvi ao historiador paulista Tito Lívio Ferreira, autor da tese – de tanto alcance para as relações luso-brasileiras – de que o Brasil nunca foi uma colónia de Portugal e

<sup>13</sup> DNNB, 16 de janeiro de 1959; JM, 24 de janeiro de 1959.

de que a noção de colónia os portugueses só a adquiriram com a implantação do constitucionalismo, por consequência depois do grito do Ipiranga:

– “Foi graças às notícias da ANI, graças aos seus telegramas, enviados aqui de São Paulo, que Portugal me descobriu e aos meus trabalhos.”)

\* \* \*

Respondo. E repito o que já disse na Casa dos Açores, do Rio. No plano intelectual e no plano político já os dois países aprenderam, efectivamente, a conhecer-se e a estimar-se. O que importa agora é estabelecer um contacto mais estreito entre os dois povos. E ninguém melhor do que os jornalistas o poderá estabelecer, porque ninguém está, de facto, mais perto do povo e em mais íntima comunicação com este. Temos, portanto, nós os jornalistas portugueses e brasileiros, pesadas responsabilidades. Cabe-nos mostrar em Portugal um Brasil que não é o samba apenas (porque, além disso, é já hoje uma grande potência mundial) e mostrar no Brasil um Portugal que não é apenas o fado nas vielas de Alfama (porque é, na realidade, uma nação segura da sua vocação e dos seus destinos no mundo). E concluo:

– É uma casa portuguesa... Os brasileiros já conhecem de cor esta canção. Mas temos de lhes explicar melhor que são igualmente casas portuguesas, com a toalha na mesa e o pão em cima da toalha, Angola, Moçambique, todas as nossas províncias ultramarinas, todas essas terras que por graça do mesmo génio estão a despertar para a civilização como despertou o portentoso Brasil e que, na medida em que se engrandecem na comunidade, o engrandecem também.

Entre as pessoas que me cercam há portugueses e há brasileiros. Todos, generosamente, me aplaudem – (falo mal, não sou, positivamente, um orador) – mas tenho a impressão de que os brasileiros o fazem um pouco surpreendidos, de habituados que estão ao lirismo luso-brasileiro do “solar dos nossos maiores.”..

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 13 UMA DÍVIDA EM ABERTO<sup>14</sup>

SÃO PAULO, 8 DE NOVEMBRO. – Não é filho, nem é neto de portugueses. Descende de italianos este intelectual brasileiro de nome italiano, Mário Graciotti, escritor que em 1950 a Academia Brasileira de Letras premiou pelo seu “Europa tranquila” (relato de uma viagem na Europa de 1930) e a quem os portugueses devem uma das obras mais vivas, mais espontâneas, mais vibrantes e mais persuasivas que sobre Portugal, em todo o mundo, se têm publicado.

É um grosso volume, numa edição quase luxuosa, muito ilustrada. Intitula-se “Portugal – Crónicas de viagem para Adultos e Crianças.” Não foi sermão que ninguém lhe encomendasse. Mário Graciotti desembarcou, por acaso, em Lisboa. O que viu logo de entrada parece que lhe agradou. Decidiu demorar-se por uns dias. Mas Lisboa abriu-lhe o apetite para o resto do país. E este escritor brasileiro descendente de italianos partiu alegremente à descoberta do país de onde haviam partido os descobridores do Brasil.

Tudo, porém, quanto Mário Graciotti aprendeu no que viu só fez com que se excitasse mais a sua curiosidade – e então começou a estudar, nas bibliotecas, nos arquivos, aquilo a que chama “o milagre português”: isto de um povo pequeno se meter ao mar em pequenos barcos e de ilha em ilha, de continente em continente, chegar ao cabo do mundo, abrindo aos outros povos novas rotas e novas

<sup>14</sup> DNNB, 19 de janeiro de 1959; JM, 26 de janeiro de 1959.

perspectivas. Pois tanto se interessou e tanto leu, que hoje os amigos lhe chamam, risonhamente, “o nosso doutor em caravelas”...

“Portugal – Crônicas de viagem para Adultos e Crianças” participa, assim, da reportagem vivida e da reportagem retrospectiva: é jornalismo do melhor e história da mais autêntica. Também por isso o aparecimento do livro foi acolhido por críticos de todos os quadrantes com o mesmo aplauso.

“Conseguiu ser um livro universal, para todos, para as crianças como para os sábios” – escreveu, por exemplo, na revista “Leitura,” do Rio, um crítico de tendência comunista, Afonso Schmidt. Por sua vez, o crítico do semanário integralista “A Marcha” assinalou:

“A nação portuguesa, pequenina mas grandiosa em suas realizações e em suas conquistas, é farto manancial para quem puder penetrar-lhe a profundidade da alma e dos sentimentos e o maravilhoso significado do seu desconcertante destino.

Mário Graciotti soube fazê-lo com especial carinho e singular devoção.”

Ribeiro Couto, por seu turno, afirmou:

“É um livro dos mais interessantes e úteis, desses que se guardam em lugar especial na estante, para posteriores leituras e consultas” – comentou, entretanto, o crítico do “Estado de S. Paulo,” Edgard Cavalheiro.

“Não conheço guia (de Portugal) mais lúcido, mais amoroso e mais vibrante do que este” – proclamou, por seu lado, outro grande amigo das nossas coisas, Manoelito de Ornelas.

Além de tudo isto, o “Diário Oficial” do Estado de S. Paulo inseriu um voto de louvor a Mário Graciotti pela publicação do seu livro, “uma das mais belas homenagens que poderiam ser prestadas ao povo português.”

Assinaram este voto de louvor quarenta e três deputados, à cabeça dos quais figura o nome do parlamentar Cid Franco, que nem sempre tem sido muito nosso amigo...

E em Portugal? Nós, que tantas vezes nos queixamos de que o Brasil nos ignora, não se interessa pelas coisas de Portugal, não procura conhecer-nos melhor, que atenção prestamos à obra de Mário Graciotti e ao gesto, que esta obra representa, de enternecida simpatia, de amizade calorosa, de viva admiração pelo nosso povo? Quem foi o crítico que a este livro consagrou um artigo em qualquer dos nossos jornais? Qual foi o escritor português que se lhe referiu?

Portugal tem, não há dúvida, uma dívida em aberto para com Mário Graciotti, “doutor em caravelas” pelo muito amor que vota às coisas portuguesas, brasileiro filho de italianos a quem o seu patriotismo brásílico trouxe aos caminhos da Lusitânia. Uma dívida – pois, como escreveu outro paulista também grande amigo de Portugal, o historiador Tito Lívio Ferreira, “portugueses e brasileiros ficámos a dever a Mário Graciotti um serviço inestimável, prestado à Comunidade Lusíada.”

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 14 UM ESPECTÁCULO NO MARACANÃZINHO<sup>15</sup>

RIO DE JANEIRO, 9 DE NOVEMBRO. – No Maracanãzinho, exibem-se, esta noite, quatro ranchos folclóricos portugueses. São os da Casa do Minho, da Casa da Póvoa de Varzim, da Casa da Madeira e da Casa do Porto. Ranchos vestidos a rigor – ricamente, mesmo, o da Casa do Minho – e que bailam e cantam admiravelmente. Na sua maioria, porém, e isto é ainda o mais extraordinário, estes rapazes e estas raparigas – por sinal que bem lindas quase todas, já nasceram no Brasil – nunca foram a Portugal: são tripeiros, poveiros, madeirenses, minhotos do Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> DNNB, 20 de janeiro de 1959; JM, 27 de janeiro de 1959.

\* \* \*

O público, nas bancadas, é constituído numa grande parte (em cinquenta por cento, talvez) por brasileiros.

À medida que os ranchos entram no palco, aplaude-os a todos, mas ovaciona com mais entusiasmo o dos poveiros, que traz à frente, desfraldadas, a bandeira do Brasil e a de Portugal.

\* \* \*

O êxito da noite cabe, porém, aos quatro pares – “vilões” e “viloas” – do rancho da Casa da Madeira. Conhecidos do público através de discos (os do Max) que têm tido no Brasil uma larga venda, o “bailinho da Madeira” e o “bailinho da Camacha” são acompanhados por todos os espectadores com palmas batidas a compasso.

Alguém me diz que os dois “bailinhos” são tão populares no Brasil como alguns sambas – em Portugal: intercâmbio musical espontâneo, não promovido, não procurado, não patrocinado, entre os dois povos.

\* \* \*

Estas competições entre as casas regionais, há, no entanto, quem aqui as critique, mesmo quem as condene. Há quem pense e diga que os portugueses não deviam dispersar esforços – deviam manter-se reunidos numa só e poderosa agremiação, quando muito em duas ou três, não mais.

Desconheço o meio, ignoro o problema, para me pronunciar a este respeito – mas o espectáculo a que assisto esta noite, este colorido e movimentado desfile de trajos e danças tradicionais, não seria possível sem a emulação entre as pequenas associações portuguesas, as casas regionais que nos últimos anos se têm multiplicado no Rio. Emulação, dispersiva, desastrosa – pensam e dizem alguns. Emulação fecunda, porém, direi eu, se os resultados são estes que tenho aqui diante dos olhos, no Maracanãzinho.

Mas, por outro lado, como não aderir ao sonho que alguém – figura da maior projecção na colónia – me expôs, há dias, enquanto, depois do almoço, nos serviam café no esplêndido Clube Comercial do Rio de Janeiro:

– Um arranha-céus, o arranha-céus “Portugal.” Nas salas do rés-do-chão, o Centro Português de Turismo, estabelecimentos para venda ao público de produtos portugueses e um “bar” de luxo onde os brasileiros se familiarizassem com o nosso Porto, o nosso Madeira, os nossos “brandies.”

No primeiro andar, o Consulado de Portugal, um auditório para concertos e conferências, uma grande sala de baile, a Câmara Portuguesa de Comércio, a sede da Federação das Associações Portuguesas no Brasil. Nos outros andares, as sedes de todas as agremiações hoje dispersas, as redacções dos dois semanários portugueses que se publicam no Rio, a delegação da ANI, escritórios de firmas comerciais portuguesas. Por último, no terraço envidraçado, de onde se vissem bons trechos da cidade e do Guanabara, um restaurante português de grande luxo.

Por enquanto, é um sonho, apenas. Mas o homem que tranquilamente o expõe já transformou em vitoriosas realidades, outros sonhos de execução talvez mais difícil.

Pela minha parte, creio desde já que há-de erguer-se no Rio o arranha-céus “Portugal,” sobre o qual brilhará, todas as noites, enorme globo luminoso – o Farol da Lusitanidade.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 15  
AS INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS<sup>16</sup>

RIO DE JANEIRO, 10 DE NOVEMBRO – 80 mil sócios tem a Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro e mais de 100 médicos ao seu serviço: um hospital no Rio com cerca de 500 leitos; depois, no Jacarepaguá, dois asilos para velhos, dois sanatórios para tuberculosos, um manicómio para homens, outro para mulheres.

Rapidamente, na companhia do dr. Armando Cruz, um dos administradores, percorro algumas das enfermarias do hospital, alguns dos serviços. Vou ser apresentado, anunciam-me, a um dos cirurgiões mais famosos do Brasil – o dr. Pedro Teixeira. É um homem alto, magro, encanecido, que encontro de bata e a quem outros médicos, que o cercam, chamam, respeitosamente, mestre.

Digo-lhe do prazer que tenho em conhecer uma das glórias da cirurgia brasileira.

– O meu nome completo – diz-me ele, à guisa de resposta – é Pedro Teixeira da Costa Alemão. Era estudante da Universidade de Coimbra, em 1917. Tive que deixar o nosso país com o curso incompleto. Acabei de me formar aqui.

Relaciono datas: 1917, Monsanto, a Monarquia do Norte. Sim. Deve ser isso...

O médico, aliás, como que adivinha o meu pensamento, tem um sorriso cúmplice, recomenda-me:

– Olhe, quando chegar a Lisboa dê um grande abraço, da minha parte, ao meu cunhado.

E perante uma interrogação que nem chego a formular:

– Sim. Eu sei que conhece. É o dr. João do Amaral.

\* \* \*

Apresentam-me, depois, outro médico – brasileiro, este. É o dr. Paulo Braz. Fala-me com entusiasmo do Hospital Escolar de Santa Maria e da medicina em Portugal:

– Na Europa – afirma – só há um país, em matéria de medicina, tão adiantado como Portugal: é a Suécia. Só a Suécia. Nenhum outro.

Acrescenta:

– Nós, os médicos brasileiros, temos muito que aprender e temos aprendido muito com os nossos colegas portugueses.

Fala-se de Salazar:

– Eu sou talvez o mais salazarista dos brasileiros – diz o dr. Paulo Braz.

\* \* \*

Na visita, que faço em seguida, ao Liceu Literário Português, acompanham-me o respectivo presidente – que é um dos patriarcas da colónia, o comendador Rainho – e seu filho, o dr. Ostalício Rainho, director do Liceu.

Nota a registar: foi no Liceu Literário Português que funcionou, durante o reinado de D. Pedro II, a primeira escola de pilotagem que o Brasil teve. Alguns dos actuais almirantes brasileiros – entre outros, o almirante Mota Porto e o almirante Guilhobel, antigo ministro da Marinha – foram ainda alunos dessa escola.

Hoje, pensa-se em fazer do Liceu uma universidade popular livre.

\* \* \*

---

<sup>16</sup> DNNB, 21 de janeiro de 1959; JM, 28 de janeiro de 1959.

Vem, depois, o Real Gabinete Português de Leitura – outra das grandes instituições lusitanas do Rio: mais de 150.000 volumes catalogados; uma frequência diária nunca inferior a 60 leitores; um exemplar da primeira edição dos “Lusiadas” e o manuscrito do “Amor de Perdição,” entre outras raridades bibliográficas.

\* \* \*

Das grandes instituições portuguesas do Rio, a Casa de Portugal, fundada em 1928, é a mais moderna. Já tem, no entanto, 9.000 sócios portugueses e 1.200 brasileiros, estes últimos na categoria de sócios protectores.

O seu hospital, hoje com 148 camas, está a ser ampliado e em breve terá 250 leitos. Frequentam o seu jardim-de-infância 70 crianças de 4 a 5 anos. A sua escola de instrução primária (oficializada pelo Governo português e que tem sete professores) é frequentada por 200 crianças. Há também um curso nocturno para adultos de qualquer nacionalidade ou raça, curso que o ano passado levou a exame 47 alunos. Além disso, vai criar-se agora um curso livre de história de Portugal.

Acompanham-me na visita os srs. Horácio Gomes Salvador, presidente da direcção da Casa de Portugal, Armando Ribeiro Machado, vice-presidente, Pedro Augusto Azevedo Júnior e Carlos da Silva Leite, directores. Pergunto-lhes se recebem de Lisboa, enviadas pelos organismos oficiais, muitas publicações para os alunos da sua escola. Respondem que até agora receberam apenas um exemplar de cada uma das edições da Campanha Nacional de Educação de Adultos. É pouco, na verdade. Onde quer que haja uma escola portuguesa no estrangeiro, os alunos dessa escola têm que ser os “meninos bonitos” das entidades oficiais portuguesas.

\* \* \*

Encerro a manhã, almoçando, no Clube Ginástico Português, uma opípara feijoada. Não direi, porém, que visitei as instituições portuguesas do Rio. Nem fui a todas, nem me demorei suficientemente naquelas em que estive. Mas o que vi bastou para me deixar a impressão de que a obra levada a cabo por todas estas instituições e pelos homens abnegados – e quantas vezes incompreendidos! – que as dirigem não se mede, não se pesa e muito menos se pode descrever; é imensa. Obra que honra uma colónia hoje constituída talvez por mais de 300.000 portugueses.

*DUTRA FARIA*

#### JORNAL DE VIAGEM – 16 **ESTE PROBLEMA DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E PORTUGAL<sup>17</sup>**

RIO DE JANEIRO, 11 DE NOVEMBRO – «Vão longe os tempos de João do Rio» – assinalava, no outro dia, o dr. Pizarro Loureiro, jornalista brasileiro e grande amigo de Portugal.

Queria ele dizer que as relações entre Portugal e o Brasil têm que sair do plano da literatura e do lirismo, em que mais ou menos se têm mantido, para o plano do positivo e do concreto.

Com efeito, o que hoje ainda sucede é que trocamos declarações de amor, portugueses e brasileiros, sem, na realidade, nos conhecermos melhor do que os portugueses e os brasileiros de há cinquenta anos – e sem fazermos de parte a parte verdadeiro esforço para nos compreendermos melhor.

---

<sup>17</sup> DNNB, 22 de janeiro de 1959; JM, 4 de fevereiro de 1959.

Não raro, damo-nos mesmo ao luxo, nós, os portugueses, de tomarmos, para com os brasileiros, uma atitude paternal – o que é simplesmente ridículo: pelas suas riquezas, pela sua extensão territorial, pela sua população, pelo facto de ser hoje, praticamente, o “leader” (posto em que sucedeu à Argentina) das Repúblicas americanas de origem ibérica – o Brasil é já, indiscutivelmente, uma grande potência. As nossas relações não podem, pois, continuar a situar-se no plano – em que, evidentemente, gostaríamos de persistir, nós, os portugueses – de pai para filho. Somos, sim, duas nações irmãs que saíram, como dois ramos, da mesma árvore – e que tiveram, até determinado momento, a mesma história.

Que falam, além disso, com as inevitáveis diferenciações que o tempo e a separação introduziram, a mesma língua. Enfim, que têm, como património comum, uma cultura a preservar e a defender no mundo – e, talvez até mais do que uma cultura, uma concepção de vida.

O que está errado – são as bases em que teimamos, uns e outros, em manter o diálogo. Não basta o facto de sermos povos irmãos. Há, mesmo, exemplos, na história, de irmãos inimigos, quanto mais de irmãos que voluntariamente se ignoram, que voltam as costas um ao outro. O que temos é que definir o interesse que haverá para uns e outros em ligarmos mais estreitamente entre si as nossas duas nações. Ora, falando francamente, o que sucede, nesse aspecto, é que gaguejamos...

Regista-se, no entanto, algo que nos últimos tempos veio de Portugal e que constituiu, a este respeito, auspiciosa excepção: foi a carta em que Salazar, como Chefe do Governo português, felicitava o Presidente Kubetschek de Oliveira pela sua iniciativa da Operação Panamericana. Porventura pela primeira vez na história, Portugal mostrou haver-se apercebido de que no quadro das relações internacionais o Brasil tem uma missão a desempenhar também nas Américas.

Aliás, deu bem conta a Imprensa carioca do que significava de novo, no diálogo luso-brasileiro, essa mensagem do nosso Presidente do Conselho: todos os jornais a publicaram com relevo, alguns sob títulos ao alto e a toda a largura da primeira página; e muitos, em editoriais, a comentaram com entusiasmo.

Agora, o que há a fazer é persistir no esforço de não continuarmos a repetir as mesmas frases que se dizem há cinquenta anos, de um lado para o outro do Atlântico.

Vão longe, não há dúvida, os tempos de João do Rio.

Sejamos gratos aos escritores e aos poetas que souberam redescobrir a rota de Álvares Cabral, que souberam reencontrar o caminho entre as duas nações. Agora, porém, que tenham a palavra os homens capazes de apontarem o interesse real do Brasil em coincidir com Portugal no mundo e o de Portugal em não se desinteressar do destino do Brasil e em não amuar por o irmão nem sempre ter os mesmos gostos, as mesmas predilecções, as mesmas atitudes...

Este Brasil, quer o queiram, quer não, fala a linguagem de uma grande potência – nada lá o detém na estrada por onde segue. Por seu lado, Portugal, com Angola e com Moçambique não é um país pequeno. A linha que se desenha no Atlântico, ligando Lisboa ao Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro a Luanda e Luanda a Lisboa, forma um triângulo onde cabe toda uma política.

O mal tem sido os portugueses considerarem o Brasil como um país ainda muito jovem – talvez jovem demais – e os brasileiros olharem para Portugal como para um país sem dúvida, muito glorioso, mas muito velho, também – excessivamente velho, mesmo – quando, no fim de contas, a diferença de idade entre os dois irmãos não é assim tão grande.

– No Brasil, hoje ainda, nascem cidades – disse-me, com orgulho, um jovem intelectual brasileiro.

– Em Angola também – respondi-lhe, naturalmente.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 17  
**POR SOBRE BARCELOS, NO AMAZONAS<sup>18</sup>**

NO AR, POR SOBRE O BRASIL, 12 DE NOVEMBRO – Do Rio de Janeiro a Caracas, o avião traça, por sobre a América do Sul, uma linha recta. Esta linha como que corta em diagonal o Brasil. O voo efectua-se de noite. De longe em longe brilham na escuridão as luzes de uma cidade. Talvez Barcelos, talvez Moura, no Amazonas...

Só ao romper da manhã é que deixamos de sobrevoar o Brasil e, no entanto, partimos do Rio logo em seguida ao jantar. Tem-se assim, melhor do que nos mapas, a noção de como é grande este Brasil – tão grande que não coube num só hemisfério: efectivamente, cortado pelo Equador, o Brasil divide-se pelos dois hemisférios, com cerca de 600.000 quilómetros quadrados de território no hemisfério Norte e 7.900.000 no hemisfério Sul.

Em superfície, é o quarto país do mundo, depois da Rússia, do Canadá e da China. Os Estados Unidos ocupam, na lista, o quinto lugar, com menos 86.244 quilómetros quadrados do que o Brasil.

Quanto à população, com cerca de 60 milhões, situa-se em nono lugar, entre a Alemanha e a Itália. Há mais 14.500.000 brasileiros do que italianos; mais dezasseis milhões de brasileiros do que ingleses.

Em crescimento da população, figurou o Brasil, de 1850 a 1950, entre o Canadá e os Estados Unidos, no terceiro lugar da lista, com 618 por cento, mais 66 por cento do que os Estados Unidos; mas o contributo da imigração para o aumento demográfico foi menor no Brasil do que nos dois países norte-americanos.

Dos países latinos é o Brasil o mais populoso, seguindo-se-lhe, por ordem decrescente, a Itália, a França, a Espanha, Portugal (incluindo a população das províncias ultramarinas) e o México. Em 1850, no entanto, os brasileiros eram apenas 7.200.000.

É também o Brasil, em todo o globo, a nação onde há maior número de católicos: cerca de 55 milhões. Tem, depois, cerca de dois milhões de protestantes (estrangeiros, na sua maioria) e, seguidamente, uns 850.000 espíritas; mas há, ainda, cristãos ortodoxos, israelitas, maometanos e budistas em número considerável.

O Brasil – que no momento conta três Cardeais, os Arcebispos do Rio, de S. Paulo e da Baía, pelo que é de cinco o número de Cardeais que falam o português, ou de seis, se incluirmos o Arcebispo de Bombaim, Monsenhor Gracias... – está dividido em 20 arquidioceses, 68 dioceses e 29 prelazias “nullius in alicuius obo.”

Cerca de noventa milhões de pessoas falam, em todo o mundo, o português. E, como membro da comunidade luso-brasileira, proclamada agora por um tratado, mas que nunca deixou de existir no sangue e no espírito dos dois povos, o Brasil (que, por outro lado, é hoje, sem a menor dúvida, o “leader” de todas as nações americanas de origem ibérica) prolonga a sua influência política e cultural até à Europa, à África, à Ásia e aos mares da Austrália.

Entretanto, o Brasil, que tem ainda espaço para mais duas ou três centenas de milhões de habitantes, mantém abertas de par em par as portas à imigração, sendo os portugueses, evidentemente, os imigrantes que mais lhe convém, vindo, depois, por ordem decrescente de preferência, os italianos e os espanhóis. Os alemães e os holandeses oferecem dificuldades de assimilação. Maiores dificuldades oferecem ainda, porém, os japoneses, que são, todavia, bem acolhidos, por não se concentrarem nas cidades preferindo os trabalhos da agricultura a quaisquer outros.

Durante e depois da guerra, entraram também no Brasil milhares de israelitas e de escravos – só russos, em 1948, foram 1.342. O eslavo é, aliás, como o português e como o italiano, um imigrante depressa assimilado, o que sucede igualmente com sírios e libaneses.

---

<sup>18</sup> DNNB, 23 de janeiro de 1959; JM, 7 de fevereiro de 1959.

Até agora, a imigração mais numerosa foi a portuguesa. Dada, porém, a necessidade crescente de colonos que têm Angola e Moçambique (estamos perante um dilema: ou colonizamos, ou desistimos) será de recear que esta posição se modifique, dentro de alguns anos. É tão forte, no entanto, o poder de assimilação exercido pelo brasileiro, que, por muito poucos que sejam no futuro os imigrantes portugueses e por mais numerosos que sejam os imigrantes de outras origens, o Brasil continuará fiel ao seu idioma, às suas tradições, à sua cultura – e à sua vocação de grande potência mundial, não simplesmente americana e atlântica.

Brilham na escuridão, outra vez, as luzes de uma cidade. Interrogo o comandante do avião. Agora, sim, é que é Barcelos – Barcelos, no Amazonas...

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 18 NA CIDADE MAIS CARA DO CONTINENTE AMERICANO<sup>19</sup>

CARACAS, 13 DE NOVEMBRO – Se a colónia portuguesa em Caracas tem praticamente doze anos, a Caracas actual poucos mais anos tem de idade – uns vinte, não mais.

A população é hoje de um milhão e 100.000 almas, mas em 1936 era apenas de 200.000.

Aqui vivem, agora, além de 30.000 portugueses, 120.000 italianos, mais de 100.000 espanhóis e cerca de 30.000 norte-americanos. Mas em 1936 os estrangeiros não davam para encher dois hotéis.

Em 1936 eram de seis andares os dois arranha-céus do Centro Simão Bolívar.

Onde, em 1936, havia umas colinas revestidas de mato rasteiro erguem-se hoje os moderníssimos edifícios da Cidade Universitária, em pátios e praças escultores abstractos levantaram monumentos a que não faltam, apesar do seu arrojo, harmonia e beleza.

Enfim, nas terras incultas por onde serpenteava, melancólico, um rio de pouca água vêem-se agora – pintados de cores vivas, álares, tropicais – os prédios de quinze andares da Cidade Operária, onde habitam 60.000 pessoas.

Foram estas pessoas transferidas para estes prédios dos cerros ao redor de Caracas, onde habitavam miseráveis barracas de madeira – os “ranchos.” A verdade, porém, é que outras famílias chegaram, entretanto, do interior do país, de novo ocuparam os cerros, de novo os cobriram de barracas paupérrimas, que em cascata descem quase até ao centro da cidade, num contraste violento, gritante, com o luxo dos grandes hotéis, dos escritórios de grandes firmas norte-americanas, dos automóveis também pintados de cores vivas – vermelhos, amarelos, azuis – que atravacam as ruas, dos “bars” e “night-clubs” que à noite inundam Caracas de música, enquanto centenas de pestanejantes reclusos luminosos em todas as cores a transformam como que numa fantasmagórica fogueira.

\* \* \*

Caracas ainda não cessou de crescer – concluem-se por ano mais de dois mil prédios – e os venezuelanos proclamam, com orgulho, que a sua capital é a cidade mais moderna da América hispânica. Mas é também, por desgraça, a cidade mais cara de todo o continente americano – a única, decerto, em que um pequeno-almoço de papaia, pão, manteiga e café com leite custa o equivalente a quarenta escudos.

---

<sup>19</sup> DNNB, 26 de janeiro de 1959; JM, 9 de fevereiro de 1959.

Uma criada de fora ganha por mês 300 bolívares; uma cozinheira, 350; um criado de mesa, 400; um motorista, 600 – e todos, além do ordenado, com direito a cama e mesa. Resta acrescentar que o bolívar equivale aproximadamente a oito escudos e cinquenta centavos.

\* \* \*

Ponho como condição a três amigos que me convidam para almoçar: “Tem que ser num restaurante venezuelano típico.”

É, efectivamente, um restaurante diferente dos outros – um bungaló de bambu, metido já pela selva. Os criados, porém, são espanhóis.

– De que parte da Espanha? – pergunto ao que me serve.

– Da Galiza.

Quanto ao proprietário, é alemão e de Munique.

Na carta, vinhos espanhóis, franceses, italianos, gregos...

– E vinhos portugueses? – pergunta, patrioticamente indignado, um dos meus amigos.

– Não temos.

– Mas porquê?

– Não sei. A verdade é que não temos...

Em sinal de protesto, decidimos, colectivamente, beber cerveja alemã – regar de cerveja alemã a sopa de tartaruga, o churrasco venezuelano, as “hallaquitas” (bolos de farinha de milho branco, cozidos em água e sal) e as “arepas” (bolos de mesma farinha, assados nas brasas) que acompanham uma deliciosa “parrilla.”

O cozinheiro, não há dúvida é venezuelano, este, ao menos – e venezuelano é também um molho que nos traz, infernalmente picante.

\* \* \*

Corridas de toiros, corridas de cavalos, corridas de cães, luta de galos, combates de “box,” desafios de futebol e de basebol – tais são, em tempos normais, os espectáculos predilectos dos venezuelanos. Chego, porém, a Caracas em vésperas de eleições e, portanto, com um espectáculo que domina, que esfuma, que faz desaparecer todos os outros – o da política.

Nota à margem:

Ao contra-almirante Larrabazal os seus amigos chamam apenas, com respeitosa familiaridade, “el almirante”; em compensação, os seus adversários, quando se lhe referem, dizem: simplesmente, “el contra.”

*DUTRA FARIA*

## JORNAL DE VIAGEM – 19

### EM 1938, OITO PORTUGUESES NA VENEZUELA; AGORA 40.000<sup>20</sup>

CARACAS, 13 DE NOVEMBRO – «Quando aqui cheguei, em Dezembro de 1938, ainda só havia em Caracas, pelo menos registados no consulado, sete portugueses» – diz-me o Sr. João Rodrigues Aguiar, que foi o fundador da Casa da Madeira.

– E como veio? E porquê?

<sup>20</sup> DNNB, 27 de janeiro de 1959; JM, 10 de fevereiro de 1959.

– Estava no Curaçao. Um dia olhei para o mapa e vi como a Venezuela, ali mesmo ao lado, era grande. Filho de uma ilha pequena, pensei então que um país tão grande era necessariamente um país rico. Por isso vim. E juro-lhe que não me arrependi.

Nem tinha de se arrepender. João Rodrigues de Aguiar é hoje proprietário de um supermercado no bairro aristocrático de Las Delicias e de uma fazenda a trinta e poucos quilómetros de Caracas.

– Veio, pois, há vinte anos. E os outros?

– Nos fins de 1939, começaram a chegar os madeirenses, que vinham como eu viera, do Curaçao. Depois, em princípios de 1940, chegaram os primeiros continentais.

O grosso da imigração portuguesa veio, porém, nos últimos doze anos – e hoje os portugueses, em número de 40.000, ocupam o quarto lugar entre as colónias estrangeiras, depois dos italianos, que são 110.000, dos espanhóis, que são 120.000, e dos colombianos, que são 60.000.

Dos portugueses, 30.000 (três quartos do total) vivem aqui mesmo em Caracas. Entre os 40.000, são madeirenses 22.000, sendo continentais, na sua quase totalidade, os outros 18.000.

Os continentais dedicam-se principalmente à construção civil. Dos madeirenses, 30 por cento consagram-se à horticultura, nos arredores de Caracas, em terras que alugam; 30 por cento são comerciantes ou empregados do comércio e os outros trabalham sobretudo como condutores de autocarros, de camiões e de táxis.

As cinco primeiras linhas de autocarros para transporte colectivo de passageiros que funcionaram em Caracas foram fundadas por outros tantos portugueses e hoje ainda lhes pertencem.

Numerosos cafés e botequins pertencem igualmente a portugueses, enquanto os donos de restaurantes são quase todos italianos e na frequência dos “night-clubs” predominam os jovens de origem colombiana. Pertencem também a portugueses muitos dos super-mercados – grandes estabelecimentos que são, ao mesmo tempo, mercearia, pastelaria, farmácia, talho e peixaria. Por exemplo, um dos raros milionários da colónia, o sr. Corte de Abreu, é proprietário de uma rede de supermercados. Mas as melhores fortunas fizeram-se na construção civil.

Para esse efeito, os portugueses (dez, quinze) agrupam-se como que em pequenas cooperativas de trabalhadores. São pedreiros, carpinteiros, estucadores, pintores... Vivem amontoados num ou em dois quartos; comem pão seco de manhã e à noite, uma sopa, por vezes, a meio do dia; vinho ou “rhum” (bebida nacional da Venezuela) não os provam – e assim amealham colectivamente quase tudo quanto ganham.

Quando têm, enfim, uns 20.000 bolívares, empregam-nos na compra de um terreno, que imediatamente hipotecam. Com o dinheiro do empréstimo, compram então os primeiros materiais de construção; depois, novos materiais, estes, agora, porém, a crédito. Nova hipoteca mais tarde quando a obra vai já adiantada. Novos pedidos de crédito aos fornecedores de materiais de construção. E como todos – a começar pelo Banco Nacional – fiam aos portugueses, que têm merecida fama de honestidade, os dez ou quinze operários acabam por construir pelas suas próprias mãos um prédio que em terreno e juros não lhes custou mais de 60.000 bolívares, mas que vendem por 150.000 ou 200.000.

Associações portuguesas há cinco, além de um Conselho da Colónia eleito há cerca de um ano por sufrágio directo dos imigrantes, sob o patrocínio do ministro de Portugal, dr. Manuel Branquinho.

São, por ordem de antiguidade, estas associações a Casa da Madeira, a União Ciclista Portugal, o Clube Desportivo Português, o Portugal Hóquei Club e o Centro Português, fundado, este, em Junho de 1957 e que tem já esplêndida sede.

A equipa de futebol do Desportivo Português ganhou, este ano, o Campeonato da Venezuela. Por sua vez, os ciclistas da União coleccionaram durante a última temporada 150 taças individuais e 13 colectivas. A União – em cuja equipa corre Moreira de Sá, que os entusiastas da Volta a Portugal ainda com certeza não esqueceram – venceu, este ano, mais provas, na Venezuela, do que todos os outros clubes da especialidade juntos.

A colónia já também possui a sua Imprensa – três semanários: “Ecos de Portugal,” cujo director, Daniel de Morais, é uma das figuras de maior prestígio entre os imigrantes; “Madeira,” dirigido pelo sr. José António Cangueiro, também actual presidente do Conselho da Colónia; e “O Lusitano,” presentemente dirigido pelos srs. Cabral Franco e M. Carvalho.

Programas radiofónicos em português há, por igual, três: “Ecos de Portugal,” da mesma organização proprietária do semanário que tem este título; “Voz da Madeira,” dirigido por Gabriel Ferreira de Gouveia – e “Recordar é viver,” propriedade de uma empresa italiana, mas que tem como locutora uma portuguesa, Leonor de Bassan. Um desses programas, o dos “Ecos de Portugal,” está a ser, porém, emitido duas vezes ao dia – e a respectiva organização prepara também o lançamento de um programa em português na TV da Venezuela.

O capelão da colónia é um sacerdote abnegado, o rev. padre Joaquim Ferreira. Pergunto-lhe se os rapazes portugueses se casam muito fora da colónia. Responde-me: “Sim, com espanholas, principalmente com raparigas oriundas da Galiza.”

Escola para as crianças filhas de portugueses é que ainda não há. E teremos de pô-la de pé quanto antes. Carteiras já as comprou o Centro Português. Professores também não faltam: vivem aqui nada menos de doze senhoras portuguesas com o diploma de professora, passado pelas nossas escolas de magistério primário. O que se aguarda agora é o apoio do Ministério da Educação Nacional português. Apoio que decerto não tardará a concretizar-se. Os portugueses de Caracas querem que seja uma escola oficial portuguesa a sua. Oficial ou oficializada, como a da Casa de Portugal no Rio de Janeiro e, como uma, pelo menos, nos Estados Unidos – em New Bedford.

De todas as colónias portuguesas a da Venezuela creio que é a mais nova. Defeitos que se lhe possam apontar – evidentemente que os possui. Mas são os defeitos da juventude, aqueles defeitos que o tempo vai todos os dias corrigindo. O que importa é o que afirmam as próprias autoridades venezuelanas: entre os portugueses não há “gangsters” no cárcere em cumprimento da pena, nem prostitutas no fadário dos “night clubs.” São gente séria, gente honrada, gente respeitadora e trabalhadora, os portugueses da Venezuela. E, se há excepções, estas excepções, como sempre, só confirmam a regra.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 20 SOBREVOANDO RUÍNAS DA CIVILIZAÇÃO MAIA<sup>21</sup>

NO AR, ENTRE CARACAS E MÉXICO, 15 DE NOVEMBRO – O avião holandês que nos leva da Venezuela traz-nos ao Curaçao, ilha holandesa, encruzilhada de raças e de rotas, onde tomamos outro avião, em que seguiremos para o México.

Cores violentas, exageradas, sem bilhetes-postais de mau gosto – o azul do mar sem ondas, o amarelo da terra, o verde dos cactos que revestem a encosta, por detrás da aerogare.

Um holandezinho de nove anos, muito branco e muito louro, que acaba de chegar da Europa, arregala os olhos, de espantado, para um gigantesco preto que ri não sei de quê, mostrando belos dentes de neto de canibais.

\* \* \*

De Curaçao voamos para Barranquilla, na Colômbia – e por cerca de meia hora temos, à nossa esquerda, os contrafortes da serra de Santa Marta, na cordilheira do Andes.

---

<sup>21</sup> DNNB, 28 de janeiro de 1959; JM, 18 de fevereiro de 1959.

A floresta sobe até onde pode; depois, é a rocha nua e negra; finalmente, nos píncaros, neves eternas, que brilham como cristais, quando batidas pelo sol.

\* \* \*

De Barranquilla – bonitas raparigas, as colombianas – o avião, em salto de gafanhoto, vai ao Panamá, onde o aeroporto, o de Tocuman, nada tem que o distinga dos aeródromos norte-americanos: mete-se uma moeda – e sai uma sanduíche; outra moeda – e sai um “ice-cream”; outra – e sai um café a ferver...

Ainda não estamos, porém, na fronteira entre o reino do homem e o país do autómato.

\* \* \*

Um vale carinhosamente cultivado entre montanhas revestidas de arvoredos escuros e decapitados pelas nuvens; uma cidade de casas de rés-do-chão – na maioria pintadas de azul – com algumas belas igrejas da época colonial; um aeroporto novinho em folha, que ainda cheira a tinta; um PM (polícia militar) cor de chocolate, que parece general, com agulhas brancas, uma borla enorme, branca, no “casque” de borracha, luvas brancas que lhe chegam até ao cotovelo e um estojo também branco para o pistão – tudo isto é San José, capital da Costa Rica.

O nosso avião trouxe alguns imigrantes espanhóis. Há outros que os esperam no aeroporto – famílias inteiras. São eles que amorosamente cultivam as terras ao redor da cidade, enquanto os PM costarriquenhos passeiam pomposamente as suas borlas e as suas agulhetas.

\* \* \*

O frio espera-nos no aeroporto de La Aurora, que serve a cidade de Guatemala. Os mais friorentos dos nossos companheiros da viagem vestem o sobretudo. A altitude é de mais de 1.500 metros.

\* \* \*

Sobrevoamos agora, ainda em território guatemalteco, Tikal, Uaxatun, Sayxohé, ruínas de templos e de cidades maias, submergidas, devoradas pela floresta.

Entretanto, os últimos descendentes dos maias – raça que foi poderosa, que criou um sistema de escrita e cujos cronistas nos disseram tudo quanto sabemos hoje da história dos povos da América antes da chegada dos europeus – erram semi-nus por estas mesmas florestas, fogem como de locais enfeitados das ruínas do que ergueram os seus antepassados e por vezes, ao avistarem entre as nuvens este insolente pássaro cor de prata em que viajamos, apontam-lhe os seus arcos, disparam as suas flechas. Mas estas mesmas flechas que, disparadas pelos antigos maias, foram a arma secreta com que venceram e dominaram povos mais primitivos, que não conheciam o uso do arco, agora não chegam sequer a atingir o avião, esta ave reluzente que prossegue imperturbavelmente no seu voo por sobre os restos do que foi uma gloriosa civilização.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 21  
**POR TERRAS DA NOVA ESPANHA<sup>22</sup>**

CIDADE DO MÉXICO, 16 DE NOVEMBRO – No Palácio Nacional do México («al Zócalo») os guias param obrigatoriamente defronte do grande tríptico mural de Diego Rivera que representa, na concepção do que foi sem dúvida o maior (mas também o mais discutível) pintor mexicano, a pré-história, a história e o futuro do seu povo.

O fresco que vemos à nossa direita mostra as populações indígenas entregues aos seus trabalhos pacíficos – a agricultura, a tecelagem, a cerâmica. Antes, evidentemente, da chegada dos espanhóis. É a pré-história do México.

Toda a história está, depois, resumida nas imagens – quase sempre violentas e polemistas – do fresco central: Hernan Cortez chega com os seus cavalos, os seus soldados cobertos de ferro, os seus canhões, que vomitam fogo; auxiliados pelos missionários, leva os indígenas a converterem-se, apodera-se das suas riquezas, põe a tormentos os que as escondem; seguem-se cenas da Inquisição, imagens de um auto-de-fé; e as lutas pela independência, e as guerras contra os Estados Unidos, e o desembarque dos soldados franceses de Napoleão III, e a execução do Imperador Maximiliano, e a revolução contra a ditadura do general Diaz, e as principais personagens desse agitado período – apóstolos como Francisco Madero, bandidos como Pancho Villa...

O guia explica:

– Esta é a história do México durante o período em que fomos dominados pelos espanhóis (trezentos anos, em números redondos) e desde que retomámos a independência até o momento em que o pintor concluiu o seu trabalho.

Quanto ao fresco que temos à nossa esquerda, o guia mostra-se evasivo:

– São imagens de como Diego Rivera imaginava que seria o futuro do nosso país. É um sonho de artista, apenas. O que aí está não corresponde nem à realidade nem ao pensamento do actual Governo do México. Por isso pedem-nos a nós, os guias, que não expliquemos este fresco...

– Nem precisa que o expliquem – comento. – Julgo que por si só é bem eloquente...

Liberto do Evangelho, que tem aos pés, rasgado, o trabalhador mexicano recebe – com o rosto aberto num largo riso – das mãos de outro trabalhador um exemplar de “O Capital,” de Karl Marx. Seguem-se cenas do que Rivera imaginava que seria a sociedade criada pelo comunismo. Eis o fresco que o Governo mexicano pede aos guias que não expliquem aos turistas...

Quer como obra de conjunto, quer no pormenor, o tríptico de Rivera é, no entanto, do mais notável, do mais empolgante, mesmo, que temos visto. Enferma, todavia, dos mesmos males que se encontram noutro grande pintor mexicano, Siqueiros – a retórica marxista, e preconceito cego contra o europeu, a incompreensão total perante o que foi, no México, a acção criadora do espanhol, a tendência para apresentar os tempos anteriores à chegada de Cortez como uma espécie de paraíso terrestre, de que o espanhol, brutalmente, expulsaria o índio, “el índio triste.”

Hoje, porém, já os próprios historiadores mexicanos têm outra noção do passado. Noção que destrói por completo o mito faccioso do paraíso terrestre invadido pelos soldados de Hernan Cortez...

O povo que ergue, em Teotihuacan, essas extraordinárias pirâmides do Sol e da Lua, rivais às pirâmides egípcias; que traçou, numa audaciosa concepção urbanística, a grande Avenida dos Mortos; que desenhou o imenso quadrilátero – de uma geometria perfeita – daquilo a que se chama hoje a Cidade e que parece um estádio moderno; esse povo, senhor de uma alta civilização, a que se devem, sobretudo, as soberbas, espantosas cabeças de serpente do templo de Quetzalcóatl, trabalhadas em granito, teve o seu apogeu entre os séculos IV e X da nossa Era, mas foi, depois, dominado pelos toltecas, cujo império seria aniquilado, dois séculos mais tarde, pelos chichimecas, os quais foram, por

---

<sup>22</sup> DNNB, 29 de janeiro de 1959; JM, 23 de fevereiro de 1959.

sua vez, no século XIV, vencidos e escravizados pelos aztecas, a cujo domínio os espanhóis puseram termo – com o auxílio das tribos que os aztecas haviam reduzido a uma escravizadora vassalagem – no século XVI.

Os espanhóis foram, portanto, senhores do México por mais um século do que os próprios aztecas. E tudo aqui revela, na verdade, a influência espanhola. Não foi só a língua que eles impuseram aos indígenas. Não foi só a fé que os espanhóis lhes trouxeram – e a que se mantêm admiravelmente fiéis. Tudo, aqui, por muito que pese a alguns mexicanos, nos fala da Espanha, lembra a Espanha, evoca a Espanha. Percorro as salas do Museu de Artes Populares, instalado no que foi uma bela igreja do século XVII, que do templo conserva, hoje, a fachada, apenas. E é como se percorresse uma exposição de artesanato peninsular, com influências, também, não há dúvida, do Oriente, como, por exemplo, nas faianças de Puebla e nas formosas lacas do Michoacán. Mas influências que também se fizeram sentir na Península Ibérica. E é verdadeiramente com emoção que na Catedral do México – a maior catedral de todas as Américas – nos detemos ante as monumentais grades do coro, para a fundição das quais se empregaram seis toneladas de ouro, outras tantas de prata, as mesmas de bronze e as mesmas de cobre, numa liga a que se chama “tumbaga.” Emoção que tem a sua origem no facto de haver sido em Macau que foram fundidas estas grades, segundo desenhos e planos daqui enviados, pela “Nau da China,” aos fundidores sino-portugueses, os mais famosos do mundo, nesse tempo.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 22 NO MÉXICO, JÁ A IGREJA GANHOU A BATALHA<sup>23</sup>

CIDADE DO MÉXICO, 17 DE NOVEMBRO – Em nenhuma outra nação aquém das Cortinas de Ferro e de Bambu foi a igreja mais maltratada e perseguida do que no México, de 1923 a 1940. Pois talvez nenhum outro povo nas Américas mantenha mais viva e mais ardente a sua fé do que o mexicano. Hoje, ainda e, por duas vezes, o verificámos: pela manhã, quando fomos à basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, onde se venera a imagem da Virgem que apareceu milagrosamente estampada no “zarape” de um índio; depois, à tarde, quando saíram os jornais anunciando, com títulos ao alto e a toda a largura das suas primeiras páginas, a designação, pelo Papa João XXIII, do primeiro Cardeal mexicano – o Arcebispo de Guadalajara, D. José Garibi y Ribera.

Pela manhã, fora um espectáculo de intenso fervor o que se nos deparara; de tarde, foi uma verdadeira vaga de regozijo popular aquilo a que assistimos. “O México já tem o seu Cardeal” – gritavam os vendedores e os jornais passavam de mão em mão, esgotavam-se num momento.

Para o México, era uma grande honra, o gesto de João XXIII. Mas para os católicos mexicanos era algo mais do que isso – era como que o comunicado final de uma guerra, como que a proclamação, “urbi et orbi,” de uma vitória alcançada a preço de sangue e de martírio, como que a consagração de um heroísmo que a nenhuma repressão se dobrou e que nenhuma violência conseguiu dominar.

Foi o Presidente Obregon quem deu início, em 1923, à perseguição contra a Igreja, ao expulsar do México o Delegado Apostólico. Simultaneamente, processava numerosos prelados, sacerdotes e fiéis “por terem celebrado um Congresso Eucarístico.” Mas foi o Presidente Plutarco Elias Callas, eleito em 1924, quem, a partir de 1926 intensificou a perseguição encerrando e confiscando só em Setembro desse ano, 73 conventos, 129 escolas católicas e 118 asilos, ao mesmo tempo que proibia todos os actos de culto públicos. Seguidamente, foram confiscados numerosos templos.

---

<sup>23</sup> DNNB, 30 de janeiro de 1959; JM, 24 de fevereiro de 1959.

Os católicos pegaram, então, em armas e a luta – a “guerra cristera” – durou de 1926 a 1929. Noventa e sete sacerdotes morreram fuzilados ou enforcados, centenas de católicos baquearam, o Padre jesuíta Miguel Pro – cujo processo de canonização está a correr – foi executado sem julgamento. Mas em 1929, depois de uma intervenção do embaixador dos Estados Unidos, o Presidente Portes Gil revogava as leis de Calles e prometia que seriam restituídos à Igreja todos os templos, seminários, paços episcopais e residências paroquiais. Também prometeu que seriam amnistiados os católicos presos com armas na mão.

Apesar dessas promessas, os templos e outros bens da Igreja continuaram, todavia, na posse dos que os tinham tomado; muitos dos que esperavam ser libertados foram assassinados no cárcere – e em 1931 (já com outro Presidente, Ortiz Rubio) recrudesceu a perseguição, tendo cada Estado mexicano estabelecido, nesse momento, o limite máximo, autorizado, de sacerdotes, relativamente ao número de fiéis: o Estado “mais tolerante” determinou então que não podia haver mais do que um sacerdote por 25.000 habitantes – e o menos tolerante (o de Chiapas) decretou que um padre “de qualquer religião” bastava para uma população de mais de 500.000 almas...

O Presidente que sucedeu a Ortiz, Rubio Cardonas, ordenou, depois, que todo o ensino fosse “socialista a desfanatizante” e de 11 de Novembro de 1931 a 28 de Abril de 1936, confiscou nada menos do que 480 propriedades da Igreja. Mas por todo o país o povo sublevava-se espontaneamente contra os que lhe queriam roubar a sua fé. Professores e professoras saídos em fornadas de escolas de magistério primário dirigidas por comunistas em vão se espalhavam pelos campos; uns foram mortos, outros desorelhados e sem orelhas expulsos, depois, das aldeias. Já nada podia deter a reacção popular.

O Presidente Ávila Camacho abre a sua campanha eleitoral, proclamando que “é, ele também, um crente” – e, uma vez eleito em 1940, faz com que na Constituição a palavra “socialista” seja substituída pela palavra “social”; cria depois, em 1946, o Partido Revolucionário Institucional, que desde então, há, portanto doze anos, detém o poder.

Finalmente, em 1952, Igreja e Estado reconciliaram-se, quando, na basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, perante a multidão imensa que enchia o templo, o Arcebispo do México e o Presidente Alemán simbolicamente se abraçaram. Quem saía vencido da luta era, porém, o Estado. Ao longo de todas as perseguições, aumentara no México o número de sacerdotes, aumentara o número de religiosos, aumentara o número de paróquias – e haviam sido criadas oito novas dioceses, assim como uma arquidiocese, a de Vera Cruz.

E também não diminuía o número de fiéis: 16.126.945, em 1930, para uma população de 16.552.722; 18.977.585, em 1940, para uma população de 19.653.552; 25.329.498, em 1950, para 25.791.017. Não foi, pois, em vão que derramaram o seu sangue, que sacrificaram a sua vida, os noventa sacerdotes executados – sem julgamento ou depois de comparecerem perante uma espécie de tribunal popular – no tempo de Calles.

Com o encerramento da luta anti-religiosa, entrou o México – outrora famoso pela frequência das suas revoluções – num período de paz. E hoje, ao contrário do que sucede noutras Repúblicas da América hispânica, tudo nos mostra no México que estamos aqui num país onde a estabilidade e a segurança efectivamente existem – não são palavras, apenas.

Estabilidade e segurança para as quais contribui, sem dúvida, o facto de estar no poder, desde há onze anos, ininterruptamente, o mesmo partido. Ou desde 1911, se – com a historiografia oficial – virmos no actual PRI o herdeiro directo do movimento que derrubou o regime do general Diaz e levou Madero à Presidência.

Sob este aspecto da continuidade, bom era que pusessem os olhos na democracia mexicana outras democracias hispano-americanas, mais jovens.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 23  
**O PROBLEMA DO INDIGENATO NO MÉXICO<sup>24</sup>**

CIDADE DO MÉXICO, 18 DE NOVEMBRO – É de 26 milhões, em números redondos, a população do México, segundo o último recenseamento, efectuado em 1950. Desses 26 milhões, 1 mexicano em cada 5 é indígena pela sua cultura e pela maneira como vive; 3 mexicanos em cada 20 falam, além do espanhol, um idioma indígena e cerca de três milhões falam exclusivamente idiomas indígenas, ignorando, por completo, o espanhol. Há, assim, no México, um problema indígena, tal como nos países que possuem, como Portugal, territórios na África ou noutros pontos do globo habitados por populações atrasadas: “o problema de três milhões de mexicanos que não falam o espanhol; que não sabem ler nem escrever; que produzem quase exclusivamente o que consomem e que consomem tão pouco que bem se pode dizer que as suas necessidades apenas se satisfazem no mínimo, de modo que se encontram em estado de crise permanente” (Alfonso Caso, “Indigenismo,” Ed. do Instituto Nacional Indigenista, México, 1958).

Poderão, pois, esses três milhões de mexicanos ser considerados, perante a lei, como iguais, em direitos e em deveres, aos seus compatriotas civilizados?

É esta a pergunta que corajosamente formula, na obra que acima citámos, o dr. Alfonso Caso, que foi reitor da Universidade Nacional do México e que dirige, desde 1949, o Instituto Nacional Indigenista, cujo objectivo é proceder à gradual e prudente integração, na comunidade mexicana, dessas populações de língua e costumes diferentes. Pergunta, aliás, a que ele próprio responde, dizendo que, onde quer que foi aplicada, a igualdade legal entre o indígena e o civilizado só levou, afinal, à exploração económica dos indígenas pelos civilizados. A solução estará, portanto, diremos, numa tutela paternal e vigilante.

“Nada mais perigoso – escreve o dr. Alfonso Caso – do que considerar iguais perante a lei os que pela sua situação social e económica não o são; nada mais perigoso, consequentemente, do que abster-se o Estado de intervir em conflitos entre particulares, considerando que os dois indivíduos em conflito possuem os mesmos direitos e obrigações, quando na realidade, não os possuem.

A igualdade perante a lei só é justa entre iguais. Daqui o erro fundamental do liberalismo, ao ditar leis limitativas e não leis protectoras. É evidente que, quando se trata do menor, da mulher ou do incapacitado, as leis não podem ser simplesmente limitativas, mas, sim, protectoras. Mas também “há desigualdades sociais e económicas que não podemos nem devemos desconhecer e que, enquanto se mantêm, têm que motivar leis protectoras e não simplesmente leis limitativas.”

A esses três milhões de indígenas há, portanto, que lhes dar “um tratamento especial,” como membros que são de comunidades à parte.

E o dr. Alfonso Caso, noutro capítulo do seu livro, depois de repetir que “a igualdade só é justa entre iguais,” vai ao ponto de escrever que “a máxima injustiça é declarar iguais perante a lei aqueles que o não são.” Mas, por outro lado, há que não tratar os indígenas “como se fossem delinquentes”: “o caminho – diz – não é obrigar, é persuadir; não é ordenar, é demonstrar; não é destruir, é transformar.” Por consequência, é reconhecer a comunidade indígena (ou seja: a tribo) como tal e procurar que esta evolucione como um todo, evitando, assim, que o indígena se desintegre e se disperse, o que o perde “como valor de uma cultura” e o submete, sem a preparação necessária para os enfrentar, a um número infinito de dificuldades e perigos numa sociedade que lhe parecerá irremediavelmente hostil e que, na realidade, o será, em certa medida.

Nada de novo, para nós, viemos encontrar – é evidente – no livro do dr. Alfonso Caso, na sua tese. Que esta seja, porém, a tese de um mexicano com as responsabilidades que ele tem e que o

---

<sup>24</sup> DNNB, 2 de fevereiro de 1959; JM, 27 de fevereiro de 1959.

problema do indigenato se ponha em tais termos num país como o México – eis o que nos pareceu, na verdade, digno de ser assinalado.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 24  
REGRESSO A SAN FRANCISCO<sup>25</sup>

SAN FRANCISCO, 19 DE NOVEMBRO – O «meu» San Francisco era, ainda, o de 1945, o da guerra entre o Pacífico e da Conferência Internacional de onde saíram a Carta e a Organização das Nações Unidas. Treze anos volvidos, o San Francisco de 1958 é aparentemente o mesmo, embora com menos soldados nas ruas e menos bandeiras nos mastros. Os mesmos automóveis de luxo continuam a parar à porta dos mesmos hotéis de luxo: O San Francis, que em 1945 foi o hotel de Molotov, e o Mark Hopkins, que foi o de Eden. Nos mesmos “bars,” lindas mulheres – que por certo já não são as mesmas – continuam a pedir os mesmos “cocktails.” No mesmo restaurante francês aonde uma vez, em 1945, veio cear um inquieto e pálido Bidault (já então principiava a desenhar-se a ofensiva geral russo-ianque contra os territórios ultramarinos da França) os norte-americanos continuam a beber o vinho antes das refeições e a acompanhar o bife com um copo de leite ou de água gelada, quando não – o que é ainda mais frequente – com um café aguado que parece dizer-nos do fundo da xícara imensa em que o trazem: “qualquer semelhança, com o líquido que tem este nome no Brasil e na Europa é pura coincidência.” Enfim, na Chinatown, onde à noite os reclamos luminosos são, mais do que nunca, uma festa para os olhos, os mesmos chineses já americanizados e os mesmos japoneses disfarçados de chineses continuam a vender as mesmas lacas, as mesmas porcelanas, os mesmos marfins, as mesmas sedas, os mesmos leques de papel...

Aparentemente, nada mudou. Contudo, este norte-americano que se cruza connosco na rua já não é precisamente o mesmo.

Ao jantar, em casa do cônsul de Portugal, dr. Futscher Pereira, encontro um banqueiro de Nova York que veio há dois ou três anos estabelecer-se em San Francisco – “onde (diz-me ele) se ganha menos dinheiro, mas o clima é melhor.”

O banqueiro quer saber o que se pensa na Europa da situação internacional. Estou, porém, mais interessado em saber, o que ele pensa a esse respeito. E, para medir a sua reacção, descrevo-lhe o que era San Francisco em 1945: sempre que Molotov saía do hotel, as raparigas norte-americanas rodeavam-no, pediam-lhe autógrafos como se ele fosse um actor de cinema, beijavam-no, ofereciam-lhe ramos de flores – e, nas ruas, sempre que passava um oficial soviético martelando o passo com as suas pesadas botas de mujique, os norte-americanos aclamavam-no, davam-lhe pancadinhas amigáveis nas costas, enchiam-lhe os bolsos de cigarros e de chocolates...

– Oh, não! – murmura, entre incrédulo e comprometido, o banqueiro que preferiu o clima de San Francisco ao de Nova York.

Oh, não! É justamente a reacção que eu esperava – a reacção do homem que vive com demasiada intensidade para poder ter boa memória. E está aqui, talvez, a origem de muitas dificuldades que surgem nas relações entre o europeu e o norte-americano. O europeu é um homem “histórico” – cada momento da sua vida lhe traz um ensinamento, de cada episódio da sua existência tira uma conclusão, nada esquece, tudo fixa – enquanto o norte-americano, pelo contrário, passa o dia de hoje a esquecer o que fez ontem e a recomeçar com o mesmo entusiasmo da véspera, persistindo muito embora nos mesmos erros. Se falha, nunca dirá: “Enganei-me.” Por uma questão de princípio, o norte-americano

<sup>25</sup> DNNB, 3 de fevereiro de 1959; JM, 3 de março de 1959.

jamais se engana. As razões do malogro, limita-se a atribuí-las, muito comodamente, ao acaso ou ao destino. O que não há é malogro que o desanime.

E eis uma das grandes virtudes do homem norte-americano. Ele como que nasce todos os dias: todas as manhãs, ao acordar, olha para a vida com o mesmo deslumbramento e com a mesma confiança, enquanto o europeu, pelo contrário, tem no fim de cada dia a sensação de que as vinte e quatro horas que acabam de correr foram vinte e quatro passos que deu no caminho que irremediavelmente nos leva a todos à sepultura. A diferença está em que o europeu pensa na morte e o norte-americano faz tudo para ignorá-la. Talvez por isso é que nos Estados Unidos o luto de uma viúva apenas dura, em regra, três dias. E talvez por isso também é que os cemitérios norte-americanos são os mais esquecidos, os mais abandonados cemitérios de todo o mundo.

Aliás, o norte-americano nunca diz de alguém – que morreu: usando um eufemismo, diz “que passou,” “que seguiu para a frente,” “que prosseguiu no seu caminho.”..

– Oh, não!

Mas, apesar de tudo, este norte-americano já não é o mesmo, exactamente o mesmo de 1945. Apesar de tudo, alguma coisa mudou na sua mentalidade. Apesar de tudo, algo ele aprendeu. Apesar de tudo, ele hoje seria incapaz de encher de cigarros e de chocolates os bolsos de qualquer oficial soviético...

Mas é com um certo sentimento de melancolia que percorro, esta noite, as mesmas ruas de San Francisco por onde andei há treze anos. Eu estava aqui no dia em que os “partigiani” comunistas assassinaram Mussolini, era aqui que eu estava quando Hitler desapareceu sob as ruínas do que fora o soberbo Terceiro Reich, foi daqui, de San Francisco, que assisti ao ruir de todo um mundo. Mas, por desgraça, ainda não foi aqui em San Francisco que os homens acharam a fórmula capaz de nos poupar a novas inquietações e a novas guerras. A estas horas, por estas mesmas ruas, devem andar também a passear os fantasmas de quantos já efectivamente “seguiram para a frente” ou simplesmente morreram para as responsabilidades na política internacional – Molotov, Anthony Eden, Bidault, Stettinius, Alger Hiss...

*DUTRA FARIA*

## JORNAL DE VIAGEM – 25 OS LUSO-AMERICANOS DA CALIFÓRNIA<sup>26</sup>

SAN FRANCISCO, 20 de NOVEMBRO – Quantos portugueses e luso-americanos vivem hoje na Califórnia? Há quem diga quinhentos mil. Mas o Governador Godwin Knight disse ainda há bem pouco tempo que são em todo o Estado nada menos do que um milhão as pessoas de sangue português. O que é um facto é que os Silvas na lista telefónica de Oakland são pelo menos tantos como na lista telefónica de Lisboa e que, enquanto nesta última há apenas dois Dutras, na de San Francisco há dezoito...

Também é um facto que os portugueses e luso-americanos da Califórnia souberam criar e têm sabido manter agremiações poderosas, das quais a maior – a Sociedade Portuguesa Rainha Santa Isabel, organização só de senhoras – dispõe de fundos superiores a dois milhões de dólares, possui sede própria em Oakland e tem mais de 14.000 associados. Outra agremiação também exclusivamente de senhoras – a União Protectora do Estado da Califórnia – igualmente possui sede própria. Tem, esta cerca de 10.000 associados.

Tem, por sua vez, de 12.000 a 14.000 sócios a Federação Fraternal Luso-Americana, resultado (para efeitos culturais e recreativos) da fusão da Sociedade Beneficente da Califórnia com a União

<sup>26</sup> DNNB, 4 de fevereiro de 1959; JM, 5 de março de 1959.

Portuguesa Continental; têm mais de 8.000 sócios quer a União Portuguesa do Estado da Califórnia (com sede em San Leandro) quer a Irmandade do Divino Espírito Santo (com sede em Oakland). Outras grandes agremiações são, ainda, a Associação Protectora União Madeirense do Estado da Califórnia, a Sociedade do Divino Espírito Santo, a Sociedade de Socorros Mútuos Santo António, a Sociedade Santa Maria Madalena. Mas a lista está incompleta. O total das associações portuguesas é de cerca de vinte na Califórnia, incluindo uma de socorros mútuos dos cabo-verdianos, em San Francisco, com mais de 800 sócios.

Todas estas associações actuam como companhias de seguros em benefício dos seus associados (a fusão da União Portuguesa Continental com a Beneficente deu origem, para este efeito, à União Nacional ou United National) e, ao mesmo tempo, desenvolvem actividades de carácter social, tais como bailes, banquetes, “jogos de cartas” e jantares ao ar livre, outros tantos pretextos para se reunirem e conviverem os luso-americanos.

Há ainda os Clubes de Cabrilho (cujo objectivo é facilitar a integração do imigrante recém-chegado na vida norte-americana e dele fazer depressa um eleitor capaz de intervir com o seu voto na política dos Estados Unidos) e as associações locais, proprietárias dos “halls” portugueses, edifícios onde em cada uma das pequenas cidades da Califórnia as famílias luso-americanas se reúnem para as suas festas.

Traços de ligação entre os luso-americanos da Califórnia e Portugal, existem: um semanário de 16 páginas, o “Jornal Português,” hoje dirigido pelo sr. Alberto Lemos – que dedicadamente procura torná-lo digno da grande colónia que serve – e perto de trinta programas radiofónicos em português, que cobrem todo o Estado, menos (e é pena) ao Sul as áreas de Los Angeles e San Diego.

São diários onze desses programas, os quais dois emitidos pela emissora de Oakland, dois pela de Berkeley e os outros um por cada uma das seguintes emissoras: de Palo Alto, de San Rafael, de San José, de Napa, de Hanford, de Turlock e de Modesto.

O programa mais escutado (cerca de 200.000 radiouvintes) e também o emitido por uma estação mais potente é o do terceirense Joaquim Esteves, “Portugal de hoje,” em San José. A “Rosinha” (pseudónimo de Celeste Ávila) inteligentemente dirige, com seu marido, Artur Ávila, o programa “Castelos Românticos,” em Oakland – e é a locutora portuguesa mais popular e mais querida na Califórnia. Soares de Azevedo, veterano da Rádio portuguesa na costa do Pacífico, mantém o seu programa “Ecos de Portugal” em Palo Alto. Joaquim Correia, um algarvio dinâmico, dirige há sete anos na Emissora de Hanford um programa dividido por três períodos de tempo. Durante uma hora o picoense Frank Mendonça fala diariamente com toda a sua franqueza. “Frankly Speaking,” aos 5.000 luso-americanos da área de Turlock, por sinal o centro agrícola dos Estados Unidos onde – diz-me ele – mais perus se engordam e também a cidade norte-americana onde, relativamente ao número de habitantes, há mais igrejas.

Outros nomes a fixar, entre os directores dos programas radiofónicos diários em português, são, ainda, os de Paulo de Albuquerque, Azevedo Santos, Agnelo Clementino, Tomás Dias e John Thomas.

Dos directores dos programas semanais haveria também, que destacar alguns, com justiça. Só por desconhecimento de causa não o faço. Sempre assinalarei, em todo o caso, o casal faialense Morrison, que emite programas de carácter cultural, ao domingo, simultaneamente de Hanford e de Fresno; Inácio Santos, cujo programa me dizem ser dos mais ouvidos no Vale de San Joaquim – e Armando Santos, que possui, em Oakland, mais de 2.000 discos e bobinas com música portuguesa.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 26  
**VOLTAS DO MUNDO PORTUGUÊS<sup>27</sup>**

SAN FRANCISCO, 21 DE NOVEMBRO – Alguém me telefona: Lembra-se de mim? Sou a Áurea Baptista. Conheceu-me em Lourenço Marques.

– Lembro-me perfeitamente.

Áurea Baptista nasceu em Hong Kong, mas seus pais e toda a sua família eram de Macau e a língua que se falava em casa era, sempre, o português. Com a ocupação de Hong-Kong pelos japoneses, tiveram que regressar a Macau. Depois, terminada a guerra, uns volveram a Hong-Kong, Áurea e alguns outros vieram para Lourenço Marques, onde ela seria, sob o duplo patrocínio do Cardeal D. Clemente de Gouveia, e do Governador Gabriel Teixeira, a inigualável animadora de notável obra social – o Clube Feminino.

– Gostava de me encontrar consigo. Será possível?

– Há também uma amiga minha que lhe quer falar. É a Josefina do Canto e Castro. Recorda-se dela? A Josefina não nasceu em Hong Kong, como a Áurea; mas nasceu em Providence, no Estado norte-americano de Rhode Island. Seu avô paterno era da ilha do Corvo, sua avó da ilha de S. Jorge – ambos açorianos, portanto. Seu pai nascera, porém, no antigo San Francisco, o San Francisco da Barbary Coast, o San Francisco do tempo das casas de ópio, dos pesquisadores de ouro e dos “night-clubs” onde todas as noites se ajustavam contas a tiros de revólver.

Aos 27 anos, farto de aventuras, ele partiu para os Açores, no intuito de encontrar ali mulher com quem se casasse. Encontrou. Na ilha de S. Jorge uma rapariguinha de 16 anos, frágil demais e demasiado formosa para viver entre os rudes californianos daquele tempo. Por isso o casal, uma vez de regresso aos Estados Unidos, se fixou em Providence, na costa do Atlântico. Mas a vida em Providence e sobretudo o clima da Nova Inglaterra também não agradaram à açorianazinha e bem depressa – quando a filha, Josefina, ainda nem um ano tinha – embarcaram definitivamente para os Açores.

Foi em S. Jorge, na vila das Velas, que Josefina frequentou a escola de instrução primária; em Angra, na ilha Terceira, que frequentou o Liceu. Mais ou menos da minha idade, ali então a conheci, recitadora e poetisa. Casou, depois, em 1930, com um amigo meu também poeta e hoje redactor do “Jornal Português,” de Oakland.

Quando da viagem do marechal Carmona aos Açores, em 1941, encontrei-os na Horta e Josefina ofereceu-me um livro que acabava de publicar: “Naquele tempo...” – poemas bíblicos.

Quatro anos mais tarde, o casal – com quatro filhos: duas raparigas e dois rapazes – veio para os Estados Unidos. Aqui lhes nasceu, na Califórnia, mais um filho – outra rapariga.

– Então amanhã pela manhã iremos procurá-lo. Pode ser?

– Com certeza, Áurea. Aqui a espero.

O desejo de Áurea era tornar a reunir, algures no mundo, todos os seus, como em Hong-Kong, antes da guerra. Uma sobrinha, casada com um russo, veio para os Estados Unidos. Chamaram-na. Ela não resistiu ao apelo. E em San Francisco como professora de piano, começou a ganhar dinheiro – e, com o dinheiro que ia ganhando, a mandar vir os seus. A família é hoje constituída por dezoito pessoas e dessas dezoito pessoas, quinze, nada menos, já se encontram em San Francisco, incluindo uma ceguinha, irmã de Áurea.

– Sabe? É que estou a compor uma oratória sobre as Aparições de Fátima. A Josefina está a escrever o poema. E queríamos ouvir a sua opinião.

– Gostosamente a darei.

---

<sup>27</sup> DNNB, 5 de fevereiro de 1959; JM, 8 de março de 1959.

Das duas filhas de Josefina, uma casou com um russo, a outra com um austríaco, mas um dos filhos, Raimundo, piloto da Força Aérea dos Estados Unidos, agora em Tóquio, seguiu o exemplo do avô materno – foi também casar aos Açores, com uma senhora do Faial.

– Posso também levar comigo uma amiga minha norte-americana. Miss Adelaide Smithers, que vai traduzir para o inglês o poema da nossa oratória?

– Quem você queira Áurea.

Miss Adelaide Smithers nasceu em New York. O pai era inglês: mexicana, a mãe. Consagrada à acção missionária, Miss Smithers foi durante largos anos secretária, na China, do Arcebispo de Fukian, Monsenhor Labrador, um espanhol. Depois, os comunistas expulsaram-no, com outros missionários.

– Sabe – prosseguiu a Áurea – quando me acudiu esta ideia de compor uma oratória acerca de Nossa Senhora e das suas Aparições na Cova da Iria? Quando os russos lançaram o primeiro Sputnik. Pareceu-me que a música era o melhor meio de que eu dispunha para contribuir, eu, também, para a difusão da Mensagem de Fátima. Tenho trabalhado, aliás, sob a orientação do Prof. Robert Morton, do City College, que se entusiasmou com a ideia, embora não seja católico.

E assim é que em San Francisco duas portuguesas – uma nascida em Hong-Kong, a outra nascida em Providence – estão a escrever uma a música e a outra a letra de uma oratória sobre as Aparições de Fátima, para a Rádio e talvez, depois, também para a Televisão e para a cena.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 27

#### NOTAS SOBRE A IMPRENSA NORTE-AMERICANA<sup>28</sup>

SAN FRANCISCO, 22 DE NOVEMBRO – Hoje, sábado, ao recolher ao hotel, compro no “hall” o jornal com a data de amanhã, domingo. É, aliás, o que faço todas as noites. Hoje, porém, com estas duas diferenças: o jornal pesa quatro ou cinco vezes mais do que nos outros dias – e custa o dobro do preço habitual.\*<sup>29</sup>

O meu diário, aqui, é o “San Francisco Examiner,” da cadeia Hearst: não me posso esquecer de que em 1945 era o único, durante a Conferência das Nações Unidas, que já não acreditava nos bons propósitos e boa fé dos russos. Por isso, ao regressar agora, volvidos treze anos, a esta cidade, regresssei também, fielmente, ao “San Francisco Examiner.”

Ao domingo, propriamente o “San Francisco Examiner” tem 110 páginas de texto e publicidade, mais 12, coloridas, “The Comic Weekly”, com as intermináveis histórias de pequeno Rei, do “Prince Valiant in the days of King Arthur,” do “Coração de Julieta” – “The heart of Juliet Jones” – e da impagável Blondie. Mas, juntamente com o “San Francisco Examiner,” vêm, incluídas nos 20 cêntimos do preço do jornal, nada menos do que três revistas ilustradas: “Highlight,” de 32 páginas, com críticas do cinema, de teatro, de concertos, de discos, de livros, de exposições de arte; “Pictorial Living,” também de 32 páginas e que traz, além de outras colaborações, um “copyright” de John Steinbeck, “The Golden Handcuff,” sobre o “seu” San Francisco: “she is such a personal even subjective city”; e “American Living” – “magazine” de 20 páginas já um pouco sobre o sensacional e o escandaloso.

Título de um dos artigos do “American Living,” ilustrado com o retrato de Debra Paget, Lita Milan, Kim Novak e Zsa Zsa Gabor tão despidas quanto é possível nas páginas de um “magazine” ianque: “Cada escapada do filho de Trujillo custa um milhão de dólares.”

<sup>28</sup> JM, 9 de março de 1959; JM, 9 de março de 1959.

<sup>29</sup> \*São idênticos os números de domingo de todos os diários norte-americanos. A diferença é apenas de peso. Mas o diário que mais pesa aos domingos, nos Estados Unidos, é o *New York Times*.

\* \* \*

No jornal propriamente dito, o assunto que mereceu, na primeira página, título maior e maior gravura foi o julgamento de uma bonita rapariga de 15 anos, condenada a prisão perpétua por cumplicidade activa no assassinio de um rapaz de 17 anos por outro de 20.

Trata-se, aliás, de um tema que inquieta e apaixona os norte-americanos – a delinquência juvenil.

Indo, por sinal, ao encontro desse interesse e dessa inquietação, um redactor do “Telegram and Sun,” de Nova York, George Allen, acaba de levar a cabo uma reportagem assustadora – que foi discutida de um extremo ao outro dos Estados Unidos – depois de se haver apresentado como professor, durante dois meses, num liceu de Brooklyn.

Algumas das alarmantes conclusões a que chegou George Allen:

- Os estudantes dormem nas aulas porque, em regra, passam as noites fora de casa;
- Muitos chegam às aulas, pela manhã, ainda ébrios;
- Os professores calam-se, porque vivem no terror de serem agredidos pelos seus alunos;
- As alunas, sempre no receio de serem atacadas pelos seus colegas, não se atrevem a circular nos corredores do liceu senão duas a duas.

Os Estados Unidos estão assim, a pagar, e duramente, as consequências de quase um século de instabilidade familiar.

Deve notar-se, no entanto, que, mesmo nos Estados Unidos, o liceu de Brooklyn – zona onde as crianças, com o pai e a mãe na fábrica, vivem e crescem entregues a si próprias e em contacto diário com a pior vadiagem – é tido na conta de uma excepção.

\* \* \*

Notícias internacionais, quase não há: dois ou três telegramas sobre a situação em Berlim, uma crónica acerca da noiva do príncipe herdeiro do Japão, duas fotografias com aspectos da colhida de um novilheiro qualquer no México – e é tudo.

Aliás, todos os jornais, nos Estados Unidos, se parecem, a este respeito, com o “San Francisco Examiner.” Todos, menos os quatro que se lêem precisamente para se saber o que vai pelo mundo – o “New York Times,” o “New York Herald Tribune,” o “Washington Post” e o “Christian Science Monitor.” Para os outros, um choque entre dois automóveis na cidade em que se publicam – mesmo que não tenha havido mortos – importa mais do que um terramoto em que morreram 300 ou 400 pessoas, mas na Turquia ou na Pérsia.

\* \* \*

Passo, enfim, os olhos pelas páginas de pequenos anúncios.

Uma companhia de aviação – a American Airlines – pede “stewardesses” que não tenham menos de 20 nem mais de 26 anos; que não meçam menos de 1 metro e 55 nem mais de 1 metro e 76; e que não pesem mais de 60 quilos nem menos de 49.

Para uma “stewardess” ainda a exigência, todavia, se compreende. Mas a um amigo meu admitido como professor de Filosofia num colégio de nível universitário o reitor do colégio declarou:

- Saiu-se muito bem de todas as provas que prestou, menos na do peso. Não é uma prova eliminatória, mas, em todo o caso, aconselho-o a que nos mostre a sua boa vontade, emagrecendo, antes que abram as aulas, aí coisa de meio quilo, pelo menos. O ideal seria, porém, que pesasse 60 quilos, apenas.

No entanto, este filósofo meu amigo – que nasceu na Europa, que veio já professor para os Estados Unidos e que nunca imaginou ter de submeter-se a uma prova prévia de balança para o

exercício do magistério da sua especialidade – não é, positivamente obeso. Mas, pelo sim, pelo não, suprimiu já as omeletas, as sopas, o pão, o açúcar, o leite – e, quando vai ao restaurante, não pede, como qualquer de nós, este ou aquele prato, esta ou aquela sobremesa; diz simplesmente, para a criada:

– Traga-me o almoço de 223 calorias.

Almoço, por sinal, que figura como tal na ementa e que se compõe de um pequeno ‘hamburger’ de duas ou três bolachas de dieta, de um pouco de requeijão e de fruta descascada.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 28

### “NÃO É UMA COLÓNIA CONDENADA, A NOSSA, NA CALIFÓRNIA”<sup>30</sup>

MARCONI, (CALIFÓRNIA) – 23 DE NOVEMBRO – Sobranceiro à pitoresca aldeia de pescadores que se debruça para a baía de Tomales, ergue-se um conjunto imponente de edifícios, dos quais o maior é um hotel de dois andares com cerca de cinquenta quartos, que lembra um pouco, na arquitectura e no tamanho, o de Petrópolis.

É a Marconi. Foi aqui, com o apoio do Governo norte-americano, que Marconi realizou, a partir de 1912, as últimas experiências que levaram à descoberta da radiotelegrafia.

Só a construção do hotel custou ao Estado, no tempo, 226.000 dólares. Hoje, custaria pelo menos um milhão. Pois tudo isto é agora propriedade exclusiva de um português. Este hotel, estas moradias, numa das quais viveu Marconi, estes campos, a própria aldeia de pescadores, em baixo, junto às águas quietas da baía – tudo isto, que talvez represente, não sei, um capital de dois ou três milhões de dólares, pertence agora exclusivamente ao dr. Carlos Fernandes, médico em Oakland.

O hotel, por enquanto, está desocupado. Das moradias, apenas uma está habitada. Noutra passa o dr. Carlos Fernandes, com a família, os seus fins-de-semana. Mas é com um orgulho de proprietário que ele nos mostra o conjunto de edifícios, as enormes cozinhas do hotel, os seus vastos salões. E – não há dúvida – acabamos também por nos sentirmos orgulhosos. Orgulhosos por ser um português o dono de uma tal propriedade – e orgulhosos, ainda, por esse português ser um amigo nosso, mesmo já, de certo modo, um velho amigo.

Com efeito, em 1945, quando a Conferência das Nações Unidas nos trouxe a San Francisco, foi o dr. Carlos Fernandes um dos portugueses com que mais convivi. Ainda me lembro, por exemplo, do dia em que ele entrou pelo meu quarto do hotel com cinco garrafas de Porto debaixo de um braço, cinco garrafas de Madeira debaixo do outro:

– Tome, disse. – E dê de beber aos seus amigos jornalistas. Alcançam-se assim dois objectivos: destrava-se-lhes a língua e ficam a conhecer os nossos vinhos...

– Agora, inverteram-se os papéis: eu é que pretendo destravar-lhe a língua, levá-lo a falar – entrevistá-lo, enfim. O que não é fácil. E não porque o dr. Carlos Fernandes seja homem de poucas falas. Pelo contrário, fala tanto, e com tanta animação e tanto entusiasmo, que é difícil, quase impossível, mesmo, achar intervalo em que se lhe faça qualquer pergunta. Mas o seu tema predilecto – a Marconi e o que vai ser, nas suas mãos, o futuro desta propriedade – não é precisamente aquilo sobre que mais desejo ouvi-lo.

Finalmente, depara-se-me uma oportunidade – e pergunto-lhe à queima-roupa se ele acha que a colónia portuguesa na Califórnia é uma colónia condenada a dissolver-se na sociedade norte-americana.

<sup>30</sup> DNNB, 9 de fevereiro de 1959; JM, 14 de março de 1959.

– Não – responde, energicamente. – Acho que não. Acho que tem ainda potencialidades inexploradas. Acho que poderá ainda manter-se por largos anos com as suas características, as suas tradições, o seu carácter, a sua individualidade. A língua, sim, é que está em perigo. Em perigo, por um lado, porque, pelo outro, graças à importância crescente do Brasil, aumenta o interesse dos norte-americanos pelo ensino do português. E os filhos dos portugueses apercebem-se, assim, de que tem um valor a língua que herdaram (os que a herdaram) de seus pais. Além disso, começa-se também a falar intensamente, nos Estados Unidos, da nossa África: outro motivo para que se aprenda aqui o português.

E o dr. Carlos Fernandes, que em 1923 foi o secretário da comissão de inquérito que, chefiada pelo dr. Quirino de Jesus, visitou Angola, tem, então, uma frase que reproduzo textualmente:

– Portugal foi como o português da Califórnia: todos diziam que as suas terras nada valiam, mas ele soube mantê-las e hoje tem-nas valorizadíssimas. Agora, para Portugal, chegou o momento. O que é preciso é aproveitar a maré...

Mas não é positivamente sobre a África que eu quero ouvir o dr. Carlos Fernandes, cujo prestígio há muito o ergueu à posição dos “leaders” mais respeitados e mais ouvidos da colónia. E pergunto-lhe:

– Que será preciso, para manter os portugueses da Califórnia e os luso-americanos ligados a Portugal?

– Manter bem vivos e bem fortes, cada vez mais vivos e mais fortes, os nossos valores – responde. E prossegue: Para esse efeito é inestimável a contribuição prestada pelos nossos programas de Rádio, apesar de todas as suas deficiências. E também é absolutamente necessário o jornal. Um jornal, pelo menos. Mas do que sobretudo precisávamos na Califórnia era de mais sacerdotes que falassem a nossa língua, vindos de Portugal ou do Brasil. Os que temos (Monsenhor Silva e Monsenhor Martins; o rev. Mário Cordeiro, pároco da igreja portuguesa das Cinco Chagas; um sacerdote brasileiro, o rev. dr. Edgard Rocha) são óptimos; mas são tremendamente poucos.

E o dr. Carlos Fernandes, que veio para os Estados Unidos em 1924, mas de quem Ferreira de Castro, quando por aqui passou, escreveu que a distância criou nele um estado de permanente exaltação patriótica – abençoada exaltação, acrescentaremos – conclui:

– Enfim, mesmo com poucas igrejas e com poucos sacerdotes, não é uma colónia condenada, a nossa. Pode crê-lo.

Assim terminou a entrevista com um homem de quem um escritor brasileiro – parece-me que foi o Erico Veríssimo, mas não tenho a certeza – disse que era o mais brasileiro dos portugueses dos Estados Unidos e o mais português dos cônsules do Brasil. Porque, além de tudo o mais, o dr. Carlos Fernandes é, ainda, vice-cônsul honorário do Brasil em San Francisco.

*DUTRA FARIA*

### JORNAL DE VIAGEM – 29 NO VALE DE SAN JOAQUIN<sup>31</sup>

HANFORD, CALIFÓRNIA, 24 DE NOVEMBRO. – São sete horas da manhã quando chego ao “rancho” de Frank Martins, onde acabam de ser mungidas – pelos processos mecânicos que todos os “ranchos” norte-americanos agora adoptam – as suas 280 vacas. Com um blusão de coiro e calças de caqui, o proprietário ajuda os seus homens na distribuição do feno ao gado – primeiro às vacas, depois aos bezerros. É um homem alto e forte de pouco mais de quarenta anos. Cabelo entre o loiro

<sup>31</sup> DNNB, 10 de fevereiro de 1959; JM, 17 de março de 1959.

e o branco, olhos claros, rosto que o frio da manhã avermelhou, parece ser um flamengo. Sei, porém, que é açoriano ou descende de açorianos: e pergunto-lhe qual é a sua ilha.

– A Terceira – responde. E acrescenta, com um sorriso:

– Nós, aqui no Vale de San Joaquim, para estes lados de Hanford e Tulare, somos quase todos “terceiras.”

– Também eu – digo. Mas insisto: – Onde nasceu? Em Angra ou no campo?

– Oh, não. Eu, lá nascer, já nasci aqui. Os meus pais é que nasceram na Terceira.

Tem outro “rancho” com outras 280 vacas e vastos campos onde cultiva o algodão (“o algodão – diz – dá agora mais do que o leite”) este luso-americano casado com uma senhora também luso-americana (cujos pais vieram de S. Jorge) é pai de três jovens, das quais a mais velha tem 16 anos.

Pescador e caçador, todos os anos o Frank passa umas férias, com a família, ou no golfo do México, ou nas Montanhas Rochosas. Fala sem esforço o português, mas nunca foi a Portugal – e as filhas quase já só falam o inglês.

\* \* \*

– Esta é a situação de quase todas as famílias luso-americanas do Vale de San Joaquim – diz-me, depois, o dr. Raul de Campos, médico português de grande prestígio em toda a região.

É também ele quem me conta que os primeiros portugueses chegaram a este vale, vindos de outros Estados, aí por volta de 1870. Eram pastores de ovelhas, oriundos, quase sempre, da ilha do Pico, nos Açores. Os primeiros que de Portugal chegaram, porém, directamente, vieram em 1880. Hoje, portanto, existem famílias luso-americanas estabelecidas aqui há quatro e há cinco gerações. E o que sucede no vale sucede, afinal, em toda a Califórnia. Não é, pois, de admirar que o “mayor” de Sacramento se chame Clarence Azevedo e não conheça nem uma só palavra de português, embora outro “mayor,” o de Artesia, Jack Bettencourt, em português tenha saudado o Embaixador de Portugal em Washington, dr. Esteves Fernandes, quando este há pouco veio à Califórnia.

Já havia por aqui portugueses quando foram assentes os “rails” do “Central Pacific Railroad,” já os havia quando se ergueram as primeiras casas de madeira do aglomerado de que surgiu, largos anos depois, a cidade de Fresno. Uma vez no vale, os pastores de ovelhas descidos das montanhas transformaram-se em criadores de gado vacuum – e ainda há 50 anos 95 por cento dos portugueses fixados na região se dedicavam exclusivamente à criação de gado. Mesmo hoje, embora muitos luso-americanos se dediquem agora à cultura do algodão (ou a outras) e muitos outros tenham preferido estabelecer-se nas cidades como comerciantes e pequenos industriais, 60 por cento do leite recolhido pela cooperativa de Tulare e 75 por cento do recolhido pela de Leemore vem de “ranchos” de luso-americanos.

Por outro lado, o valor do algodão produzido pelos luso-americanos só em três condados – Fresno, Kings e Tulare – foi, na última colheita, superior a 65 milhões de dólares e a receita líquida por esses mesmos luso-americanos obtida (do algodão, dos outros produtos agrícolas e dos lacticínios) situou-se na ordem dos 25 a 30 milhões.

– Creio – diz o dr. Raul de Campos – que isto lhe dará uma ideia do que valem e podem os luso-americanos do Vale de San Joaquim. Ricos, de ninguém precisam, nem politicamente, nem economicamente. Mas esta não é uma razão para que Portugal os esqueça, os abandone, tanto mais que, se os abandonar, dentro de 40 ou 50 anos já não haverá luso-americanos na Califórnia, apenas norte-americanos que talvez tenham ainda uma lembrança (mas vaga, muito vaga, mesmo) da sua origem portuguesa.

– Mas como se há-de proceder – pergunto – para que os luso-americanos da Califórnia não se sintam abandonados?

– Reconhecerem-lhes, em Portugal, o esforço, a obra que têm realizado...

E vem um dado impressionante:

Só para o nivelamento dos seus campos, nivelamento indispensável para efeitos de rega, removeram os portugueses e luso-americanos do Vale de San Joaquim mais terra do que a deslocada aquando da abertura do Canal do Panamá.

– Porque não se há-de organizar, por exemplo de três em três anos, o Congresso do Mundo Português? – pergunta, depois, o dr. Raul de Campos. E continua: – Reunir-se-iam, nesse congresso, portugueses dos Estados Unidos, do Brasil, do Canadá, da Venezuela, da Argentina, do Congo Belga, da África do Sul. Evidentemente, as figuras de maior relevo, de maior projecção, em cada colónia, convidadas pelo Governo português. E mais quantos quisessem ir espontaneamente participar nos trabalhos do congresso. Mas até mesmo os convidados pagariam gostosamente as suas passagens. Os luso-americanos por exemplo, nada pedem, nem querem que lhes paguem nada; apenas desejam que Portugal tenha, para com eles, um gesto de simpatia, mostre que os aprecia e que os estima.

Isto ouvi ao dr. Raul de Campos, médico português (nasceu no Fundão) cuja influência, entre os luso-americanos do Vale de San Joaquim, ninguém contesta.

O que o Frank Martins quer, o que desejam todos os Franks Martins espalhados por estes “ranchos” e por estas “farms” – é que Portugal mostre que os estima. Na verdade, estima-os. Resta, agora, demonstrá-lo – e um dos caminhos para o fazer é, parece-me, o que soube apontar o dr. Raul de Campos. Efectivamente, porque não se há-de organizar – com qualquer periodicidade – o Congresso do Mundo Português ou o Congresso do Português do Mundo?

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 30 UM ALMOÇO EM OAKLAND<sup>32</sup>

OAKLAND, CALIFÓRNIA, 25 DE NOVEMBRO. – Há em Oakland imigrantes de cinquenta e quatro nacionalidades diferentes. Cinquenta e quatro comissões de recepção foram, assim, criadas pelo “mayor” da cidade, mr. Clifford Rishell, as quais têm por encargo trazer a Oakland todas as individualidades de algum relevo nos seus respectivos países que venham à Califórnia.

Os portugueses, que só na cidade são cerca de 10.000, figuram numericamente, em terceiro lugar entre os núcleos de imigrantes, depois dos chineses (os mais numerosos) e dos italianos, mas antes dos próprios irlandeses. Não admira, portanto, que a respectiva comissão de recepção seja uma das mais activas – creio mesmo que a mais activa. Consituem-na o dr. Marcy (Marcelino) da Costa, luso-americano, o dr. Carlos Fernandes, madeirense, e os srs. Alfredo Gomes, também madeirense, John Valim, luso-americano, Artur Ávila, picoense. Todos, menos o dr. Fernandes, com suas esposas: “quatro casais e meio” – dizem eles.

O dr. Marcy da Costa é filho de açorianos e fala de Angola e de Moçambique – onde desempenhou cargos consulares, durante a guerra, ao serviço da sua pátria norte-americana – com um entusiasmo equivalente ao meu; o dr. Carlos Fernandes é um bom amigo desde que andei por estas mesmas paragens em 1945; Artur Ávila e sua mulher (Celeste Ávila, a “voz de oiro” da Rádio portuguesa da Califórnia) são também queridos amigos nossos.

Compreende-se, pois, que me tenham promovido a jornalista ilustre e convidado para um almoço com o “mayor” – e que, antes do almoço, mr. Rishell, no seu gabinete do City Hall, me tenha entregue, na presença de um repórter e de um fotógrafo do “Oakland Tribune,” nada menos do que a “chave da cidade.” Para mais, mr. Rishell, que já esteve, como convidado oficial do Governo português, em Lisboa, em Angola e em Moçambique, e que tem muitos amigos portugueses, entre os quais o

<sup>32</sup> DNNB, 11 de fevereiro de 1959; JM, 22 de março de 1959.

comodoro Sarmento Rodrigues, o tenente-coronel Salvação Barreto, o capitão Agostinho Lourenço, torna generosamente extensivas a todos os portugueses que o visitam esta amizade e a sua admiração por quanto é lusitano.

O almoço realiza-se num típico restaurante do porto de Oakland – “The Sea Wolf.” Além do “mayor” e da comissão de recepção, vieram, ainda, o cônsul de Portugal em San Francisco, dr. Futscher Pereira; o redactor-chefe do “Oakland Tribune”; mr. Daniel Collins, secretário do “mayor”; e os srs. Alberto Lemos e Francisco do Canto e Castro, do “Jornal Português.”

Os camarões da baía estão deliciosos. O vinho é da Bairrada. Marcy da Costa traduz admiravelmente do inglês para o português e do português para o inglês, o brinde do “mayor” e o meu. O café não é dos piores que tenho bebido nos Estados Unidos. O “ice-cream” sustenta os seus créditos de maravilha n.º 2 da civilização norte-americana – uma vez que a maravilha n.º 1 é o leite. E, logo que damos por terminado o almoço, mr. Rishell, que me reservava esta surpresa, mete-me no seu automóvel, leva-me à mais antiga taberna da cidade – “First and last chance.”

É um velho barracão de tábuas mal ajustadas, sem electricidade, ainda alumiado por lampiões de acetilene e com as paredes interiores forradas de fotografias de bilhetes de visita. Mesas, cadeiras, o balcão do estabelecimento, três barris de cerveja, mesmo o proprietário, mr Reynold, um sorridente e rubicundo germano-americano – tudo é, por igual, velho, insolitamente velho neste país que vive na superstição do novinho em folha.

Simplemente, tem uma história esta taberna – e nos Estados Unidos tudo quanto tem uma história se respeita e se conserva. Aqui escreveu algumas das suas páginas Jack London, que nascera em San Francisco, mas que viveu em Oakland até embarcar como tripulante de um lugre e que, depois, sempre que chegava a este porto, vinha logo. À “First and last chance.”

Também Robert Louis Stevenson, veio aqui muitas vezes, durante uma escala de cinco semanas, na sua última viagem aos mares do Sul.

Outros frequentadores famosos da taberna foram ainda, o patriarcal poeta Joaquim Miller, Rex Beach, o comandante Alex McLean. Mas hoje este velho barracão de tábuas mal ajustadas, que cheira a cerveja e a “whiskey” barato, é frequentado principalmente pelos turistas com alguns fumos de literatura. Deve-se confessar, porém, que o local tem, na verdade, o seu encanto, a sua poesia – sobretudo quando em contraste com tudo quanto o cerca, com tudo quanto se vê de rutilantemente novo nos Estados Unidos.

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 31 UM “MAYOR” QUE É UM GRANDE AMIGO DE PORTUGAL<sup>33</sup>

OAKLAND, CALIFÓRNIA, 26 DE NOVEMBRO – Aqui estou de novo com o “mayor” de Oakland, mr. Clifford Rishell, no seu austero gabinete do City Hall.

Chegamos de uma visita à redacção do “Oakland Tribune,” que em tiragem ultrapassa qualquer dos jornais de San Francisco, só havendo três diários, no país, com tiragem superior. Propriedade do pai do senador Knowland, o “Oakland Tribune,” que é um vespertino, lança diariamente cinco tiragens, três na área de Oakland, uma na área de Alameda, outra na área de Berkeley. O número de páginas inteiramente modificadas, de edição para edição, é, em regra, de oito.

Clifford Rishell continua a falar-me de Portugal. Nunca encontrei um norte-americano tão nosso amigo – com tanto entusiasmo pelas coisas portuguesas. E no entanto não há nas veias do “mayor”

<sup>33</sup> DNNB, 12 de fevereiro de 1959; JM, 25 de março de 1959.

de Oakland nem uma gota sequer de sangue português. É um norte-americano dos Estados do centro, um homem de ascendência irlandesa ou escocesa. Maior valor tem, portanto, o seu depoimento:

– Andei com os olhos bem abertos e por toda a parte, em Portugal; nunca vi que o povo português vivesse subjugado pela força ou dominado pelo medo, pelo terror ou pela ameaça; ao contrário, sempre aí encontrei, nas relações entre os homens, amizade, respeito mútuo, mútuo entendimento. E prossegue:

– Depois de anos que foram praticamente de nenhum progresso para Portugal e para o povo português, é evidente que se alcançaram vantagens que ainda há relativamente pouco tempo deveriam parecer impossíveis, aos olhos dos portugueses.

Outra afirmação de mr. Rishell:

– Em resumo, trata-se de um pequeno grande país que está a lutar com os seus próprios meios e recursos, para conseguir o seu lugar ao sol. E que está a realizar vastos planos, cuidadosamente elaborados.

E acrescenta:

– Planos que não se limitam à parte europeia de Portugal, pois fomos também encontrá-los, em plena execução, quer em Angola, quer em Moçambique.

Da sua viagem por terras portuguesas da Europa e da África trouxe, aliás, o “mayor” de Oakland provas de tudo quanto afirma: centenas de fotografias, alguns filmes e cerca de 250 “transparências” em que soube surpreender, para além dos aspectos de um evidente progresso material, momentos flagrantes da vida quotidiana de um povo “que ama a paz e o trabalho.” Pois tudo isso tem sido projectado e explicado repetidas vezes por mr. Rishell a milhares de pessoas, em salas apinhadas, nas sedes de agremiações norte-americanas. Foram, assim, alguns milhares os norte-americanos que, graças aos filmes e às “transparências” do “mayor” de Oakland, travaram conhecimento com Portugal, com os seus monumentos, com as suas cidades, com os costumes típicos do seu povo, com as suas paisagens das escarpas do Douro e da ria de Aveiro – mas sobretudo com a obra que os portugueses erguem na África, dia a dia, pacientemente; barragens, pontes, caminhos-de-ferro, cais, experiências e colonização europeia em grande escala. Tudo isto o “mayor” vai mostrando, tudo isto o “mayor” explica, com esta simplicidade de linguagem que é um segredo dos norte-americanos:

– “After leaving Nova Lisboa, we journeyed by DC-5 to Cala, which is a village in the middle of Angola being developed by Portuguese farmers. This is our reception party at the airport.”

Despeço-me, enfim, do “mayor,” com um abraço e, ao reparar na pequena chave que lhe segura a gravata, digo-lhe, a rir, numa alusão à “chave da cidade” que ontem recebi das suas mãos:

– Também tenho uma, mas é maior...

Imediatamente me entrega a que lhe segurava a gravata:

– Gosta? Tome lá.

É em vão que protesto, que não quero aceitar...

– Um dia – conta – disseram-me que eu trazia uma bonita gravata. Dei-a imediatamente a quem a achara bonita. É o meu feitio.

Saio. Na antecâmara do gabinete do “mayor” há umas seis ou oito molduras, pelas paredes. Uma é o diploma que confere a mr. Clifford Rishell a comenda da Ordem Militar de Cristo. Outra é o diploma que declara mr. Clifford Rishell cidadão honorário de Lisboa. Outra, enfim, é uma esplêndida gravura do século XVIII, que nos mostra Lisboa antes do terramoto. Como se vê, Portugal não está, aqui, mal representado.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 32  
CEDER, PARA VENCER<sup>34</sup>

SAN FRANCISCO, 27 DE NOVEMBRO. – As perguntas que fiz ao dr. Carlos Fernandes em Marconi e ao dr. Raul de Campos em Hanford, essas mesmas perguntas fi-las também, e por mais de uma vez, a mim próprio, desde que cheguei aqui à Califórnia:

– Por quanto tempo será ainda possível manter espiritualmente ligados a Portugal os luso-americanos da costa do Pacífico? E que se poderá fazer, como se deverá proceder, para que se evite ou pelo menos (do mal, o menor) se retarde o momento em que se perca, entre estes luso-americanos, mesmo a memória, o nome de Portugal?

É um facto incontestável que a integração na vida norte-americana se efectua, se opera, hoje, muito mais rapidamente do que até agora; os netos dos portugueses que vieram há meio século quase que já falam só o inglês, mas o que é de admirar (e talvez de censurar) é que também desconheçam já o português os filhos dos portugueses que vieram há meio quarto de século apenas ou há menos tempo ainda.

Para o facto há, no entanto, uma explicação – e a explicação está em que as famílias luso-americanas, ou simplesmente se dispersaram, ou constituem hoje núcleos muito menos homogêneos e muito menos herméticos do que os de há cinquenta anos. Está em que, mais do que o Cinema e muito mais do que a Rádio, a Televisão actua como um poderoso factor a favor da integração na vida norte-americana. Está em que todos os filhos e netos de portugueses frequentam, hoje, a escola e o liceu norte-americanos, o que outrora, sem automóvel que encurtasse a distância entre o “rancho” e a cidade, nem sempre acontecia. E está, ainda, em que os próprios “leaders” da colónia nem sempre dão o exemplo que se impunha, ensinando aos filhos o português, obrigando-os, pelo menos em casa, à prática do português. Como se poderá, pois, estranhar que apenas conheçam aí uma dúzia de palavras portuguesas tantos dos filhos do criador de gado ou do lavrador do Vale de San Joaquim, quando já nem os pais nasceram em Portugal?

“A língua está em perigo” – disse-me o dr. Carlos Fernandes. Irei até mais longe – direi mesmo que o idioma português, entre os luso-americanos da Califórnia, está a morrer. E não creio, sinceramente não creio que o possamos salvar – pelo menos de um dia para o outro. Mesmo que abrissem escolas, os filhos e netos de portugueses, desinteressados como estão hoje da sua pátria de origem, fascinados como se encontram pelo que tem de fácil e de agradável a vida no grande país em que nasceram, não as frequentariam...

Se quisermos reagir eficazmente contra a tendência, que sobe, para o esquecimento de Portugal, não será por aí, não será pela escola que deveremos começar. Teremos primeiro que ceder, para vencer, depois. Teremos que ir ensinar aos filhos e netos de portugueses, através da Imprensa, da Rádio, da Televisão e do Cinema, não da escola, o que é Portugal – **mas em inglês**. Teremos que lhes dizer por que motivos podem legitimamente orgulhar-se da sua ascendência – e não escondê-la como se dela se envergonhassem. Teremos, além disso, que os convencer de que o conhecimento do português é um capital susceptível de lhes render altos juros no Brasil ou na África; teremos que os interessar nas perspectivas e possibilidades da comunidade luso-brasileira, que os persuadir de que, para quem tenha o espírito dos antigos primeiros, o Far-West de hoje são as selvas do Amazonas e os sertões de Angola. Mas tudo teremos que fazê-lo em inglês – predominantemente em inglês, pelo menos – e tanto quanto possível com a palavra apoiada pela imagem sugestiva.

\* \* \*

---

<sup>34</sup> DNNB, 13 de fevereiro de 1959; JM, 1 de abril de 1959.

O sr. Manuel Reis, outro dos “leaders” da colónia, disse-nos que a Federação Luso-Americana procura sobretudo chamar os jovens a participar nas suas actividades – e que elabora presentemente um programa de bolsas de estudo, graças ao qual todos os anos alguns estudantes luso-americanos da Califórnia possam frequentar pelo menos os cursos de verão das Universidades portuguesas.

Que leve por diante, estes bons propósitos – são os meus votos.

Se perdermos agora a juventude luso-americana, teremos perdida para Portugal, e antes ainda dos quarenta anos de que nos falou o dr. Raul de Campos, toda a comunidade luso-americana.

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 33

### RECUPERAR – UM VERBO QUE É A CHAVE DE UM PROBLEMA<sup>35</sup>

SAN FRANCISCO, 28 DE NOVEMBRO. – Em contraste com o crescente desinteresse manifestado pelos filhos e netos de portugueses, relativamente a Portugal e ao idioma português, mantêm-se fieis às suas tradições e ao seu portuguesismo as antigas sociedades fraternais.

Há quem diga que essas associações – bem poderosas, algumas – se anquilosaram irremediavelmente, cortaram todas as pontes com a juventude luso-americana, destruíram por isso mesmo todas as possibilidades de sobreviverem àqueles que hoje as dirigem. E há quem pense, na mesma ordem de ideias, que o único processo de se evitar a sua sorte seria, pois, a sua transformação – uma transformação que lhes injectasse sangue novo, que, portanto, as rejuvenescesse.

O problema é daqueles sobre que não será possível a quem quer que seja pronunciar-se com segurança e pleno conhecimento de causa ao fim de meia dúzia de dias passados na Califórnia e depois de se ter ouvido meia dúzia de pessoas, apenas. Em todo o caso, se me é permitido ter uma opinião pessoal a este respeito e dizê-la francamente – opinião do jornalista que é talvez o que mais insistentemente e desde há mais tempo vem chamando a atenção de Portugal para estes portugueses da costa do Pacífico – pois bem, nesse caso sempre direi que não gostaria de ver desaparecer as antigas sociedades fraternais portuguesas, mesmo que fosse para darem lugar a organizações mais vastas, mais complexas e mais eficientes, onde os associados colhessem porventura maiores vantagens, mas onde, por outro lado, o que ainda persiste de português nessas sociedades (e tanto é!) teria de ser sacrificado ou pelo menos posto em perigo. Se essas agremiações tiverem, efectivamente, de morrer, então que morram com o seu último associado, como a fortaleza que só é tomada quando cai o último soldado.

Este heroísmo que me atrevo a preconizar – sem ter, no entanto, a pretensão de conhecer o problema sob todos os seus aspectos – creio, porém, que perfeitamente poderá coexistir com a política que outras agremiações mais novas e acaso dotadas de maior dinamismo e maleabilidade venham a desenvolver, tendo por objectivo atrair os jovens luso-americanos, trazê-los de novo ao convívio com a língua, com a cultura e com as tradições portuguesas.

Mas não basta só atrair os jovens. Há elementos de valor, integrados na vida norte-americana, que não escondem a sua ascendência portuguesa – como, por exemplo, o “mayor” de Sacramento – mas que já nada conhecem de Portugal, que sobretudo nada sabem do Portugal de hoje.

Foi de certeza com o pensamento nesses homens que o dr. Raul de Campos, na entrevista que me concedeu, sugeriu que se realizasse com qualquer periodicidade – de três anos, por exemplo – o Congresso do Mundo Português ou do Português no Mundo. É uma sugestão em que se deve atentar – que merece ser adoptada e levada a cabo. Seria, além do mais, o meio de recuperar essas figuras luso-americanas hoje distraídas de Portugal, mas que, em momentos de crise ou de pressão externa, como

<sup>35</sup> DNNB, 16 de fevereiro de 1959; JM, 5 de abril de 1959.

foram, ainda há bem pouco, os de Goa, podem prestar à sua pátria de origem, em solidariedade e em apoio, os mais úteis e mais altos serviços.

Reparo que empreguei o verbo “recuperar.” Creio que é, na verdade, o verbo mais adequado, o que melhor exprime e condensa o problema da comunidade luso-americana da Califórnia.

Deve, todavia, reconhecer-se que a partir de certo momento, depois de largos anos de completo alheamento, os representantes diplomáticos de Portugal nos Estados Unidos têm prestado a este problema a devida atenção. O dr. Pedro Teotónio Pereira foi, por exemplo, o primeiro embaixador nosso que os portugueses do Vale de San Joaquim viram nas suas terras, o primeiro que entrou nas suas casas, o primeiro que se sentou à sua mesa. E o dr. Esteves Fernandes, actual embaixador, já visitou a Califórnia duas vezes, pelo menos.

Quanto ao interesse que tem Portugal em que não se apague, entre os luso-americanos da Califórnia, a chama do portuguesismo – não há sequer que referi-lo. Esse interesse nunca vacilou. O que talvez em algumas ocasiões aconteceu foi que se desperdiçaram ou se dispersam esforços, na incerteza do caminho a seguir e à míngua de um plano delineado com firmeza e de uma acção em conjunto que a esse plano obedecesse, sem desvios.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 34 NA CAPITAL DE UM IMPÉRIO<sup>36</sup>

WASHINGTON, 29 DE NOVEMBRO. – Disse eu esta manhã “adeus” a San Francisco e antes de me deixar em Washington o avião que nos trouxe desceu por meia hora em Chicago sob uma tempestade de neve. Aqui em Washington a neve ainda não cobre os passeios nem os telhados, mas sopra um vento que enregela e põe desertas as ruas, como se a capital dos Estados Unidos fosse uma cidade morta, uma cidade que os homens tivessem abandonado há séculos, deixando vazios de toda a presença, de todo o sinal de vida, estes edifícios monumentais, greco-romanos, que são bibliotecas, ministérios, museus, tribunais, arquivos...

Foi com pena que parti de San Francisco. Aquela cidade tem, com efeito, qualquer coisa que nos prende, que nos seduz. Talvez por isso é que para San Francisco – como, na outra costa, para a Flórida – convergem de todos os pontos do país milhares de viúvas idosas. Alguém disse uma vez que são as viúvas, nos Estados Unidos, quem efectivamente governa. Não irei tão longe. Mas, em San Francisco, são as viúvas, não há dúvida, quem enche os grandes armazéns e os restaurantes, as pastelarias e os “drug stores,” as “cafeterias” e as casas de chá. Há clubes “só para senhoras.” E a determinadas horas não se vêem, nas ruas, nem um homem, nem uma rapariga – senhoras de idade, apenas, aos grupos de quatro, de cinco, de seis... Senhoras que me fitavam severamente como se estranhassem que um homem se atrevesse a invadir-lhes os domínios, a andar também pela rua às horas a que os outros homens trabalham...

Antes me queria, porém, único homem nas ruas de San Francisco entre milhares de severas damas de avançada idade, do que agora nas ruas de Washington, único homem na cidade abandonada, deserta, por onde cavalga o vento com uma foice de gelo.

\* \* \*

Washington é a capital silenciosa de um país que fala alto e que o ruído das máquinas enche de extremo a extremo. Aqui não há chaminés de fábricas, nem jornais de escândalo. Dizem-nos que o

<sup>36</sup> DNNB, 17 de fevereiro de 1959; JM, 14 de abril de 1959.

FBI possui, nos arquivos da Secretaria da Justiça, as impressões digitais de 130 milhões de norte-americanos – e que no Pentágono se guardam os planos de não sei quantas armas secretas, capazes de aniquilar em meio segundo toda a vida à superfície do globo.

Mas o que vemos – são estátuas, monumentos, amplas escadarias, soberbas colunatas de mármore, obeliscos, zimbórios, tudo isto disposto numa ordem perfeita, geométrica, inexorável de harmonia e de clássica beleza.

Sim. Na primavera, Washington tem outro encanto. As árvores reverdejam e afagam os mármore, aquecem-nos, como que os acordam. Mas não se vê como agora o que houve de friamente intencional no desenho da cidade – um desenho que deve ter tido sobretudo por intenção levar os governantes norte-americanos ao gosto pelo equilíbrio e pelo método, neles se inspirar salutaros sentimentos de prudência e de ordem, tranquilizar o seu espírito, atenuar as suas preocupações. Tudo, aqui, está, efectivamente, no seu lugar – e nada a mais ou a menos. Só estranhamos, defronte do Supremo Tribunal, que os juízes não se cubram com a toga, ao subirem aquelas escadas solenes – ao mergulharem na penumbra que cerca aquelas colunas severas.

\* \* \*

Entretanto, nos seus brancos templos de mármore da Pensilvânia, velam sobre os destinos da pátria os deuses tutelares da democracia norte-americana: Thomas Jefferson, de pé sobre um pedestal talhado em granito negro do Minnesota; Abraham Lincoln, sentado, mas na atitude enérgica de quem vai erguer-se e fulminar os povos com os raios da sua indignada eloquência.

\* \* \*

Não há dúvida, os Estados Unidos, ao erguerem esta cidade tiveram a intuição daquilo para que o destino os guardaria. Washington é bem, com efeito, a capital de um império. E apesar do vento que sopra, e que enregela, tudo isto acaba por se animar, para espanto dos nossos olhos – e já não é Washington, é Roma esta cidade que se desdobra aos nossos pés, com os seus templos, os seus imponentes palácios, as suas vias triunfais, os cemitérios imensos, onde dormem legiões de heróis.

Entretanto, um relâmpago de inquietação perpassa no rosto anguloso de Lincoln.

No olhar de Jefferson há, por sua vez, um luaceiro de tristeza.

Não estão contentes os deuses tutelares da democracia. Mas a verdade é que não são as estátuas quem governa os povos.

*DUTRA FARIA*

### JORNAL DE VIAGEM – 35 **BAILADOS RUSSOS NA BROADWAY<sup>37</sup>**

NOVA IORQUE, 30 DE NOVEMBRO – A Nadezhda Nadezhdina, que foi uma das mais destacadas figuras do “ballet” do Teatro Bolshoi de Moscovo e que depois fundou esta companhia de bailados folclóricos russos “Beryozkn,” agora trazida pelo famoso empresário Hurok à Broadway, um jornalista perguntou se entre a base rítmica tradicional dos seus bailados e a respectiva execução era grande a distância.

A resposta da bailarina e coreógrafa merece que a transcrevamos.

---

<sup>37</sup> DNNB, 18 de fevereiro de 1959; JM, 28 de abril de 1959.

– “Um bailado num palco não pode ser nem deve ser cópia exacta de como o povo baila. É longo o caminho que nos traz da etnografia à arte. Antes que se possa erguer um bailado desde o folclore até ao palco temos que enriquecê-lo e que banhá-lo numa atmosfera de poesia. Para isso duas condições são indispensáveis: amor profundo pela arte folclórica de um povo e a capacidade de ver o folclore com olhos de poeta.”

Está aqui, nesta resposta, o segredo, cremos, do êxito alcançado pela companhia “Beryczka,” quer na própria Rússia, quer ao longo de todas as suas actuações no estrangeiro, pois estas bailarinas chegaram aos Estados Unidos, com a sua meia dúzia de acordeonistas, depois de terem passado por quase todos os outros países situados para além da Cortina de Ferro e também pela Áustria, pela Suécia, pela Noruega, pela Holanda, pela Bélgica, pela Suíça e pela Inglaterra. O segredo – ou melhor: boa parte do segredo. A outra parte estará, sem dúvida, na beleza, na graciosidade e no encanto das quatro dezenas de sorridentes raparigas que constituem a companhia.

Nadezhda Nadezhkina fugiu à preocupação de se manter fiel às danças tradicionais do seu povo – furtou-se ao escrúpulo de as reproduzir fielmente no palco: pelo contrário, limitou-se a estilizar os seus ritmos e os seus movimentos essenciais – e a tirar das cores dos trajes regionais o máximo partido.

Em alguns dos números do seu vasto repertório – dezasseis números em cada programa – o que mesmo vemos é mais o quadro vivo, aliás admiravelmente desenhado e pintado, do que propriamente o bailado. Noutros números, um fio de canção acompanha e sublinha o movimento das bailarinas, contribuindo assim para enriquecer uma coreografia que, sem esse contributo, nos pareceria talvez monótona.

Ausência total de cenários – apenas uma cortina de veludo cor de cinza, contra a qual se destacam vigorosamente as cores álcres dos trajes regionais russos – as saias de folhos e os casaquinhos de abas das camponesas da estepe, nas danças de roda com que festejam o fim do inverno, e das jovens cossacas do Kuban, no bailado com que saúdam o regresso dos guerreiros à aldeia.

Depois, ausência de orquestra – simplesmente um ou dois acordeonistas, que ora actuam à margem da cena, ora participam no próprio bailado.

\* \* \*

Duas palavras, agora, para o empresário, este velho Hurk (quarenta anos de actividade na Broadway e nos principais teatros norte-americanos) a quem chamam “o Barnum dos espectáculos de arte.”

Foi ele quem trouxe aos Estados Unidos Ana Pavlova, Richard Strauss, a companhia de teatro do Old Vic, o Sadler’s Wells Ballet, Feodor Chaliapine, a Comédie Française, Artur Rubinstein, a companhia de teatro de Madeleine Renaud e Jean-Louis Barrault, a companhia de bailados de Monte Carlo.

Há um ano, Hurok mostrou ao público norte-americano a companhia de bailados russos “Moiseyev” de Moscovo e o “ballet” do Teatro Nacional de Israel. Este ano, além da companhia de bailados folclóricos russos, trouxe de Londres a banda dos Granadeiros da Rainha, da Escócia uma banda de “highlanders” com as suas gaitas de folhos, de Madrid os bailados de Roberto Iglesias, agora em San Francisco, de Moscovo um meio-soprano, Zara Doloukhanova, um pianista, Vladimiro Ashkenazy, e um violinista, Igor Bagrodni, os três desconhecidos por completo – até que Hurok os revelou – das plateias norte-americanas.

A primavera de 1959 será para o dinâmico empresário – a quem Maria Callas deve a celebridade – a data de outra das suas arrojadas iniciativas: uma “tourné” pelos teatros das principais cidades, nos Estados Unidos, com bilhetes a preço de ouro, do “ballet” do Teatro Bolshoi. Em 1959 virão também aos Estados Unidos, trazidos por Hurok, os bailados filipinos e talvez – vá lá uma inconfidência – ainda em 1959, ou no ano seguinte, a nossa companhia de bailados “Verde-Gaio,” acerca de cujo êxito

nos palcos norte-americanos quero dizer que não tenho dúvidas, desde que presenciei, esta noite, o êxito da “Beryozka,” sob muitos aspectos idênticos e sob outros inferior ao grupo de bailados que António Ferro, com a sua intuição e com o seu gosto, soube criar em 1940.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 36  
**NOS ESTADOS UNIDOS, 200 CLUBES PORTUGUESES<sup>38</sup>**

NEWARK, NOVA JERSEY, 1 DE DEZEMBRO. – A meia hora de Nova York no autocarro, está Newark, grande e negra cidade industrial, onde, numa rua igual às outras, com casas iguais a todas as outras casas, há uma tabuleta que de súbito nos prende a atenção – “Lisbon American Grocery.” A redacção do semanário “Luso-Americano” é em frente, no outro lado da rua.

Aqui em Newark vivem cerca de 8.000 portugueses – minhotos e murtoenses, na sua maioria – enquanto, perto, em Elizabeth, predominam as gentes de Ovar e de Ílhavo. Em todo o Estado de Nova Jersey, talvez uns 12.000 portugueses, continentais na quase totalidade, pois açorianos e madeirenses preferiram fixar-se mais ao Norte, nos Estados da Nova Inglaterra – Massachusetts e Rhode Island. Em Newark há dois clubes desportivos portugueses, um dos quais, o Sport Club Português, tem, na sua sede, um curso de português para os filhos dos sócios, o que também sucede com o Clube Instrutivo Português de Elizabeth e com o Portuguese Progressive Club em Nova York. Em Newark acaba de se criar uma paróquia portuguesa – a de Nossa Senhora de Fátima. Em Newark, finalmente, publica-se, dirigido há 19 anos pelo madeirense Vasco de Sousa Jardim, veterano do jornalismo português nos Estados Unidos, este semanário, o “Luso-Americano,” que tem 30 anos de existência e uma tiragem de 4.600 exemplares.

– Hoje – diz-nos o sr. Vasco Jardim – os portugueses residentes nos Estados Unidos estão, sentimentalmente e espiritualmente, mais ligados a Portugal do que estiveram até 1926, quando com humilhante frequência a Imprensa norte-americana publicava notícias desagradáveis, e que tanto nos envergonhavam, acerca do que ia pela nossa pátria...

\* \* \*

Entre clubes recreativos e clubes desportivos, são perto de 200, nos Estados Unidos, os clubes portugueses, instalados uns em sedes próprias, outros, mais modestos, em casas alugadas. Muitos promovem com frequência espectáculos de teatro, para o que possuem os respectivos grupos de amadores. E está aqui, parece-me, um campo onde a Casa de Portugal em Nova York poderá desenvolver proveitosa actividade.

Porque não organizar todos os anos, entre estes grupos, concursos de teatro com prémios para o melhor conjunto, para a melhor actriz e para o melhor actor?

Porque não dar como prémio ao melhor conjunto uma “tournée” pelos principais núcleos portugueses nos Estados Unidos?

\* \* \*

Acompanhou-me a Newark o meu velho amigo sr. Luís Gomes, presidente supremo da União Portuguesa Continental – a mais poderosa, na costa atlântica, das nossas associações fraternais. Fundada há 33 anos, tem hoje 10.000 sócios e 65 sucursais, espalhadas por 7 Estados.

<sup>38</sup> DNNB, 19 de fevereiro de 1959; JM, 4 de maio de 1959.

Durante anos, só admitiu como sócios os continentais.

– Hoje, porém, já podem ser sócios da Continental tanto os madeirenses como os açorianos – diz-me o sr. Luís Gomes.

– E os cabo-verdianos? – pergunto.

A resposta é negativa. Os sócios têm-se oposto a que também se admitam os cabo-verdianos. Por outro lado, alguém me disse que em determinada paróquia portuguesa o padre se viu perante um ultimato dos fiéis:

– Se os cabo-verdianos passam a frequentar a nossa igreja, nós mudamo-nos, em massa, para a paróquia irlandesa.

Assim, a par do muito de bom que os portugueses fixados nos Estados Unidos vieram aqui aprender, algo de mau aprenderam também – o preconceito racial. A verdade, porém, deve dizer-se, doa a quem doer – os cabo-verdianos têm aqui mostrado ser patriotas exemplares e há, entre eles, quer figuras de alto valor intelectual, quer grandes fortunas. Excluí-los das comunidades portuguesas é, pois, além de um atentado contra a tradição portuguesa de convivência étnica, uma ingratidão – e uma tolice.

Estou seguro de que na Continental a situação acabará por se modificar, tanto mais que o seu presidente supremo, o sr. Luís Gomes, é um espírito aberto, liberal no melhor sentido da palavra. Mas o que haverá também que mudar – e para isso se poderá contar, sem dúvida, com o clero português dos Estados Unidos – é este lastimável estado de espírito que, em conflito com o que sempre foi a vocação do lusíada, estabelece, entre portugueses civilizados, absurdas discriminações raciais.

– Não queremos que os norte-americanos possam supor que somos um país de pretos – ouvi a uma indignada senhora portuguesa.

Mas, minha querida senhora, Portugal é, de facto, um país de brancos, e de pretos, e de mestiços, e de homens de raça amarela e de homens de pele bronzeada – aliás como os Estados Unidos, também.

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 37 MISSIONÁRIO EM NOVA IORQUE<sup>39</sup>

NOVA IORQUE, 2 DE DEZEMBRO – “Também eu passei fome em Nova Iorque” – diz-nos Monsenhor José Cacella. E recordo o que em 1945 ouvi acerca do Padre Cacella (ele era, então, simplesmente, o Padre Cacella) da boca do Cardeal Spellman:

– É, na verdade, um santo o único sacerdote português da minha diocese.

“Também eu passei fome em Nova York.” Talvez por isso é que todos quantos hoje aqui têm fome sabem que todas as manhãs, no “St. Anthony’s Welfare Center,” há de graça, para os infelizes, café com leite, ovos, pão com manteiga. Pão que todas as manhãs, das mãos nervosas e magras de Monsenhor Cacella, recebem os quarenta ou quarenta e cinco desgraçados – homens de todas as origens, de todas as raças, de todos os credos, quase nunca os mesmos – que diariamente o procuram, lhe batem à porta, naquela inóspita e longínqua centésima trigésima quinta rua por onde no inverno o vento se enfia assobiando e cujos passeios, agora, a neve cobre.

Foi em 1920 que Monsenhor Cacella fundou este “St. Anthony’s Welfare Center,” onde hoje trabalham 16 pessoas. Mas então, há trinta e oito anos, ele era só. Pois não se atemorizou – ele, que também não se atemorizara, quando estivera em contacto com os índios bravos, caçadores de cabeças, no Amazonas. Simplesmente, mudara de selva. Em vez da floresta amazónica, a não menos perigosa

---

<sup>39</sup> DNNB, 20 de fevereiro de 1959; JM, 8 de maio de 1959.

selva nova-iorquina, povoada de gentios. Mas o missionário nunca fez com que Monsenhor Cacella se esquecesse de que é, também, escritor e jornalista. Escritor, foi editado agora, em inglês, o livro onde contava as suas viagens e aventuras na Amazónia. Jornalista, lançou, logo em 1920, um semanário, “Portugal” que redigiu de ponta a ponta e que ele mesmo compunha e paginava. Ao “Portugal” sucedeu, há trinta e seis anos, “A Luta,” que entre os jornais portugueses dos Estados Unidos é hoje o de maior tiragem – 50.000 exemplares.

As actividades editoriais de Monsenhor Cacella, agora, não se limitam todavia, à “Luta.” Ele é, hoje, principalmente o arauto, o infatigável propagandista da mensagem de Fátima. E da sua tipografia – apetrechada com maquinaria mais moderna – saem aos milhões os livros e os folhetos sobre a Virgem que apareceu na Cova da Iria.

Aos milhões – disse eu. E não exagerei. Vinte seis milhões de exemplares de livros e folhetos relativos a Nossa Senhora de Fátima foram até agora impressos nos prelos do “St. Anthony Center.” Vinte e seis milhões – repito – e em nada menos do que uma dúzia de idiomas – português, inglês, francês, alemão, africano, eslavo, espanhol, polaco, concani, tamil, viayan, que é uma língua africana, e chinês: em chinês uma edição de 20.000 exemplares.

Além desses livros e folhetos, Monsenhor Cacella ainda edita, porém, uma revista mensal, que tem a tiragem de 50.000 – “Our Lady of Fatima Magazine.”

Por outro lado, as benemerências do “Padre Cacella” (para muitos Monsenhor continua ainda a ser, apenas, o “Padre Cacella,” o missionário que envelheceu na selva nova-iorquina, o sacerdote que todos os famintos de Nova York conhecem desde há muito) não se circunscrevem a esta cidade.

Se em Alcária, a aldeia do distrito de Leiria onde ele nasceu, a filarmónica tem hoje uma sede e os respectivos músicos têm fardas e instrumentos, a Monsenhor Cacella o devem.

Se Vestiaria, no concelho de Alcobaça, de cuja paróquia foi cura antes de embarcar para o Brasil, possui hoje um centro escolar e social, com a respectiva cantina, pois também a Monsenhor Cacella o deve.

Enfim, se o órgão da diocese de Manaus se compõe e se imprime, hoje, em tipografia própria, essa tipografia comprou-a por 10.000 dólares e ofereceu-a Monsenhor Cacella ao Bispo do Amazonas, D. Gaudêncio Ramos.

Este é um homem, este é o padre que em 1914, quando veio do Brasil para os Estados Unidos, “também passou fome em Nova York,” como os desgraçados que hoje lhe batem à porta, todos os dias.

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 38 ROMEU E JULIETA NO WEST SIDE<sup>40</sup>

NOVA YORK, 3 DE DEZEMBRO – Foram quatro noites de teatro, as nossas quatro noites de Nova York: primeiro, os bailados folclóricos russos de Nadezhda Nadezhdina; depois, anteontem, o “show” sempre admirável, do Radio City Music Hall; ontem, a encantadora Judy Holliday, no Sam Shubert Theatre; hoje, enfim, no United Garden, a perturbadora “West Side Story,” que está em cena simultaneamente aqui e em Londres.

\* \* \*

<sup>40</sup> DNNB, 23 de fevereiro de 1959; JM, 10 de maio de 1959.

No Radio City, o “show” principia por uma série de cenas do Natal, criadas por Leão Leonidoff e em que participa um coro infantil, afinada réplica norte-americana dos “Petits Chanteurs à la Croix de Bois.”

Depois dos episódios da Adoração dos Pastores e do Cortejo dos Reis Magos, quadros vivos e animados – de propositada ingenuidade, mas vestidos com esmagadora magnificência e que põem no palco, além de copiosos outros animais, até um irrequieto camelo; depois das fantasias “The Night before Christmas” e “Rocket to the Moon” – o foguetão que vai à Lua buscar os brinquedos para o Pai Natal distribuir – há um intervalo em que Victor Julian exhibe os seus cães amestrados e em seguida qualquer coisa de verdadeiramente extraordinário, “Santa of the Sea”: uma combinação, em planos sucessivos, mas que aos olhos de espectador se confundem, de “ballet,” de acrobacia aérea, de acrobacia submarina e de cinema colorido.

Entre polvos que agitam os seus tentáculos de monstros de pesadelo e tubarões que as fixam com olhos brancos de uma crueldade de vidro, bailarinas, nadadoras e acrobatas cruzam o palco em todas as direcções, vertical ou obliquamente, com uma agilidade de sereias, no mais completo desprezo por toda a lei da gravidade, ora agitando os braços e as pernas, ora com as pernas esticadas e os braços hirtos ao longo do corpo, como estátuas que um caprichoso movimento a elas alheio projectasse no espaço em penumbra...

Efectivamente, qualquer coisa de alucinante.

\* \* \*

Judy Holliday regressou de Hollywood para interpretar, na Broadway, o papel de “uma rapariga qualquer de Nova York” – “just a girl.”

A peça, uma opereta desprezensiosa e agradável, intitula-se “Bells are ringing.” Mas o mais agradável do espectáculo é, ainda, o sorriso de Judy Holliday no seu papel de endiabrada telefonista por quem se apaixonam sucessivamente um jovem autor dramático à procura de inspiração, um canoro dentista italiano e uma espécie de “teddy-boy.”..

\* \* \*

Dos três espectáculos, porém, o único que nos obriga a pensar um pouco – e não, simplesmente, a sorrir e a aplaudir – é “West Side Story.”

Dois “gangs” (em calão de Lisboa: púrrias) de “teenagers” (rapazes e raparigas de menos de vinte anos) num dos bairros mais pobres de uma das mais ricas cidades do mundo – Nova York: o “gang” dos porto-riquenhos e o dos filhos de italianos e polacos.

António, amigo íntimo de Riff, chefe do “gang” dos brancos, apaixona-se por Maria, irmã de Bernardo, chefe do “gang” dos porto-riquenhos, durante um baile, que é o primeiro a que a jovem assiste. Maria também se enamora de António e seguem-se diálogos de amor, com a formosa moreninha debruçada romanticamente da escada de serviço para a rua. Mas Bernardo quer a irmã para “Chino,” o seu imediato, e vai ao “drug-store” onde António trabalha para o desafiar. É, porém, Riff quem chama a si o desafio. O duelo trava-se, de noite, no pátio de uma fábrica abandonada, enquanto se ouvem ao longe as sireias dos carros-patrulha da polícia. Duelo silencioso e feroz, à navalha. Bernardo anavalha Riff mortalmente, mas este, antes de expirar, entrega a sua arma a António, que, por sua vez, mata o irmão de Maria.

Façamos, agora a transposição. Verona, em vez do West Side. Os nobres Montechi, em vez do “gang” dos porto-riquenhos. Os nobilíssimos Capuletti em vez do “gang” dos italianos e polacos. Espadas, em vez de navalhas. Sedas e veludos, em vez de blusões de coiro e camisolas de malha. Os prejuízos e ódios de família, em vez de preconceitos de raça. Mas a história, não há dúvida, é a mesma.

Maria chama-se, na realidade, Julieta. António chama-se Romeu e é, como o herói da tragédia veronesa, um jovem italiano apaixonado e impulsivo. Nada mudou, afinal. Só as espadas é que diminuíram de tamanho – transformaram-se em navalhas.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 39  
**UMA FAMÍLIA PORTUGUESA NO CONNECTICUT<sup>41</sup>**

GLASTONBURY, CONNECTICUT, 4 DE DEZEMBRO. – “O caminho daqui até Ludlow é longo, mas faremos uma paragem para almoçar em casa dos Moreiras, no Connecticut,” dissera-nos o rev. dr. Manuel Rocha, que nos viera buscar no seu automóvel a Nova York.

E aqui estamos, terminado o almoço, em casa do sr. José Moreira, a ouvir a história da sua vida: – Nasci nas Corgas, para os lados de Seia, mas fiz a tropa em Lisboa. Era soldado do Regimento de Infantaria 16 quando mataram o Sidónio e uma das imagens que desse tempo guardo, é a do seu cadáver no ataúde, com o rosto de cera entre flores; foi um grande português. Depois, entrei nas revoluções, umas vezes a favor, outras vezes contra o Governo, conforme decidiam os meus oficiais; eu limitava-me a obedecer. Mas aquilo enojava-me. Até que finalmente deixei a tropa... Vim então para os Estados Unidos. Em 1920, com 22 anos.

– Força de vontade e força de pulso não me faltavam – acrescenta – mas a vida, nos primeiros tempos, não foi fácil, não. Ganhava no Ohio 60 centavos por hora e trabalhava 12 horas por dia a abrir alicerces à picareta, quebrando pedra, até que o sangue me rebentou das mãos. O médico proibiu logo que eu trabalhasse mais de 9 horas por dia.

– Passou, portanto, a ganhar por dia pouco mais de 5 dólares, não é verdade?

– Sim. E isso, naquela altura, já não chegava para se viver. Queixei-me, pois, ao capataz, que era um irlandês. Mas sabe a resposta que me deu? “Deixe de comer durante uns três meses (disse-me, a rir) e verá que lhe chega...”

– Seguiu-lhe o conselho?

O sr. José Moreira dá uma gargalhada.

– É claro que não – responde, de bom humor. – Arrumei a um canto a picareta e vim para Fall River, onde estive, como operário, numa fição de algodão. Mas vi logo que ainda não era ali que a fortuna me esperava. Larguei então para o Connecticut, onde trabalhei como fundidor e como electricista, até que comprei, já com as economias que fizera, um “farm,” sobretudo para a criação de porcos. Cheguei a ter uns dois mil e durante o tempo que durou este negócio, cinco anos, não dormia mais do que umas três horas por noite. Aquilo, porém, dava dinheiro e com esse dinheiro eu ia sempre comprando terras, enquanto a mim mesmo ia dizendo: anda, Zé Moreira, não te arrependas, olha que, no mundo, a terra não cresce, mas o povo cresce...

E da terra lhe veio, finalmente, a fortuna: com o saibro fino que extraiu das suas propriedades, para obras do Estado, enriqueceu. A fortuna, porém, não o levou a esquecer-se de Portugal. Sobretudo a ele é que se deve a recente fundação, em Hartford, da paróquia portuguesa de Nossa Senhora de Fátima. A expensas suas ergueu nas Corgas, sua aldeia natal, a Casa do Povo. Com os seus dólares se mantém a Cantina Escolar da mesma aldeia.

Tudo isto, no entanto, não explica os livros que vejo em estantes na sua casa e em cima de um piano: obras de Antero de Quental, de Eça de Queiroz, de Florbela Espanca, de José Régio, de Miguel Torga, lado a lado com os melhores poetas e prosadores da língua inglesa.

<sup>41</sup> DNNB, 24 de fevereiro de 1959; JM, 12 de maio de 1959.

É que o casal dos Moreiras – José Moreira casou, depois de vir para os Estados Unidos com uma senhora madeirense – tem uma filha, Maria Lucinda, rapariga de vinte e poucos anos, bem portuguesa no seu tipo de morena e bem bonita, por sinal. E a Maria Lucinda – perdão, a Dra. Maria Lucinda, bacharel em Literatura pela Universidade de Boston e licenciada em Direito pela Universidade de Yale – é, além de advogada, uma poetisa de alto valor e uma jornalista de garra. Durante um ano, em 1955, frequentou, ainda, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde – diz-nos – seguiu com particular atenção e proveito as aulas do prof. Amorim Girão. E foi em Coimbra que ela principiou a interessar-se pela questão que seria este ano o tema da sua tese de licenciatura na Universidade de Yale – o direito de Portugal à posse de Goa. Agora, Maria Lucinda Moreira acaba de regressar de longa viagem pelo Extremo Oriente – e o jornal de Hartford está a publicar as suas crónicas. Macau, sobretudo, impressionou-a.

– Foi uma coisa extraordinária para mim – confessa-nos – encontrar-me ali de repente em Portugal, apesar de continuar tão longe de Portugal...

Esta é a família portuguesa – tenham paciência, mas digo mesmo portuguesa, não digo luso-americana – que viemos encontrar em Glastonbury, no número 511 da Griswold St., uma porta a que iremos bater sempre que voltarmos aos Estados Unidos, até porque a Senhora D. Clementina Moreira guarda o segredo de um famoso bolo de chocolate e mel, talvez receita de algum velho convento da Ilha da Madeira.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 40 LUDLOW, TÍPICA VILA DA NOVA INGLATERRA<sup>42</sup>

LUDLOW, MASSACHUSETTS, 5 DE DEZEMBRO – Esta não é a América a que nos habituaram os escritores europeus, sobretudo os escritores franceses – os Morand, os Maurois, os Jules Romains; esta não é a América dos arranha-céus. Com a sua população de cerca de 10.000 almas, Ludlow é uma vila de pequenas casas de madeira pintadas de preto ou de cores garridas e com um telhado em duas águas. Quase todas estas casas se erguem isoladas no meio de pequeno jardim ou relvado, agora coberto de neve, e todas têm ao lado, invariavelmente, a garagem.

Embora na vila haja apenas a fábrica de cordas que deu origem à povoação, mas onde hoje trabalham umas 100 pessoas, na população de Ludlow predominam os operários, que se empregam nas fábricas – algumas de têxteis, uma de válvulas, outra de produtos eléctricos, outra de espingardas – situadas nos arredores, por vezes a grande distância. Toda a família tem que ter, por isso, o seu automóvel e mesmo algumas possuem dois ou três – por exemplo, se o pai trabalha numa fábrica, a mãe noutra e o filho, ou filha, noutra, ainda.

Em cada casa há o indispensável frigorífico, o lava-pratos, o lava-roupa, a cozinha eléctrica – ou pelo menos a gás; em toda a vila não existem mais do que uns dois ou três fogões a lenha – em casas habitadas por famílias franco-canadianas.

Simplemente, enquanto na bela casa, novinha em folha, do jovem comerciante José Dias tudo é do modelo mais recente, nos lares mais modestos o fogão e o frigorífico, o lava-pratos e o lava-roupa são de modelos mais antigos – e aqui, sim, é que está a principal diferença, em Ludlow, entre os mais e os menos ricos.

A percentagem de católicos na população de Ludlow é de 75 por cento, divididos por quatro paróquias e um curato. A maior das paróquias é a de S. João Baptista, franco-canadiana, cuja igreja tem anexos um convento e uma escola. Seguem-se as paróquias polaca de Cristo-Rei, portuguesa de

<sup>42</sup> DNNB, 25 de fevereiro de 1959; JM, 13 de maio de 1959.

Nossa Senhora de Fátima e ucraniana de S. Pedro e S. Paulo. O curato – italiano e sufragâneo da paróquia, também italiana, de Nossa Senhora do Carmo, de Springfield.

Agrupa cerca de 500 famílias portuguesas ou de origem portuguesa a paróquia de Nossa Senhora de Fátima, fundada em Janeiro de 1948 pelo rev. dr. Manuel Rocha.

Os protestantes, em número inferior a 2.500, dividem-se por quatro igrejas – a metodista, a episcopaliana, a congregacionalista e o templo da “União em Cristo” – havendo, também, um núcleo de Testemunhas de Jeová, cujo templo é em Springfield.

Há, em Ludlow, algumas famílias verdadeiramente ianques, quase todas de origem escocesa, que ocupam os altos postos no comércio, no banco e na política locais. Mas no pequeno comércio os portugueses dominam. Laura, a capelista, é portuguesa, assim como Nunes, o joalheiro, assim como Billy Cabral, dono de uma bomba de gasolina. E se a loja de ferragens – “Czerniak hardware” – é de um polaco e se é italiano o barbeiro – “Dino’s barber” – Mário Campora, dono de outra bomba de gasolina, é filho de um italiano casado com uma portuguesa, enquanto o proprietário do “funeral home,” Carmino Moutinho, é filho de um português casado com uma polaca.

Não longe do “Polish Club” e do “Italian Club,” aparece-nos, depois, um café de nome romântico – o “Moonlight Café.” Pertence aos irmãos Ferreira.

Depressa, porém, saímos do centro da vila. Seguimos agora pela Franklin Street – aqui, de ambos os lados da rua, todas as casas são de famílias portuguesas. Passamos, por último, para a Windsor Street – e aqui temos o Grémio Lusitano, cuja equipa de futebol, o Lusitano de Ludlow, é um dos melhores “teams” norte-americanos. Defronte da sede do Grémio ergue-se um pequeno monumento onde se gravaram os nomes de todos os portugueses de Ludlow que se bateram durante a guerra integrados nas forças armadas dos Estados Unidos. Foram cerca de 90, dos quais três caíram no campo de batalha, para sempre, dando assim a sua vida pela pátria, que eles ou seus pais haviam adoptado – e que na verdade sabe mostrar-se generosa para quantos a servem.

Está a terminar a nossa visita à vila de Ludlow. Uma vista de olhos pelo campo de futebol, propriedade do Grémio Lusitano. Depois, em casa do rev. dr. Manuel Rocha, é o almoço – opíparo almoço preparado com mão de mestre pelo sr. José Bolas, que foi cozinheiro a bordo de um dos nossos lugres bacalhoeiros – e, logo em seguida, a largada para Bristol, no Estado de Rhode Island, outra bem típica vila norte-americana, esta, porém, já com as suas tradições de antigo porto de mar.

Em Bristol, com uma população de cerca de 12.000 almas, predominam igualmente os católicos, entre os quais uns 5.000 portugueses e mais de 3.000 italianos. Três paróquias: a da Rainha Santa Isabel, portuguesa; a de Nossa Senhora do Carmo, italiana, e a de Santa Maria, irlandesa.

A paróquia portuguesa, fundada em 1913 e hoje entregue a um sacerdote açoriano, o rev. Henrique Rocha, da Ilha Terceira, primo do rev. dr. Manuel Rocha – que é da Ilha Graciosa – e, como este, velho e querido amigo meu, tem, em moderníssimo edifício uma escola com mais de 600 alunos, confiada às Doroteias.

Em Bristol, os protestantes, apesar de muito menos numerosos do que os católicos, possuem, por sua vez, quatro igrejas: duas anglicanas, uma congregacionalista e uma baptista. Há, também, uma sinagoga.

Enquanto os portugueses de Ludlow são predominantemente de origem continental, os de Bristol chegados aqui, na sua maioria, entre 1910 e 1914 – são quase todos de origem açoriana. Empregam-se, como os de Ludlow, sobretudo na indústria; mas há entre eles também alguns comerciantes – e, ainda, uns quantos pescadores.

Quando casam fora da sua comunidade, os portugueses de Bristol fazem-no principalmente com raparigas italianas.

Nota curiosa: há em Bristol, para os seus 12.000 habitantes, nada menos do que 5.000 automóveis.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 41  
**MICROFONES PORTUGUESES**<sup>43</sup>

FALL RIVER, 6 DE DEZEMBRO. – Na Nova Inglaterra, em vez dos onze que há na Califórnia, apenas existe um programa radiofónico diário em português. É na Emissora WRIB de Providence, o de Afonso Ferreira Mendes, que organiza também um programa semanal para a Emissora de Taunton.

Este Ferreira Mendes dizem-me, por sinal, que podia estar rico. A verdade, porém, é que não está. Temperamento impulsivo, natureza entusiástica, português dos que não enganam, com um estilo altissonante, uma eloquência torrencial, uma voz de trovão, mas, ao mesmo tempo, com um coração de ouro, generoso como os mais generosos, este serrano que nasceu para as bandas da Estrela passa a vida – sempre com o chapéu às três pancadas na cabeça – a abrir subscrições entre os seus ouvintes, para quantos lhe escrevem de Portugal, pedindo uma esmola. E o seu contributo pessoal para essas subscrições nunca é dos mais pequenos. Por entre os dedos se lhe escoam, assim, os dólares que ganha...

Dos programas semanais, o de Manuel Andrade, um lisboeta de Central Falls casado com uma senhora luso-americana, denomina-se “Voz de Lisboa,” é transmitido pela Emissora de Pawtucket, e destina-se principalmente aos continentais, enquanto o do micalense Luís Raposo, “Voz dos Açores,” transmitido pela Emissora de Middletown, se destina sobretudo aos açorianos. Por sua vez, Alfredo Martins Silvério, de Valley Falls, mantém o programa “Voz da Colónia” na Emissora de Woonsocket.

“Voz de Portugal” é, entretanto, o programa que acaba de criar, em Hartford, um luso-americano debruçado com entusiasmo para tudo quanto lhe chega com o selo português – António Joaquim Pires.

Soldado norte-americano das forças que libertaram a França, Manuel Amaral veio durante a guerra passar uma licença de meia dúzia de dias a Lisboa, terra natal de seu pai. Os jornais publicaram então a sua fotografia no aeroporto de Sacavém e uma entrevista com ele. Hoje, com sua mulher Doris, dirige em Cambridge, às portas de Boston, o programa “Ecos de Portugal.” A mesma Emissora de Cambridge transmite igualmente o programa “Hora Portuguesa,” dirigido pelo micalense João de Melo. E outro micalense, Manuel Borges, mantém na Emissora de Fall River o programa “Hora Açoriana.”

Manuel Borges é, porém, um caso à parte. Os outros organizam os seus programas, preparam-nos, estudam-nos. Não o Manuel Borges – este improvisa e com uma espontaneidade, uma graça, uma “verve” não há dúvida que incomparáveis. Não fala ao microfone, conversa com o microfone, interpela-o, dá-lhe foros e honras de personagem...

Homem já idoso, máscara de grande actor que a cada momento se transforma e o transfigura, Manuel Borges como que é, assim, o imprevisto em pessoa.

Quando entrei no seu estúdio, contava ele aos seus ouvintes:

– Sabem que eu tenho quatro cães? Pois é verdade... Não gostam da minha voz... Talvez por causa da pronúncia micalense.

Interrompeu-se ao ver-me entrar e, sem tapar o microfone, dirigiu-se-me:

– Entre, por favor. Ainda me faltam vinte minutos de emissão, o tempo de ler aqui meia dúzia de anúncios. Compreende, sem os anunciozinhos é que nenhum programa vive...

E de novo para os seus ouvintes:

– Está aqui um jornalista que chega de Lisboa. Veio ver como eu assassino, todas as semanas, a língua de Camões. Ah! Mas também já sei o que vai acontecer, no dia da minha morte. Apesar de só ter um olho, Camões há-de saber descobrir-me entre os mortos, há-de agarrar-me pela gola do casaco:

---

<sup>43</sup> DNNB, 26 de fevereiro de 1959; JM, 15 de maio de 1959.

“anda cá, Manuel Borges, anda cá para o inferno, meu patife; vais pagar agora tudo quanto fizeste à nossa língua, todos os teus erros de gramática, todas as tuas barbaridades do corisco do diabo...”

Há quem não goste do Manuel Borges, há quem lhe chame “palhaço.” Houve mesmo quem achasse que eu não deveria sequer procurá-lo. Mas teimei em vê-lo – e confesso, muito sinceramente confesso que gostei deste homem singular a quem um jornalista norte-americano, Edward Sullivan, chamou “o Arthur Codfrey dos portugueses” e que, já com vinte anos de microfone, explica assim a sua popularidade – e o seu êxito:

– O meu método é fazer primeiro com que se riam de mim. Todos acabam por se rirem comigo.

P. S. – Há ainda na Nova Inglaterra os programas radiofónicos portugueses de Nova Bedford, acerca dos quais noutra crónica se falará.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 42 NA CIDADE MAIS PORTUGUESA DOS ESTADOS UNIDOS<sup>44</sup>

NOVA BEDFORD, 7 DE DEZEMBRO. – Logo que entramos na cidade, o rev. dr. Manuel Rocha, que nos trouxe de Ludlow no seu carro, pergunta ao primeiro homem com quem nos cruzamos qual o caminho para o hotel. Mas, de propósito ou por distração, formula a pergunta em português. E o interpelado, sem manifestar a mínima surpresa por numa cidade norte-americana desconhecidos lhe falarem numa língua que não é o inglês, respondeu com toda a naturalidade no mesmíssimo idioma em que o interrogam:

– Os senhores vão por essa rua fora, sempre em frente, até encontrarem as segundas luzes do trânsito. Depois, aí, voltam à esquerda e, em seguida, à direita, dois quarteirões adiante.

Ele, porém, não diz “quarteirões”; diz “blocos.” Mas o seu português – marcado embora por acentuada pronúncia micalense – é são e escoreito, graças a Deus.

\* \* \*

Foi assim que entrámos em Nova Bedford, esta manhã. Cruzamo-nos depois, com um autocarro da “Almeida Bus Lines.” Estes autocarros – de uma empresa de que o proprietário, o sr. Almeida, é português – percorrem as ruas da cidade em competição com os das “Greyhound Lines,” cuja rede abrange todo o país. Atentamos, entretanto, nas tabuletas dos estabelecimentos comerciais. Aqui temos um florista – “Rodrigues the Florist.” Uma barbearia – “Manuel Tavares Barber Shop.” Um “stand” de automóveis – é o da firma José B. Nunes. Uma loja onde se vendem receptores de Rádio e de Televisão – “Medeiros Radio and Television.” Uma agência de viagens – “Oliveira Travel Agency.” Um parque para venda de automóveis em segunda mão – “Macedo’s Auto Sales.” Perto, uma bomba de gasolina – “Cabral Service Station.” Um prédio de apartamentos – “Alves Apartments.” Uma padaria – “Goulart’s Bakery.” Uma garagem – “Feio’s Garage.” Outro Florista – “Vieira the Florist.” Outro, ainda – “Irene’s House of Flowers.” Uma perfumaria – “Adrienne Dutra Beauty Shop.” Um cabeleireiro – “Da Rosa’s.” Outra perfumaria – “Emily Almeida Beauty Shop.” Outra garagem – “John de Andrade Garage.” Uma hospedaria – “Gonçalves Rest Room.” Outra Barbearia – “Joseph Rocha Barber Shop.” Enfim, na Dartmouth Street, um sapateiro de nome surpreendente – “Bandarra Shoe Repairing.” Como se vê, o Bandarra de Nova Bedford mantém-se fiel à profissão do seu antepassado de Trancoso, o das trovas e profecias.

<sup>44</sup> DNNB, 27 de fevereiro de 1959; JM, 20 de maio de 1959.

\* \* \*

Chegamos ao hotel à hora do almoço. Fatigada pela viagem, minha mulher está sem apetite – quer apenas uns ovos, nada mais.

– Mexidos ou estrelados? – pergunta a criada, em português.

É do Pico.

Terminado o almoço, subimos ao quarto. No corredor, dois homens enceram o soalho. À nossa passagem, um deles ergue-se e fita-nos.

– Os senhores são portugueses? – pergunta.

– Somos, sim.

– Bem me queria a mim parecer...

– O senhor também é, já se vê.

– Pois claro. E este outro, também.

Mas ele é açoriano, de S. Miguel. Eu sou continental, de perto de Leiria.

No quarto consulto, por curiosidade, a lista de telefones. Dútras, há 34. Farias, 38. Santos, 220. Silvas, 249. Silvias – corrupção sofrida na Nova Inglaterra pelo portuguêsíssimo apelido Silva – talvez outros tantos ora com y (grego) ora com i (latino) na primeira sílaba. E Sousas – umas vezes com s na segunda sílaba, outras vezes com z, conforme os gostos – nada menos de 316.

Entre os dentistas, encontro pelo menos três nomes de inconfundível fisionomia portuguesa – José (Joseph) Goulart, Manuel Camacho, António (Anthony) Carvalho. Entre os médicos, sete – os drs. Madureira e Castro, Vitor Almeida. Manuel de Melo, Roberto de Moura, Carlos Pitta, J. P. da Ponte e Márcio Bueno, brasileiro, este último. Em seguida, por uma associação de ideias que os médicos, espero, me perdoarão, consulte a coluna dos cangalheiros – lá estavam também dois portugueses: o “Manuel da Silva Funeral Home” e o “Faria and Son Funeral Home.”

Onde não descubro muitos nomes portugueses é na coluna dos restaurantes: apenas o “Ester Luisa Restaurant” e o “Lucas Diner and Grille.” Aqui, sim, predominam os nomes italianos e os nomes chineses – os Rossini e os Chung-Chung.

\* \* \*

Visito um dos dois diários que se publicam em Nova Bedford – o “Standard Times.” O outro, que é o “Diário de Notícias,” o único diário em português que se edita nos Estados Unidos, ficará para amanhã.

Na ausência do director, o sr. Brewer, que está na Califórnia, recebe-me o sr. Lewin, director adjunto, que chama um repórter para me entrevistar. O repórter chama-se Elmano Rodrigues e é filho de madeirenses. Vem, depois, o fotógrafo. Compõe o grupo, assesta a máquina e ordena, em português.

– Agora, olhem todos para mim. Com um sorriso, “please.”

À saída, o sr. João Rocha, director do “Diário de Notícias,” que me acompanhou na visita ao “Standard Times,” despede-se cordialmente do fotógrafo:

– Adeus, sr. Rosa.

\* \* \*

Anoiteceu. Acendem-se os reclames luminosos. E na noite, que se incendeia, continuam a brilhar, em letras verdes, em letras azuis, em letras encarnadas, em letras amarelas, nomes portugueses: “Guilherme Luiz Travel Agency,” “Matos Enterprise,” “Almeida’s Texaco Service Station,” “Santos Bakery,” “Antone Amaral Júnior,” “Paulina Rego’s School of Dancing”...

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 43  
**UMA COMUNIDADE FIEL AO IDIOMA PORTUGUÊS<sup>45</sup>**

NOVA BEDFORD, 8 DE DEZEMBRO. – Quando ontem aqui cheguei, o céu estava límpido e azul, batidas pelo sol brilhavam as águas do braço de mar que separa Nova Bedford de Fairhaven, na outra margem destacavam-se, coloridas, entre árvores que o inverno já desnudou, residências de luxo, automóveis corriam velozes na ponte que separa as duas cidades – e eu pensei:

– Isto lembra, efectivamente, Portugal. Compreende-se, pois, que esta seja a cidade norte-americana onde mais portugueses vivem.

Porém esta manhã, ao abeirar-me da janela verifiquei, entre surpreso e confrangido que o céu havia desaparecido; que a neve estava a cair aos flocos; que já não brilhavam, antes eram agora cor de chumbo as águas do braço de mar; e que tudo, à roda, era branco, de uma brancura fofa de algodão em rama – tudo, as ruas ao redor do hotel, os telhados de New Bedford, as casas de Fairhaven na outra margem, a ponte, até os automóveis que deslizavam, mas agora vagarosamente, pela ponte. Branco, tudo. E do lado de fora da janela o termómetro assinalava uma temperatura de alguns graus abaixo de zero...

Nova Bedford não era, afinal, uma excepção na Nova Inglaterra – também aqui neva, também aqui o inverno é duro, também aqui o frio é temível; no entanto, esta é, efectivamente, nos Estados Unidos, a cidade onde mais portugueses vivem.

Incluindo os Cabo-verdianos, que são, ao que parece, uns 10.000, cerca de metade da população veio de terras portuguesas ou descende, em segunda e em terceira geração, de imigrantes portugueses. Aqui, porém, ao contrário do que noutras cidades norte-americanas sucede, mantém-se o uso da língua de origem – e o que acontece é que a influência do português chegou mesmo até o inglês, à semelhança do que se deu na Califórnia com o espanhol: na ementa de todos os restaurantes de Nova Bedford, mesmo na dos restaurantes italianos, mesmo na dos restaurantes chineses, figura, por exemplo, a linguiça – palavra e receita pelos imigrantes trazidos dos Açores.

Esta fidelidade dos luso-americanos da Nova Inglaterra ao português, língua dos seus pais ou avós; esta influência exercida aqui pelo idioma português até sobre o inglês; este fenómeno de uma comunidade que não se dissolveu nem ameaça dissolver-se rapidamente, em contacto com a vida e com a sociedade norte-americana – tudo isto se explica, quando nos lembramos de que só nesta cidade há três paróquias portuguesas, com as respectivas igrejas, a de S. João, que é a mais antiga, a de Nossa Senhora do Carmo e da de Nossa Senhora da Conceição, servidas, as três, por um total de nove sacerdotes.

Depois, além das três escolas paroquiais – onde, dizem-me, se ensina o português, o que, infelizmente, não é regra geral para as escolas das paróquias portuguesas noutros pontos da Nova Inglaterra – há, ainda, uma escola oficial nossa, para não falar já da cadeira de português na High School e das bolsas de estudo atribuídas anualmente aos melhores alunos do curso, por iniciativa e a expensas de uma das grandes figuras da nossa colónia do Rio de Janeiro, Adriano Seabra.

---

<sup>45</sup> DNNB, 2 de março de 1959; JM, 22 de maio de 1959.

Há, também, nada menos do que trinta associações recreativas portuguesas em Nova Bedford e quatro ou cinco de carácter mutualista. Há quatro programas radiofónicos em português: “Ecos de Portugal,” de que são directores Manuel Calado e Alberto Costa; “Hora Portuguesa,” cujo director é o sr. Francisco Oliveira – e dois outros, “Notícias Portuguesas” e “O Aristocrata,” dirigidos, respectivamente, pelos srs. António Pinto de Sousa e Jaime Cunha. E há, sobretudo, o jornal, o “Diário de Notícias,” o único diário que em português se publica nos Estados Unidos.

Só em Nova York os espanhóis têm dois diários – “El Diario de Nueva York” que tira 25.600 exemplares, e “La Prensa,” cuja tiragem é de 20.300; os gregos, dois – o “Atlantis” e o “National Herald”; os russos anticomunistas, três – o “Novoye Russkoye,” o “Russky Golos” e o “Rossiya.” E em Nova York publicam-se, ainda, um diário italiano, um polaco, um húngaro, um alemão, um eslavo, um ucraniano e três jornais que se apresentam como órgãos dos judeus – “The Day – Jewish Journal,” “Jewish Daily Forward” e “Morning Freiheit.” Nós temos, e em Nova Bedford, o “Diário de Notícias,” cuja tiragem não chega aos 10.000 exemplares.

Deve, todavia, dizer-se que este jornal, fundado há quarenta anos pelo banqueiro terceirense Guilherme Luís e dirigido há cerca de dezanove anos por João Rocha, exerce, de facto, uma influência que de modo algum está em relação com a sua escassa tiragem: Por exemplo, um jovem político luso-americano, Edmundo Dinis, concorrera, nas penúltimas eleições, a qualquer alto cargo, sem o apoio, que não solicitara, do “Diário de Notícias” – e perdeu; pois candidatou-se agora (mas desta vez com o apoio do “Diário” a “District Attorney” – e ganhou. É que o “Diário de Notícias” – de que são assinantes, quase todos os estabelecimentos comerciais e todas as barbearias de Nova Bedford, assim como todas as associações portuguesas, de extremo a extremo dos Estados Unidos – deve ter, na realidade, uns 50.000 ou 60.000 leitores. Tornou-se, assim, verdadeiramente, numa instituição. Só é pena que não se veja à venda em Nova York, como se vê “La Prensa,” por exemplo.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 44 COMO UMA BANDEIRA QUE SE DESFRALDA<sup>46</sup>

NOVA BEDFORD, 9 DE DEZEMBRO. – Há pouco mais de um mês, João Rocha, director do “Diário de Notícias,” teve que sujeitar-se a perigosa intervenção cirúrgica. No momento de entrar para a sala de operações, voltou-se para a esposa, recomendando-lhe:

– Aconteça o que acontecer, não vendas o jornal.

Um passo e agora já de dentro da sala, antes de se fechar a porta:

– O que é preciso é que o “Diário de Notícias” não acabe.

Recordo estas palavras, ao agradecer, esta noite, as que me foram dirigidas e o jantar em que João Rocha juntou à minha volta os seus amigos mais íntimos e todos os que o ajudam a fazer o jornal – os seus colaboradores Camilo Câmara, Manuel Calado e António Cacella, os revisores, os tipógrafos, até as empregadas da administração. Foram, assim, uns cinquenta – homens e senhoras – os bons portugueses de Nova Bedford que vi, esta noite, reunidos ao redor do jornalista que, se tem, na verdade, algum mérito, é só o de haver chamado sempre as atenções, na imprensa de Lisboa, para estas comunidades onde Portugal se continua nos Estados Unidos.

João Rocha foi quem primeiramente usou da palavra. Disse que não se tratava de um banquete de homenagem, mas, simplesmente, de um jantar de amigos – amigos seus de Nova Bedford, aos quais ele quisera apresentar outro amigo seu, vindo de Lisboa. O dr. Madureira e Castro, nomeado “mestre-

<sup>46</sup> DNNB, 3 de março de 1959; JM, 28 de maio de 1959.

de-cerimónias,” deu em seguida a palavra ao sr. Francisco de Oliveira, que falou em nome dos directores dos programas radiofónicos portugueses da Nova Inglaterra; ao rev. padre Henrique Rocha, que falou, como terceirense, em nome dos terceirenses presentes; ao rev. dr. Manuel Rocha, que lembrou episódios de uma amizade que vem dos nossos tempos de juventude; e à minha mulher, que disse do encanto que está a ter, para ela, esta viagem através de um país tão belo, em contacto estreito com um povo tão caluniado e tão rico de virtudes.

Por último, chegou a minha vez. A uma das cabeceiras da mesa de honra, sentava-se o sr. Guilherme Luiz, terceirense – banqueiro, agente de viagens, homem de mil e um negócios – que há quarenta anos fundou o “Diário de Notícias.” Na outra cabeceira, estava a Joan Rocha, agora a melhor colaboradora de seu pai na administração de jornal. Ao meu lado, João Rocha.

“Ali estavam, pois, reunidos – disse eu, então – o passado, o presente e o futuro do jornal, a demonstrarem que este é já uma instituição, é algo já que não pode acabar, é já obra de três gerações ligadas entre si pelo mesmo fio do amor e Portugal.”

Recordei, depois, que a ANI tem onze anos de existência e que tem precisamente a mesma idade a nossa colaboração com o “Diário de Notícias” de Nova Bedford. Ao longo destes onze anos, nem sempre, evidentemente, estive de acordo com João Rocha e também ele nem sempre estava, por certo, de acordo comigo. Pois nunca o “Diário de Notícias” deixou de publicar regularmente as notícias enviadas pela ANI e nunca a ANI, por seu turno, deixou de distribuir à Imprensa portuguesa telegramas com os editoriais, com as opiniões do “Diário de Notícias” de Nova Bedford. Enfim, João Rocha, ao cabo de trinta anos de ausência, foi a Portugal – e, usando do mesmo desassombro com que duramente criticara o que de longe lhe parecia estar mal, reconheceu que em boa parte não tivera razão no que afirmava. Demonstrou, assim, que era um homem de carácter – e um homem livre. Não hipotecou a sua pena. Decerto não hesitará em continuar a criticar quanto se lhe afigurar digno de crítica. Mas soube dizer: “enganei-me.” E quem sabe dizer isto e francamente o diz é, além de um homem livre e de um homem de carácter, um homem de coragem.

Cito, depois, as palavras de João Rocha já dentro da sala de operações (“o que é preciso, mesmo que eu morra, é que o DIÁRIO DE NOTÍCIAS não acabe”) e concluo:

– Quando um homem que não sabe se daí a momentos poderá estar entre os vivos diz isto do seu jornal, demonstra ainda que é, na realidade, um verdadeiro jornalista. E, quando esse jornal é o “Diário de Notícias,” de Nova Bedford, quando é o único diário que em português se publica nos Estados Unidos, este homem demonstra que é também, sem a menor dúvida, um verdadeiro patriota.

Disfarçadamente, João Rocha enxuga uma lágrima. Na cabeceira da mesa, a Joan está com os olhos tão brilhantes como no dia em que a levei, em Algés, à sua primeira corrida de toiros. E eu próprio sinto-me comovido, até porque, também jornalista, sei avaliar, melhor do que ninguém, o esforço que se exige, a tenacidade a que tem de se recorrer, a persistência que tem de se pôr no trabalho e na luta, para que um jornal como o “Diário de Notícias” de Nova Bedford saia todos os dias, venha todos os dias para a rua, como uma bandeira portuguesa que se desfralda em país estrangeiro, numa serena, discreta, mas orgulhosa afirmação de presença.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 45  
**AS PARÓQUIAS PORTUGUESAS NOS E. U.<sup>47</sup>**

NOVA YORK, 10 DE DEZEMBRO. – Nos Estados Unidos há um total de 34 paróquias portuguesas, das quais uma, recente, em Newark, Nova Jersey, cinco na Califórnia e 28 na Nova Inglaterra; há, ainda, sacerdotes portugueses, como coadjutores, em cinco paróquias de língua inglesa.

O clero de língua portuguesa nos Estados Unidos é constituído, na sua maioria, por sacerdotes açorianos; mas há também sacerdotes madeirenses, continentais, como o Rev. Padre Cascais em Cambridge, luso-americanos como, em Nova Bedford, Monsenhor Silvia, e brasileiros, como, em Oakland, o Rev. Dr. Edgar Rocha.

Escolas paroquiais funcionam junto das três igrejas portuguesas de Nova Bedford, das igrejas do Senhor Santo Cristo e do Senhor Espírito Santo em Fall River, da igreja da Rainha Santa Isabel em Bristol e da igreja das Cinco Chagas em San José da Califórnia; todavia, por muito singular que isto nos pareça, a verdade é que o português não se ensina em todas estas escolas...

Por falta de professores? Não o creio. Por exemplo, entre as Doroteias, a que algumas dessas escolas foram confiadas, abundam – mesmo onde escasseiam as portuguesas – as Irmãs brasileiras e luso-americanas.

Por oposição dos respectivos prelados, quase todos de origem irlandesa? Não acredito. E recorde o que ouvi, a este respeito, a um jovem sacerdote continental, aluno de uma Universidade norte-americana: – “É um mito a oposição dos Bispos irlandeses às paróquias portuguesas; é um mito a sua hostilidade ao ensino da nossa língua nas escolas paroquiais portuguesas.” Pelo contrário, ainda há pouco o Bispo (de origem irlandesa) de Springfield, Monsenhor Weldom, exigiu, numa igreja paroquial polaca, que as crianças da catequese rezassem o Pai Nosso em polaco – e não em inglês. É que os prelados não ignoram que acaba por se afastar da Igreja o filho de imigrantes que radicalmente se afasta do idioma dos seus pais.

Por isso é que não há nos Estados Unidos paróquias propriamente norte-americanas; há paróquias de fala inglesa – “english speaking” ou seja: paróquias irlandesas e (em Baltimore, por exemplo) inglesas; paróquias franco-canadianas – ou de língua francesa; e paróquias portuguesas, italianas, espanholas, polacas, alemães, ucranianas, húngaras...

E onde, havendo portugueses, não há ainda – é o caso de Ludlow – uma escola paroquial portuguesa as crianças luso-americanas (uma vez que nenhum pai católico gosta de enviar os filhos à escola oficial, nos Estados Unidos) frequentam a escola da paróquia franco-canadiana e então é em francês (não em inglês) que os filhos dos portugueses aprendem a rezar e nessa mesma língua confessam os seus pecados aos sacerdotes da igreja portuguesa.

– O ensino sistemático do francês prejudica, porém, os filhos dos franco-canadianos – diz-me alguém. – Como, em consequência do seu francês, não conseguem falar o inglês com uma boa pronúncia, vêm-se preteridos, sempre, nos empregos públicos a que concorrem.

É um argumento, mas que não me convence. Primeiramente, porque, se há um país em que os empregos públicos não são positivamente os melhores empregos, os Estados Unidos são esse país. Depois, porque ninguém, nos Estados Unidos, fala o inglês com uma boa pronúncia, nem sequer (dizem os outros norte-americanos) os ianques de Boston.

O argumento, portanto, não colhe. O que há, isso, sim, é uma extrema dificuldade em levar as crianças a aprender, na escola, outra língua, além do inglês. Os sacerdotes e as professoras têm, pois, não que desistir, mas que multiplicar os estímulos, para que os filhos dos portugueses aprendam, na escola, alguma coisa da língua dos seus pais. Esses estímulos, aliás, não devem vir exclusivamente do

---

<sup>47</sup> DNNB, 4 de março de 1959; JM, 1 de junho de 1959.

sacerdote e da professora, mas também da Imprensa de língua portuguesa, por exemplo através de adequadas historietas aos quadradinhos, e da Rádio, através de programas infantis em português.

É em torno da criança que a batalha tem, efectivamente, de se travar – só graças à criança luso-americana de hoje é que poderão manter-se amanhã com vida as comunidades portuguesas nos Estados Unidos. Comunidades que, diga-se o que se disser em contrário, não sobreviverão, por certo, ao completo desaparecimento do idioma.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 46  
“CAFETERIAS,” “CAFFÉS” E “COFFEE SHOPS”<sup>48</sup>

NOVA YORK, 11 DE DEZEMBRO – Em todas as cidades norte-americanas, há “caffés,” “coffee shops” e “cafeterias.” Nota a fixar: nos “coffee shops” e nas “cafeterias” podem entrar senhoras; nos “caffés,” não devem entrar – encontrar-se-iam provavelmente, em má companhia.

A “cafeteria” é, praticamente, um restaurante com dois ou três pratos quentes numa estufa envidraçada e mais as sanduíches e pratos frios que constituem almoço para quase todo o norte-americano que não pode ir a casa almoçar.

Entra-se na “cafeteria,” toma-se lugar numa “bicha” se é hora de grande afluência, pega-se numa bandeja e na bandeja vamos pondo, depois, tudo aquilo de que precisamos – o talher, o indispensável copo de água com gelo, o prato quente ou frio que escolhemos, a salada, a sobremesa [e] a enorme chícara de café. Depois, ao sairmos da “bicha” com a bandeja atulhada, passa-se pela caixa e paga-se. Seguidamente, escolhe-se uma mesa ou espera-se pela vez, se não há mesas livres; em cada mesa, temos à nossa espera quatro frascos – o do açúcar, o do sal, o da pimenta e o de molho de tomate, além da invariável caixa de guardanapos de papel.

Terminada a refeição, deixa-se a bandeja em cima da mesa, com os pratos, o talher – e os restos.

Nas “cafeterias” mais elegantes, há, nas mesas, toalhas de papel; nas outras nem isso.

Quanto ao “coffee shop” ou “coffee house,” é também um restaurante, mas com criados ou criadas.

Com preços inferiores aos do “grill-room” e muito inferiores, mesmo, aos do restaurante propriamente dito, em quase todos os hotéis há um “coffee shop”, com mesas e um balcão de “bar.” Os preços ao balcão, são os mesmos, mas o serviço é mais rápido.

No “coffee shop,” ao contrário do que sucede no “grill-room” ou no restaurante, não se servem vinhos nem quaisquer outras bebidas alcoólicas – apenas água gelada, leite, chá, café e sumo de frutas.

Quem ainda achar, no entanto, altos os preços do “coffee shop” pode alimentar-se mais economicamente na “cafeteria,” no “automático” (onde tudo funciona segundo o sistema de entra-moeda-sai-comida) ou, enfim, ao balcão do “drug store” – e quase todos os hotéis, assim como têm o seu “coffee shop,” têm igualmente o seu “drug store,” onde tanto podemos comer à pressa uns ovos estrelados com presunto ou adquirir pasta dentífrica da nossa preferência, o creme para a barba, os brinquedos para o filho do amigo que vamos visitar, o romance policial para lermos à noite no quarto, o “magazine” que nos entretenha durante a viagem no “subway” ou ainda os comprimidos que usamos para a dor de cabeça.

No “drug store” também não se vendem bebidas alcoólicas. Quem as quiser terá, pois, que ir bebê-las (por ordem crescente de importância social – e de preço) no “bar,” no “caffé” ou então, já em alto nível, no “cocktail-lounge” de qualquer hotel, para não falar no “night-club.” O “bar,” em regra, é frequentado apenas por homens. Nos “caffés” já se encontram mulheres – senhoras, em rigor,

<sup>48</sup> DNNB, 5 de março de 1959; JM, 5 de junho de 1959.

não. Nos “cocktail-lounge,” predominam as senhoras; enfim, nos “night-clubs,” as mulheres, evidentemente.

Por sua vez, as “taverns” são, quase sempre, restaurantes de luxo. Mas também há “taverns” que são mesmo tabernas e “bars” que são luxuosos e caros.

\* \* \*

Com Mr. Joseph Jones, um dos vice-presidentes da United Press, e Mrs. Jones, fomos ontem jantar ao University Club, na Quinta Avenida. O clube ocupa nove andares e inclui três restaurantes: pois, em todo o clube, as senhoras só têm acesso a um pequeno vestiário, uma sala e um dos restaurantes. Mas ali, então, elas vingam-se – nenhum homem pode ali entrar, e ali sentar-se, e ali comer, sem se fazer acompanhar por uma senhora...

\* \* \*

– À mulher que vende jornais chamam os ingleses “newswoman” – diz minha mulher.  
 – Nós aqui é o nome que damos à jornalista – esclarece Mrs. Payette, com quem estamos a jantar num restaurante francês da Terceira Avenida.  
 – E que nome é que dão, nesse caso, à mulher que vende jornais? – quer saber minha mulher.  
 – Chamamos-lhe “newsboy” – responde, tranquilamente, Mrs. Payette, um dos subdirectores da United Press.

\* \* \*

Outra história maluca:

Algures, nos Estados Unidos, há um homem que tem uma grande uma grande “farm” onde engorda perus e um grande lago onde cria trutas. Mas há epidemias que dizimam frequentemente, mas nunca ao mesmo tempo, os perus e as trutas. Assim, as trutas devoram os perus que morrem e os perus que sobrevivem habitua-se a comer, com a mesma sofreguidão, as trutas que aparecem, mortas, a flutuar na lagoa. Por isso, hoje, nos restaurantes de Nova York, dizem-nos, há trutas que sabem a peru e perus que sabem a truta.

... a verdade, porém, é que o peru soube-me apenas a peru, das duas vezes que o comi. A truta, por seu turno, da única vez que a pedi, veio sem o menor sabor a qualquer galináceo – e superiormente fresca.

*DUTRA FARIA*

## JORNAL DE VIAGEM – 47 APENAS UM TAPUME, OS ARRANHA-CÉUS<sup>49</sup>

NOVA YORK, 12 DE DEZEMBRO. – Sim, é verdade, o Empire State Building tem 102 andares; sim, é verdade, todos os dias meio milhão de pessoas viaja nos comboios que chegam de manhã à Grand Central Terminal e saem à tarde, depois de encerrados os escritórios e os estabelecimentos comerciais; sim, a Biblioteca de Nova York guarda, nas suas estantes, 13 milhões de livros; sim, o Coliseu de Nova York, que custou 35 milhões de dólares, é o maior do mundo; sim, Nova York, com mais de 8 milhões de almas, é, em população, a segunda cidade do mundo, logo depois de Londres. Isto, porém, não explica Nova York.

<sup>49</sup> DNNB, 6 de março de 1959; JM, 16 de junho de 1959.

Há quem diga: – “Os Estados Unidos não são Nova York; os Estados Unidos são um país, ao passo que Nova York é uma cidade cosmopolita.” Efectivamente, há em Nova York mais judeus do que em Jerusalém ou em Telavive; mais italianos do que em Nápoles; mais pretos, no Harlem, do que em Luanda ou em Lourenço Marques. A criada que me arranja o quarto, no hotel, é porto-riquenha. O porteiro que faz deslizar, para que eu passe, a porta rotativa, é alemão e enverga a sua farda com o aprumo de um general prussiano. O condutor do táxi é russo e está em Nova York, vindo não sei de que campo de refugiados na Europa, ainda não há seis meses. A secretária do amigo a quem visito no seu escritório é polaca. Eis Nova York.

Mas os Estados Unidos são também isto. Simplesmente, para todos quantos vêm da Europa, Nova York, com os seus arranha-céus, a sua fisionomia de cidade desenhada em papel quadriculado, a sua lenda de insensibilidade e de riqueza, é a primeira imagem da América – uma imagem agressiva.

Depois, os que vieram da Europa metem-se por terra dentro, partem à descoberta dos Estados Unidos. E só os que falham é que regressam a Nova York. Todos os outros se espalham por essas vilas e pequenas cidades como Ludlow, no Massachusetts, como Bristol, no Rhode Island, como Glastonbury, no Connecticut, como Hanford ou como Tulare, na Califórnia, vilas e pequenas cidades onde não há arranha-céus, onde ninguém se acotovela, onde as casas são de madeira e não de cimento armado ou de vidro e aço, onde há cortinas nas janelas, onde todos se conhecem e se saúdam: – “Hello, Joe. Hello Mary.” Só os que fracassam é que voltam, mas desiludidos, mas amargos, mas azedados pelo malogro da sua vida e da sua aventura, a Nova York. E voltam porque Nova York é mais perto da Europa, de onde vieram – porque de Nova York podem avistar, a emergir vagamente da neblina do porto a estátua da Liberdade, por detrás da qual o mar é já de todos...

Os outros, os que triunfam, se passam por Nova York, descem dos seus automóveis, defronte do hotel, com as suas malas – e têm para a cidade que os acolheu quando da sua chegada aos Estados Unidos um olhar de gratidão. Mas os que fracassam não têm automóvel, nem bagagens, nem dólares com que pagar sequer um quarto em qualquer hotel. Com as mãos enterradas nos bolsos, os ombros vergados, nos pés uns sapatos cobertos de lama, erram à procura de emprego – e, se o encontram, aceitam-no, mas sem alegria, sem esperança. Por isso Nova York, cidade de um país optimista, é uma cidade mal-humorada, rude, brutal, que não sabe sorrir.

Pergunto à criadinha que me arruma o quarto se gosta de Nova York.

– “No, señor.” E ganho aqui bem mais do que ganhava no Porto Rico. Mas as pessoas não nos falam senão para nos darem ordens: faça isto; vá-nos buscar aquilo. E nem sequer olham para nós.

Faço a mesma pergunta ao porteiro:

– “Nein” – responde. – É uma grande cidade, mas a que falta uma alma.

Deve ser também o que pensa o motorista russo: – “Niet.” Aqui, andamos sempre a correr de um lado para o outro... E para quê, afinal? Todos os dias, aqui, são iguais...

No entanto, os Estados Unidos, sem Nova York, seriam outra coisa – os Estados Unidos precisam de Nova York para serem o que são. Nova York é o indispensável elemento de contraste. Por detrás desta cidade carrancuda, hermética, hostil, há um país admiravelmente jovem, quase infantil que sorri. Estes arranha-céus pretensiosos e de mau gosto – o que está aqui defronte dos meus olhos, no outro lado da rua do meu hotel, tem uma feira de janelas góticas geminadas de 10 em 10 andares, gárgulas e ameias por cima do último andar e no terraço um templo grego em cujo telhado mostra as suas garras de bronze o leão alado dos assírios; estes arranha-céus, afinal, são apenas um tapume. Se espreitarmos pelas fendas do tapume, o que vemos então já não é Nova York – é este país onde existem, na realidade, a alegria e a esperança que desertaram das ruas e avenidas da grande cidade tentacular e sombria.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 48  
**ADEUS, ATÉ À VOLTA!**<sup>50</sup>

NOVA YORK, 13 DE DEZEMBRO. – Estão já fechadas as malas. Terminou esta viagem de quarenta e oito dias – quatro vistos, quatro países – por terras do Novo Mundo. Daqui a poucas horas levantará do aeroporto de La Guardia para os céus da Europa o avião em que seguiremos.

Parti de Lisboa com uma certeza. Levo comigo, agora, a mesma certeza – e novas razões para a manter. Há comunidades portuguesas nas Américas de que Portugal não poderá desinteressar-se sem se mutilar. E há perigos de que essas comunidades têm que se defender. O perigo maior é ainda o da falta de coesão. Trata-se, porém, de um perigo que está hoje a ser combatido, em toda a parte.

No Brasil há uma Federação das Associações Portuguesas. Tem que se fazer o mesmo na Venezuela, nos Estados Unidos e, ainda, na Argentina. Há, também, uma associação portuguesa em Montevideu, outra em Montreal. Poderiam talvez filiar-se, respectivamente, na Federação das Associações Portuguesas da Argentina e na Federação das Associações Portuguesas dos Estados Unidos.

Assim como deviam federar-se as associações portuguesas, deveriam também entender-se e cooperar (sobretudo na Califórnia) os directores dos programas radiofónicos em português. A Rádio portuguesa nos Estados Unidos pode vir a ser uma força, mas não o será enquanto não houver uma coordenação de esforços – e de horas.

Quanto à Imprensa, se o Rio sustenta dois semanários da categoria da “Voz de Portugal” e do “Mundo Português,” julgo que haverá também possibilidades de expansão para um semanário do mesmo tipo em S. Paulo.

Em Caracas, entretanto, há três semanários portugueses. Sinceramente desejo que os três se mantenham e progridam, mas temo que sejam jornais em demasia para uma colónia em que o gosto pela leitura não é excessivo.

Nos Estados Unidos, finalmente, publicam-se, em Português, um diário, dois semanários e um quinzenário.

As comunidades luso-americanas da Califórnia estão ameaçadas na sua existência, correm o risco de se dissolverem na medida em que o uso da língua for desaparecendo. O risco é menor na Nova Inglaterra e na Nova Jersey. Umas das razões será que existem na Nova Inglaterra 28 paróquias portuguesas, enquanto Califórnia há 5 apenas.

Efectivamente, o sacerdote desempenha, junto das comunidades portuguesas, um papel em que ninguém mais o poderá igualar. Sobretudo quando é açoriano e nas comunidades predominam, como na Califórnia, os açorianos. Mas o sacerdote, por sua vez, tem que saber fugir ao perigo da “americanização.” Não se desempenhará inteiramente da sua missão, julgo, o padre que não reunir ao apostolado de Cristo o apostolado de Portugal. Os que assim não fazem não conseguem afinal, ter, nas suas paróquias, nem bons portugueses, nem bons católicos. Deixar “americanizar” os portugueses é deixá-los perder, ao fim de mais ou menos tempo, para a Igreja. Não pensam assim, é verdade, todos os nossos sacerdotes. Em compensação, é assim que pensam – hoje, pelo menos – os tão caluniados Bispos irlandeses, apenas com duas ou três excepções.

Da nossa parte, nos meios oficiais, nota-se aqui por vezes uma certa timidez em falar dos “portugueses dos Estados Unidos.” Pessoas responsáveis creio que se referem, de preferência, aos “luso-americanos,” não vá Washington alarmar-se... Mas os italianos falam sempre, muito concretamente, das “colónias italianas,” dos “jornais italianos,” dos “clubes italianos.” O mesmo sucede com os polacos. E ninguém se ofende com isso.

---

<sup>50</sup> DNNB, 9 de março de 1959; JM, 19 de junho de 1959.

Nota curiosa: o norte-americano, se a mãe e o pai não têm a mesma nacionalidade adopta, sempre, como sua pátria de origem, a do pai.

Nunca diz por exemplo:

– Sou norte-americano mas filho de um português e de uma italiana.

– Sou português.

Ou então “sou italiano,” se filho de uma portuguesa e de um italiano.

Chegou a hora da partida. Já o moço do hotel veio buscar as malas. A viagem acabou. Agora o que principia é, simplesmente, o regresso, um regresso sem história, sem crónica. Portugueses dos Estados Unidos, portugueses da Venezuela, portugueses do Brasil, adeus, até à volta.

DUTRA FARIA

## II. O PÉRIPOLO DE DUTRA FARIA VISTO PELA IMPRENSA

### 2.1 Dutra Faria no *Diário de Notícias* de New Bedford

Para os antigos leitores deste antigo jornal luso-americano o nome de Dutra Faria não era propriamente desconhecido, visto que, desde meados da década de 20 o mesmo começou a surgir nas suas páginas, em notícias pontuais provenientes da Ilha Terceira, na altura em que era ainda estudante, quer na sua terra natal, quer em Lisboa, onde frequentou o Curso Superior de Letras. A 11 de Agosto de 1939 surge, neste jornal, a primeira notícia subscrita por ele, intitulada “Um príncipe negro”. Em novembro de 1941 o seu nome voltou a surgir numa notícia acerca do tricentenário do primeiro jornal português, referindo que pertencia aos Serviços de Informação e Imprensa do Secretariado da Propaganda Nacional.

Em 1945 Dutra Faria empreendeu a sua primeira viagem aos Estados Unidos, por via aérea, tendo ido até à cidade de San Francisco, na qualidade de enviado especial do *Diário da Manhã*, de Lisboa, o órgão oficial da Legião Portuguesa e da Ditadura, conforme referiu o DNNB de 4 de maio desse ano, juntando-se assim a outros jornalistas portugueses que já lá se encontravam de modo a cobrir a Conferência das Nações Unidas. Ao retornar a Portugal, este terceirense publicou no jornal *Açores* o seu primeiro texto acerca dos portugueses na América, que foi transcrito no DNNB de 12 de outubro seguinte, e que apresentamos seguidamente:

#### **Ao regressar de terras da América**

Açoriano, procurei, durante os dois meses da minha passagem pelos Estados Unidos da Norte-América, ver como viviam por aquelas terras de prodígio, os açorianos; como trabalhavam; como pensavam; de que maneira guardavam e os nossos costumes, as nossas tradições e as nossas virtudes.

Pois devo dizer que desse meu contacto, ainda que breve e ainda que apressado, com os açorianos da Norte-América – com eles, com suas famílias, com seus filhos – trago as melhores, as mais vivas, as mais gratas impressões; direi mesmo até que a recordação desses admiráveis açorianos, do seu esforço, do seu exemplo, figura entre aquelas que não julgo possível esquecer algum dia.

O tempo, por desgraça, não permitiu que eu fosse a New Bedford; o tempo, que era pouco – dados os meus afazeres de jornalista sobretudo atento ao que se passava na Conferência de S. Francisco e à sua volta; mas estive em Oakland e em Fresno; percorri, durante longas horas, as estradas que cortam, em todos os sentidos, o vale de S. Joaquim, onde raro é o “farm” que não seja de portugueses, dos Açores; em Sausalito, no

Domingo do Espírito Santo, assisti a uma Coroação, que à frente levava irmanadas, a bandeira de Portugal e a dos Estados Unidos; num banquete dos Clubes de Cabrilho – falei aos açorianos da Califórnia, exortei-os a que guardassem no íntimo do seu coração, e sem prejuízo da Lealdade que devem ao grande país que adoptaram, a lembrança destas ilhas portuguesas do Atlântico, verifiquei, então, como os olhos se lhes embaciavam de lágrimas de saudade; em seguida, e já na outra costa, fui a Newark, a Providence, a Bristol – a Bristol, quase só habitada por açorianos e com um padre açoriano, da Terceira, o padre Henrique Rocha que ali está a fazer, a levantar, com persistência e com paciência, uma obra louvável e fecunda de portuguesismo e de amor cristão.

Tornando ainda, porém, à costa do Pacífico, outras figuras evoco, entre as quais algumas de sacerdotes, poucos, infelizmente, para tão ampla e tão útil tarefa como a que se lhes apresenta e se lhes impõe; apenas oito, se não erro, para toda essa imensa Califórnia, onde tantas comunidades portuguesas se instalaram e prosperam.

Apenas oito... Por isso, se é verdade que os filhos de portugueses falam português, verdade é também, dolorosa e dura, que os netos já o não falam, à míngua de escolas e de catequese onde se empregue e se aprenda a nossa língua.

Oito... E tendo que velar por mais portugueses do que todos os que há nos Açores. E tendo que vencer distâncias incríveis para ir de igreja em igreja, de capela em capela ou de “império” em “império.” E tendo que multiplicar-se nas obras de assistência social, nas de formação religiosa, nas de educação moral e cívica da juventude.

Nada mais do que oito... como se ali não fossem também como as de África ou as da Ásia, terras de missão – e como se em Portugal, nomeadamente nos Açores, faltassem as vocações missionárias, animadas pela Fé e pelo espírito de aventura e do Sacrifício!

Referi-me aos filhos dos portugueses, aos filhos dos Açorianos.

É que também os procurei e também os conheci: médicos, advogados, notários, comerciantes, industriais: Joseph Mento, advogado na capital da Califórnia, filho de uma família de S. Jorge; Carlos de Freitas, de outra família de S. Jorge, advogado em S. Rafael; John Brasil. Mais um jorgense, industrial em Oakland – e aquele velho e respeitado Seamas de S. Francisco, que alterou a ortografia do seu nome de filho de “picarotos,” Simas, só para que os norte-americanos o não pronunciassem mal; o velho e respeitado Seamas, que já nasceu nos Estados Unidos, que tem mais de sessenta anos sem nunca haver saído da Norte-América, mas que, apesar disso, tomaríamos por um homem do Pico...

Os filhos dos açorianos... mas há que pensar, agora principalmente, nos netos – naquela terceira geração que não deve esquecer o português.

– Quisera eu mais padres portugueses, todos quantos me possam mandar...

Estas palavras – ouvi-as da boca do Arcebispo de S. Francisco.

Aqui as deixo, comovidamente, ao cerrar esta crónica sem pretensões; aqui as deixo como um depoimento – e como um apelo.

Em 1948 o Pe. José da Costa Valério, eclesiástico radicado em New Bedford, foi de viagem a Lisboa e encontrou-se com Dutra Faria, da ANI, e Jorge Simões, redator do *Diário da Manhã*. Desse encontro foi publicada uma fotografia na edição do DNNB de 22 de setembro de 1948, cerca dum mês antes deste terceirense empreender a sua viagem pelas Américas.



A partir de 9 de novembro desse ano, o DNNB passou a publicar regularmente notícias provenientes da ANI, em Lisboa, redigidas por Dutra Faria, e o seu nome passou a ser familiar para os seus leitores. E desde o ano seguinte algumas dessas notícias eram enviadas em exclusivo para este órgão informativo luso-americano.

Em 1949 Dutra Faria deu início a uma colaboração com este jornal, tendo este órgão informativo luso-americano publicado alguns artigos de sua lavra, escritos em exclusivo para o mesmo, tais como os intitulados "Elegia Coimbrã" (5/1/1949), "'Portugal dos Pequeninos" – Mundo de Ternura e de Graça" (6/1/1949), ou "Nunca se encontrou o manuscrito de 'A Batalha do Caia' – Romance que Eça de Queirós teria escrito ou sonhado escrever" (17/4/1950).

Na edição de 5 de fevereiro de 1949 o DNNB publicou uma carta do Diretor da Agência ANI, Dutra Faria, repudiando as declarações do madeirense Camilo Câmara e colaborador deste jornal luso-americano, divulgadas alguns dias antes na rubrica "Notas e Comentários", acerca do candidato presidencial Norton de Matos. Este facto denota que este órgão da imprensa era recebido em Portugal e lido atentamente pelas forças afetas ao regime de Salazar, visto que regularmente o denunciava perante os seus leitores. A 3 de abril de 1950 o DNNB voltou a publicar uma carta de Dutra Faria protestando contra um artigo do seu correspondente em Lisboa acerca do caso de Goa. As suas respostas a artigos publicados neste jornal mereciam, por parte dos visados nas suas observações, a respetiva contrarresposta, gerando-se assim uma espécie de diálogo entre os diversos intervenientes, muito interessante de seguir, por militarem em diferentes campos ideológicos e políticos.

A 12 de março de 1954 este órgão informativo começou a publicar uma série de crónicas de Dutra Faria relativas a uma viagem por ele efetuada através do continente europeu, intituladas "Em vagabundagem pela Europa", textos esses difundidos pelo "Serviço de crónicas ANI". Na edição de 8 de julho do ano seguinte este jornal luso-americano deu início à publicação duma nova série de crónicas de viagem deste escritor, subordinadas ao título "Inglaterra 1955". A 8 de julho de 1958 o DNNB deu início à publicação duma nova série de crónicas deste autor, sob o título "Na Exposição de Bruxelas".

## 2.2 Acompanhando a visita de Dutra Faria às Américas

A passagem deste ilustre terceirense pelos Estados Unidos começou por ser anunciada, em primeiro lugar, de modo telegráfico, na imprensa portuguesa da costa oeste deste país, nomeadamente no

semanário luso-americano *Jornal Português*, de Oakland, Califórnia (JP), na edição de 24 de outubro de 1958, nestes termos: **Visitante Ilustre – Dutra Faria** – *Deve visitar a Califórnia nos princípios de Dezembro o Sr. Dutra Faria, distinto Jornalista português e Director da Grande Agência de Notícias – ANI – cujo noticiário publicamos neste Jornal todas as semanas.*<sup>51</sup>

Na sua oitava crónica Dutra Faria referiu que concedeu diversas entrevistas à sua chegada ao Brasil. Tentámos encontrá-las, para descobrirmos o que teria dito acerca do móbil da sua viagem, mas a nossa tarefa não foi fácil. Contudo conseguimos recolher, através de mão amiga, as notícias acerca da sua passagem pelo Rio de Janeiro divulgadas no *Jornal do Brasil*, um órgão informativo dessa cidade.<sup>52</sup> A 29 de outubro o mesmo divulgou a palestra que este jornalista realizaria naquela cidade, assim como acrescentou mais alguns dados acerca do ilustre visitante:

### ***Diretor da ANI hoje no Rio: palestra***

Em companhia de sua mulher, D. Noémia Gil Faria, conhecida cronista de modas, chegará hoje, às 11 horas, à Cidade, o jornalista e escritor português, Dr. Dutra Faria, Diretor da agência de notícias “ANI” e Redator Principal do diário “A Voz,” de Lisboa.

O jornalista Dutra Faria pronunciará uma conferência na Casa dos Açores, quarta-feira, dia 3 de Novembro, e, depois de permanecer uma semana no Brasil, seguirá para Venezuela e Estados Unidos.

### **QUEM É QUEM**

Antigo militante da imprensa portuguesa, o Sr. Dutra Faria foi colaborador, redator e diretor de várias publicações literárias, artísticas e políticas. Como repórter, teve muitos trabalhos premiados. Ainda no ano passado, em Haia, quando do julgamento da questão entre Portugal e União Indiana, sua cobertura jornalística mereceu prémio e louvores. Como escritor, deu-nos “Navegação de paz e de glória” e “São Francisco e o problema da paz.”

A convite oficial, o Sr. Dutra Faria percorreu inúmeros países, como Inglaterra, Bélgica e Alemanha. Conhece quase toda a Europa e muitos países da África, Oriente e América.

No Brasil, esteve em 1954, por ocasião das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, escrevendo uma série de reportagens que mereceu transcrição em jornais portugueses do Continente e do ultramar.

O Sr. Dutra Faria é proprietário exclusivo, com Barradas de Oliveira, da agência “ANI,” fundada em 1947, e cujos serviços vem procurando ampliar, inclusive os do Brasil para Portugal.

A conferência do Sr. Dutra Faria, na Casa dos Açores, versará sobre o tema “Os açorianos em Angola.” Será presidida pelo Conselheiro da Embaixada de Portugal, Sr. Paulo Coelho.

---

<sup>51</sup> Agradecemos penhoradamente à Prof.<sup>a</sup> Dra. Glória de Sá, da UMass Dartmouth, a gentileza de ter requisitado à universidade californiana que detinha os microfilmes do antigo *Jornal Português*, outrora publicado em Oakland, e de os ter pesquisado por nós em busca desta e de outras notícias sobre a passagem de Dutra Faria pela costa oeste dos Estados Unidos.

<sup>52</sup> Agradecemos igualmente à Prof.<sup>a</sup> Lélia Nunes, da ilha de Santa Catarina, no Brasil, os esforços que envidou para encontrar, através do Presidente da Casa dos Açores do Rio de Janeiro, Leonardo Soares, seu conhecido, os artigos sobre o Dutra Faria então publicados neste órgão da imprensa dessa cidade, assim como a entrevista por ele concedida ao jornal *O Globo*, que mais adiante apresentamos.

Na edição do dia seguinte este jornal carioca confirmou a chegada, na véspera, deste jornalista terceirense ao Rio de Janeiro, acrescentando mais alguns dados acerca do objetivo principal da sua viagem, obtidos através duma breve entrevista que lhe fez:

### ***Diretor da ANI chegou***

O jornalista Francisco de Paula Dutra Faria, Diretor da Agência de Notícias e Informações (ANI), de Portugal, chegou ontem à noite ao Rio, vindo de Lisboa.

Falando ao JORNAL DO BRASIL, declarou o Sr. Dutra Faria que, no Brasil, estudará as condições de trabalho para os seus clientes, visando a expandir o noticiário para o nosso País.

Disse que com as empresas jornalísticas brasileiras procurará saber a opinião de seus diretores quanto à forma de tratamento que deve ser dada às notícias portuguesas que mais de perto nos interessam.

### **CANAL PRÓPRIO**

O diretor da ANI acentuou que por outro lado é “enorme o interesse que despertam em Portugal as coisas do Brasil.”

Por isso – e levando em conta ainda que nestes três últimos anos cresceram sobremodo as notícias do Brasil para Portugal – procurará conhecer a possibilidade de instalação de um canal próprio radiotelegráfico para a ANI para a transmissão de notícias diárias, daqui para lá.

No momento, disse, as transmissões para Lisboa estão sendo feitas através da United Press Internacional (UPI), numa linha de telex, ligada em Londres ao sistema operacional da Inglaterra para o Rio.

Os jornais portugueses publicam em média por dia de 15 a 20 notícias brasileiras, finalizou.

Apenas a 4 de novembro seguinte, sete dias após o início da viagem de Dutra Faria e da sua consorte ao continente americano, o DNNB deu-a a conhecer aos seus leitores, assim como ao objetivo da mesma:

### **O dr. Dutra Faria e sua esposa, em viagem pelo Novo Mundo**

LISBOA, (ANI). – O Director Executivo da ANI, Dutra Faria, partiu, com sua esposa, D. Noémia Gil Dutra Faria, também jornalista, para o Brasil.

Dutra Faria – que recebera, dias antes, o prémio “Afonso de Bragança,” do SNI, pela sua reportagem de há um ano sobre o julgamento da primeira fase da queixa portuguesa contra a União Indiana, no Tribunal Internacional de Justiça – vai ao Rio de Janeiro e a S. Paulo estudar as possibilidades de expansão dos serviços da ANI no Brasil, assim como a intensificação dos seus serviços noticiosos do Brasil para Portugal, seguindo, depois, com idêntico objectivo, para a Venezuela e os Estados Unidos.

Dutra Faria, que é açoriano, proferirá, no Rio de Janeiro, uma conferência na Casa dos Açores sobre “Os açorianos em Angola.” Além disso, fará ainda entrevistas com altas individualidades brasileiras que serão publicadas, simultaneamente, nos vinte diários, que, espalhados por todo o território português, desde Lisboa a Macau, constituem a rede actual da ANI.

Ao entregar a Dutra Faria o prémio “Afonso de Bragança,” o Secretário Nacional da Informação, dr. César Moreira Baptista, teve para o Director Executivo da ANI palavras de alto elogio, dizendo, nomeadamente, que “a sua reportagem sobre o

juizamento do caso de Portugal-União Indiana, no Tribunal de Haia, se é um exemplo de como se faz jornalismo pois na objectividade dos factos lhe cumpria relatar, não deixou de ter também a vibração do autêntico patriota que ele tem demonstrado ser em tantas circunstâncias.”

---

O dr. Dutra Faria e sua esposa, seguirão de Caracas, via México, para San Francisco, a fim de visitar algumas comunidades luso-americanas da Califórnia. Depois dirigir-se-ão a Nova York, donde virão a Rhode Island e Massachusetts.

Os ilustres viajantes devem estar nestas paragens entre os dias 10 e 15 de Dezembro próximo.

As entrevistas referidas neste artigo estão integradas nas suas crónicas de viagem, publicadas em diversos jornais da rede da ANI, entre os quais se contavam o *Jornal da Madeira* e o *Diário de Notícias* de New Bedford, de onde as coligimos. Mas não deixa de ser interessante o facto das mesmas terem sido publicadas à escala global, em todo o mundo português de então.

Refira-se ainda que na edição do dia 5 de novembro do prestigiado jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, foi publicada a entrevista concedida ao mesmo por Dutra Faria:

### **MAIOR INTERCÂMBIO DE NOTÍCIAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL**

— Não vim lançar no Brasil a Agência de Imprensa portuguesa ANI, visto como ela já transmite para este país um boletim telegráfico de 1000 palavras pelo menos, de que são assinantes quase todos os jornais cariocas, emissoras, casas regionais portuguesas e até bancos — declarou à nossa reportagem o jornalista português Dutra Faria, recentemente chegado ao Rio de Janeiro.

Disse mais o Sr. Dutra Faria, um dos mais conceituados profissionais da imprensa portuguesa, que vem estudar as possibilidades de expansão dos serviços da ANI em nosso país, na execução de planos que considera inadiáveis.

### **Notícias do Brasil em Portugal**

— A ANI apenas dá notícias de Portugal para o Brasil ou também distribui notícias do Brasil à imprensa portuguesa?

— Das cinco agências que servem à imprensa portuguesa em regime de viva concorrência (duas portuguesas: a ANI e a Lusitânia, trabalhando esta sobretudo de Lisboa para as nossas províncias ultramarinas), duas internacionais (a France Press e a Reuter) e ainda a espanhola Efe, é a ANI, sem dúvida, a que distribui maior número de notícias do Brasil, quer enviadas pelos nossos correspondentes no Rio, em S. Paulo, quer recebidas da United Press International, agência de cujos serviços noticiosos temos exclusividade para todos os territórios portugueses.

### **A Censura**

— Mas as notícias que nos manda de Portugal são sujeitas — observamos — à censura prévia.

— Não. Há censura prévia para os jornais em Portugal. Porém não há censura para as notícias que se enviam de Portugal para o estrangeiro, nem podia sequer tecnicamente haver, pois duas, pelo menos, das agências internacionais que trabalham em Lisboa, a UPI e a AFP, estão ligadas por linhas diretas de telex a Londres e a Paris, respectivamente.

### Organização

- Quem censura, pois, as notícias que a ANI envia para o Brasil? – perguntamos.
- Ninguém. Temos os nossos informadores, que recolhem as notícias; e um redator, familiarizado com as exigências e os gostos da imprensa do Brasil, que seleciona essas notícias, lhes dá a forma definitiva e, finalmente, as reduz à linguagem telegráfica. Fatos, só fatos. E, quando há necessidade de algum comentário, para tornar mais compreensível qualquer fato, então esse comentário é sempre assinado por um jornalista responsável e categorizado.

### Sociedade Por Quotas

- É a ANI uma agência oficial?
- Nem sequer oficiosa. É uma sociedade por quotas e hoje propriedade exclusiva dos seus dois directores: eu e o Barradas de Oliveira, ambos jornalistas profissionais. Aliás, a melhor prova de que isto é assim está no fato de sermos membros da Aliança das Agências Europeias de Imprensa, organização que inclui as agências nacionais finlandesa, sueca, norueguesa, dinamarquesa, alemã, holandesa, belga, austríaca, suíça, italiana, espanhola, jugoslava e turca, assim como a France Press.

### Intercâmbio

- E mantém intercâmbio noticioso com todas essas agências?
- Não com todas, exatamente, mas com a sueca TT, com a norueguesa NTB, com a dinamarquesa RB, com a alemã DPA, com a holandesa ANP, com a BELGA, com a suíça ATS e sobretudo com a italiana ANSA; e ainda com a agência israelita ITIM e a agência indonésia ANTARA. Além disso, temos, como já disse, exclusividade, em todos os territórios portugueses, dos serviços noticiosos da UPI.

Acerca da preleção realizada por Dutra Faria no Brasil, o DNNB de 7 de novembro de 1958 divulgou a seguinte informação alargada:

#### **Uma conferência de Dutra Faria na “Casa dos Açores,” do Rio de Janeiro**

RIO DE JANEIRO, (ANI) — O jornalista Dutra Faria, director da e redactor principal de “A Voz,” proferiu ontem, na Casa dos Açores, uma conferência intitulada “Os Açorianos em Angola.”

O conferencista foi apresentado pelo jornalista açoriano Raimundo Canto e Castro, que falou em nome dos açorianos, e pelo dr. Pizarro Loureiro, de “A Voz de Portugal,” em nome dos jornalistas brasileiros.

Ontem, também, Dutra Faria e sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, foram entrevistados por Celestino da Silveira para o programa “Portugal em TV,” da Televisão Tupi.

Durante essa entrevista, Celestino da Silveira congratulou-se com a notícia de que está em estudo a visita do grupo de bailados “Verde Gaio” ao Brasil e afirmou: “Queremos isso e muito mais; desejamos a visita de companhias de teatro português.”

Antes, Dutra Faria tinha almoçado no edifício de “O Globo,” com o director daquele jornal, Ricardo Marinho.

Hoje, no Clube Comercial, o jornalista português é o convidado de honra num almoço, a que assistem os directores da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, comendadores António Sarda, Monteiro Guimarães, Horácio Pinto Coelho,

Adriano Seabra, Soares de Medeiros, Joaquim Fernando Bordalo, António Pedro Rodrigues e o dr. Herculano Rebordão, Adido de Imprensa à Embaixada de Portugal.

**“Só por imposição da necessidade  
é que o emigrante açoriano não será pastor ou pescador...”**

Na sua interessante conferência, Dutra Faria falou da vocação histórica do emigrante açoriano para a pastorícia e o mar – pescador e pastor – declarando:

“Pescador, é-o hoje ainda na Nova Inglaterra – os famosos “capitães” de Gloucester, que deram um romance a Kipling, têm quase todos sangue açoriano e muitos dos seus barcos chamam-se ainda hoje (e assim mesmo em português) “Senhor Santo Cristo,” “Senhora dos Milagres,” “Divino Espírito Santo,” “Virgem de Fátima”; pescador, é-o, também, no Sul da Califórnia, em San Diego; pescador, é-o nas ilhas Hawai.

Pastor, é-o na Califórnia. 75 por cento do leite ali negociado provém ainda agora de vacas propriedade de açorianos – e isto lembra-nos de que houve também um tempo em que eram açorianos todos os leiteiros e todos os marchantes do Rio. São de ilhéus, na próspera Califórnia, quase todos os ranchos dos vales de S. Joaquim, de Santa Clara, de Sacramento – e mais para o interior não é difícil encontrar transformado pela pradaria em “cow-boy” o mesmo filho dos Açores que o pampa transformou em gaúcho.

E não será com certeza por acaso que em todo o Portugal há apenas duas regiões onde o toiro bravo e o gosto pela corrida de toiros são tão populares como nas mais “aficionadas” províncias da Espanha; uma é o Ribatejo, evidentemente – o colorido Ribatejo da lezíria e do campino; mas a outra é precisamente uma das ilhas dos Açores, é a Ilha Terceira, uma terra tão “aficionada,” tão profundamente “tauromáquica,” que até a sua Aljubarrota a ganharam aos espanhóis, na Salga, os aguçados chifres dos seus toiros...

Pois bem. O mesmo açoriano que “virou” gaúcho no Sul do Brasil e “cow-boy” na pradaria norte-americana aprendeu em Angola a lidar com o carro “bóer” puxado por três, quatro juntas de bois – mas permaneceu fiel à sua vocação de criador de gado.”

**A epopeia do açoriano em África**

O jornalista fez, depois, uma detalhada descrição, rica de pitoresco e pormenor, acerca da epopeia de trabalho, sacrifício e esperança em dias melhores, duma colónia de açorianos estabelecida em Angola, onde do nada e graças à iniciativa de um emigrante de S. Jorge, surgiu a “Cooperativa de S. Jorge do Catofe.”

Ali, um grupo de famílias cada vez mais numeroso, vive, trabalha e sonha... o sonho de todos aqueles a quem o destino ou as circunstâncias levam a ir procurar vida melhor em outro ponto do globo.

(Dutra Faria, acompanhado de sua esposa, depois de visitar o Brasil e a Venezuela, virá aos Estados Unidos, principiando por visitar as colónias portuguesas da Califórnia. À Nova Inglaterra deve chegar nos primeiros dias de Dezembro, devendo visitar os núcleos lusitanos de New York, Connecticut, Rhode Island e Massachusetts.)

No dia 13 do mesmo mês o DNNB noticiou, nos seguintes termos, o tributo de que o Diretor Executivo da ANI havia sido alvo em terras de Vera Cruz:

**Dutra Faria homenageado por intelectuais do Brasil**

SÃO PAULO, (ANI). – Um grupo de intelectuais da Academia Paulista de Letras homenageou o Director da ANI, Dutra Faria, com um almoço. Promovido pelo

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, dr. Leite Cordeiro, e por Mário Graciotti e Tito Lívio Ferreira, o almoço realizou-se numa típica “cantina.”

A Colónia Portuguesa também ofereceu a Dutra Faria um banquete que se realizou na Casa de Portugal e a que assistiram numerosos representantes das associações lusas de S. Paulo. O Cônsul de Portugal, dr. Adriano de Carvalho, referiu-se, aos brindes, com elogio, à acção do jornalista e do patriota.

Por seu turno, a 14 de novembro, o *Jornal do Brasil* voltou a referir-se a este ilustre visitante. No início da secção “Visitas,” da rubrica “Sociedade em Revista” foi divulgada, nos seguintes termos, a visita que Dutra Faria realizou a uma antiga instituição portuguesa estabelecida no Rio de Janeiro:

Esteve em visita ao Liceu Literário Português o Sr. Dutra Faria, Diretor da Agência Nacional de Informações (ANI) de Lisboa. O jornalista português, que se fez acompanhar do representante-delegado da ANI no Rio de Janeiro, Sr. Américo Laeth de Magalhães, foi recebido pelo Presidente daquela instituição, Comendador José Rainho da Silva Carneiro, pelo Coordenador Cultural Professor Otacilio Rainho e pelo Chefe da Secretaria e dos Serviços de Imprensa, jornalista Frederico Rosa.

Sob o título **“VISITANTE ILUSTRE – DUTRA FARIA,”** o JP do mesmo dia, 14 de novembro, começou por referir o seguinte: “Conforme anunciámos no nosso número de 24 de Outubro, deve visitar muito brevemente a Califórnia o grande Jornalista português, Sr. Dutra Faria, que actualmente se encontra no Brasil.” Seguem-se as suas detalhadas notas biográficas que, por serem muito extensas, apresentamos em nota de rodapé.<sup>53</sup> Findas as mesmas foram divulgados dois

<sup>53</sup> “O jornalista português Dutra Faria nasceu em 22 de março de 1910, na Ilha Terceira, Açores. Cursou o Liceu em Angra do Heroísmo, nos Açores, e frequentou a Faculdade de Letras (Ciências Históricas e Filosóficas) em Lisboa. Ainda aluno do Liceu, publicou em 1928 ‘Ao Acaso,’ livro de novelas e de poemas em prosa, e fundou um quinzenário literário, ‘Os Novos’ e, mais tarde, em 1929, uma revista ‘de arte e doutrina,’ denominada ‘Cruzada Nova.’ Em Lisboa, foi sucessivamente redactor da revista ‘Política’ (1930), fundador e director (com António Pedro) do semanário ‘Acção Nacional’ (1931), fundador e redactor (com António Pedro, António de Sousa Rego e Amaral Pyyrait) do diário da tarde ‘Revolução’ (1932 e 1933), chefe da redacção do semanário literário (dirigido por Tomás Ribeiro Colaço) ‘Fradique’ (1935), director da secção literária do semanário literário-político ‘Acção’ (1936). Entretanto, publicou (1933) ‘Carta aberta ao director do “Diário da Manhã,”’ panfleto político; (1935) ‘Unidade da Juventude,’ conferência; (1936) ‘De Marinetti aos Dimensionistas,’ conferência; (1936) ‘Roda do Tempo,’ crónicas; e (1936) ‘Diário de um intelectual comunista,’ romance. / A partir de 1936, Dutra Faria, que fora até ali predominantemente jornalista político e escritor, adoptou o jornalismo como profissão, trabalhando activamente na Imprensa diária de Lisboa e escrevendo para jornais do Ultramar. / Em 1940, por uma série de crónicas publicadas no diário ‘Notícias,’ de Lourenço Marques, ganhou o prémio da melhor reportagem das Comemorações do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal; em 1957, o prémio ‘Afonso de Bragança (reportagem)’ do Secretariado Nacional da Informação, pelo conjunto das suas crónicas sobre o julgamento, no Tribunal Internacional de Haia, da queixa de Portugal contra a União Indiana, crónicas publicadas por todos os jornais diários de Lisboa, desde o oficioso ‘Diário da Manhã’ até à ‘República,’ órgão da oposição ao regime. / Fez, em 1941, para toda a Imprensa portuguesa, a reportagem da viagem aos Açores do Presidente Carmona; em 1944, a da viagem do Cardeal Patriarca de Lisboa a Angola e Moçambique, viagem sobre que escreveu um livro, ‘Navegação de paz e de glória,’ publicado em 1945; depois, em 1945, a reportagem da Conferência Internacional de San Francisco, que lhe deu também um livro, ‘San Francisco e o Problema da Paz,’ nesse mesmo ano editado; em 1947, a da canonização de S. João de Brito, em Roma; em 1948, a da ida à Espanha do Cardeal Patriarca de Lisboa e da imagem da Virgem que se venera em Fátima; em 1953, a da visita do Presidente Craveiro Lopes a Madrid; em 1954, a da viagem presidencial a Angola; ainda em 1954, a do ministro português dos Negócios Estrangeiros, prof. Paulo Cunha, ao Brasil; enfim, a reportagem da última fase dos acontecimentos de Goa, em 1956. / Entre as grandes figuras internacionais que tem entrevistado contam-se o Cardeal Spellman, o Cardeal Masella, o Emir Façal da Arábia Saudita, o filósofo Jacques Maritain. / Como convidado pelo Governo britânico, visitou a Inglaterra em 1946 e em 1955; como convidado do Governo de Bruxelas, a Bélgica, em 1948; como convidado do Governo de Bona, a Alemanha ocidental e Berlim, em 1955. / Foi subchefe e logo depois chefe da redacção do ‘Diário

despachos noticiosos emitidos pelo correspondente da ANI na capital brasileira, com o intuito de dar a conhecer aos leitores luso-americanos as andanças deste ilustre terceirense por terras de Vera Cruz:

### CONFERÊNCIA DE DUTRA FARIA NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 5 – ANI – “Açorianos em Angola” foi o tema de uma conferência do jornalista Dutra Faria, Director executivo da ANI, no Rio de Janeiro.

Encontrando-se no Brasil, aonde se deslocou para tratar de assuntos relacionados com a expansão dos serviços da agência noticiosa portuguesa na América do Sul, Dutra Faria – a quem tem sido dispensado carinhoso acolhimento, não só pelo jornal “O Globo,” cujo director, Roberto Marinho, ofereceu um almoço em sua honra, como também pela Federação das Associações Portuguesas e outras entidades – proferiu, ontem, na Casa dos Açores, e a convite da respectiva direcção, uma conferência a que assistiram elementos de relevo da vida portuguesa no Rio de Janeiro e inúmeros sócios da colectividade.

Apresentado pelo jornalista açoriano Raimundo Canto e Castro, que o saudou em nome da Casa dos Açores, e pelo dr. Pizarro Loureiro, do jornal “A Voz de Portugal,” que lhe prestou homenagem pelos jornalistas brasileiros, Dutra Faria começou por falar, em breve apontamento histórico, sobre as origens dos Açores e da sua colonização, para, em seguida, dando conta dos sonhos e anseios das gentes do arquipélago que as levam à emigração, anotar a facilidade com que os açorianos se adaptam ao meio onde vivem, ao mesmo tempo que guardam fidelidade à terra donde partiram.

“O mesmo açoriano que “virou” gaúcho, no sul do Brasil e “cow-boy” na pradaria norte-americana, aprendeu em Angola a lidar com o carro “bóer,” puxado por três, quatro juntas de bois – mas permaneceu fiel à sua vocação de criador de gado.”

Contou, depois, como nasceu, no sertão do Catofe, uma autêntica colónia açoriana, onde se encontram 60 famílias, cuja vida económica e social descreveu em pormenor. Os promotores da iniciativa, à frente dos quais está Vicente Teixeira de Matos, “querem, porém, mais e melhor,” acentuou, para, depois, dizer:

“Desejariam, acima de tudo, que ao redor de S. Jorge do Catofe outros núcleos de açorianos se fixassem, numa federação de cooperativas. Dessa maneira, a pouco e

---

da Manhã’ de 1944 a 1947; e é redactor principal do diário ‘A Voz’ desde 1951. Desempenhou as funções de chefe dos Serviços Culturais da ‘Mocidade Portuguesa’ (função no desempenho das quais fundou uma escola de locutores da Rádio, criou o ‘Teatro da Mocidade’ e levou a efeito as primeiras experiências de valorização efectuadas em Portugal com os teatrinhos de fantoches e depois inspector dos Serviços de Formação Ultramarina da mesma organização, chefiando, como tal, uma missão de estudos que percorreu toda a província de Angola, em 1951. Fundou em 1947, com outros dois jornalistas, Barradas de Oliveira e Marques Gastão, a agência de Imprensa ANI, sociedade por quotas que é hoje propriedade exclusiva de Dutra Faria e Barradas de Oliveira, seus actuais directores. / Esta agência, que é membro da Aliança das Agências Europeias de Imprensa e possui desde Janeiro de 1956 o exclusivo em todos os territórios portugueses dos serviços noticiosos da United Press International, distribuiu em 1957, à Imprensa portuguesa, 8.713.000 palavras e enviou para o Brasil, na sua ‘press’ diária, 360.000 palavras telegráficas. Na sede da ANI, em Lisboa, trabalham cerca de 50 pessoas, entre jornalistas, tradutores, dactilógrafos, operadores de teletipo e distribuidores ciclistas. / Países que Dutra Faria conhece: Brasil, Estados Unidos, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça, Marrocos, União Sul Africana e Paquistão, além das províncias ultramarinas portuguesas de Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe, de Angola, de Moçambique e da Índia. / Condecorações que possui: comendador do Mérito Civil da Espanha; cavaleiro pontifício da Ordem de S. Silvestre; cavaleiro da Ordem helénica de S. Jorge. / Desportos que pratica: a pesca à linha de mar e do rio. / Dutra Faria casou em Agosto de 1936 com Noémia Gil Faria, também jornalista, que o tem acompanhado e auxiliado em várias das suas reportagens e na direcção da agência ANI. Mas a actividade mais destacada de Noémia Gil Faria é como cronista de modas, sendo as suas crónicas publicadas por numerosos jornais portugueses e brasileiros. / Noémia Gil Faria (que é Dama da Ordem espanhola do Mérito Civil e tem os cursos de música e de teatro do Conservatório Nacional de Lisboa) acompanha seu marido na actual viagem ao Brasil, Estados Unidos e Venezuela.”

pouco, iriam surgindo, ao redor da igreja e do império e do coreto e das casas de S. Jorge do Catofe, um S. Miguel, uma Terceira, uma Graciosa, um Faial do Catofe... E as nove ilhas dos Açores desdobrar-se-iam em Angola noutras tantas aldeias com os mesmos nomes e a mesma gente humilde, laboriosa e honesta.”

### **UMA MENSAGEM DE SAUDAÇÃO DOS JORNALISTAS PORTUGUESES**

RIO DE JANEIRO, 7 – ANI – Uma mensagem de saudação dos jornalistas portugueses a Herbert Mosés, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, foi entregue ao prestigioso jornalista brasileiro, pelo Director da ANI, Dutra Faria, que se encontra em missão no Brasil.

Enviada pelo Sindicato Nacional dos Jornalistas, de Lisboa, a mensagem refere-se ao dr. Herbert Mosés nos mais elogiosos termos e considera a ABI como “a mais expressiva legenda dos laços fraternos que unem os profissionais de Imprensa dos dois lados do Atlântico.”

A 17 de novembro o DNNB referiu-se a outra homenagem prestada no Brasil ao ilustre visitante:

### **Dutra Faria recebeu e Medalha da Imperatriz Leopoldina**

S. PAULO, (ANI) – A “Medalha Imperatriz Leopoldina” foi entregue, no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, ao jornalista português Dutra Faria, director executivo da ANI.

Referindo-se à visita de Dutra Faria a S. Paulo, o jornal “O Tempo” elogia a obra do jornalista e sublinha os serviços prestados pela ANI à causa do intercâmbio noticioso luso-brasileiro.

Na edição do dia seguinte este órgão informativo luso-americano anunciou que este jornalista já havia partido rumo a outro país, acrescentando ainda diversas informações acerca do último dia passado no Brasil:

### **Encontra-se na Venezuela, o Dr. Dutra Faria**

RIO DE JANEIRO, (ANI) – O director executivo da ANI, Dutra Faria, que, acompanhado de sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, veio ao Brasil estudar a expansão dos serviços da agência noticiosa portuguesa, seguiu para a Venezuela em idêntica missão.

Em honra de Dutra Faria, o Conselheiro da Embaixada de Portugal, dr. Paulo Coelho, ofereceu um jantar de despedida, tendo também sido homenageado pela Federação das Associações Portuguesas e pela Casa dos Açores.

No dia da partida, Dutra Faria visitou as mais importantes instituições culturais e de beneficência portuguesas e a Imprensa referiu-se à sua partida com palavras de carinho e estima.

No dia 21 de novembro o DNNB anunciou a chegada deste casal a um novo país do continente americano:

### **Chegou ao México o jornalista Dutra Faria e esposa**

CIDADE DO MÉXICO, (ANI) – O Director executivo da ANI, Dutra Faria, chegou a esta cidade procedente da Venezuela, com sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria.

Em Caracas, onde tratou de diversos assuntos relacionados com a expansão dos serviços noticiosos da sua agência, Dutra Faria foi homenageado com um almoço oferecido pelos directores do Centro Português e pelo jornal “Ecos de Portugal.”

Na edição do JP do mesmo dia foi anunciada, para breve, sob o título **“VISITANTES ILUSTRES,”** a chegada à Califórnia do Comandante José Cabral, assim como do jornalista Dutra Faria. Se em relação ao primeiro foi especificado o dia e hora da sua chegada – agendada para 29 de novembro – relativamente ao segundo foi referido que se presumia que chegasse também por essa altura, frisando no entanto não possuir nenhuma informação concreta nesse sentido. A mesma notícia alvitrava ainda que estes visitantes deveriam ser homenageados pela comunidade portuguesa ali radicada e exortava à colaboração dos interessados em cooperarem na mesma.

Na primeira página da edição seguinte deste jornal de Oakland, datada de 28 de novembro, foi destacada, nos seguintes termos, a chegada e périplo deste ilustre açoriano pela costa oeste dos Estados Unidos:

### **O Jornalista Dutra Faria na Califórnia**

Na quinta-feira, dia 20, chegou a São Francisco o distinto jornalista Dutra Faria, que em missão especial da Agência Nacional de Informação de Lisboa, da qual é muito competente Director, veio até à Califórnia para conseguir uma ligação mais estreita, entre aquela Agência, os jornais portugueses que se publicam nos Estados Unidos e bem assim, todos os programas de rádio portugueses existentes na América.

Aqui na Califórnia, acompanhado de sua Esposa e do Director deste semanário, o dinâmico jornalista procurou avistar-se, no Vale de San Joaquin, com todos os directores dos programas radiofónicos, em casa do Sr. Dr. Raul de Campos, gentilmente cedida para esse fim.

Compareceram a essa reunião os Srs. Joaquim Morrison e Esposa, Joaquim Correia, José Dias de Sousa, Mary D. Sousa e seu marido.

A convite do Sr. Frank Martins visitou rapidamente o seu Rancho em Hanford.

Em Turlock avistou-se também com o Sr. Frank Mendonsa, director dum programa emitido naquela cidadela.

Em San Francisco e no Consulado de Portugal, compareceram à reunião destinada à região da Baía os directores dos programas radiofónicos Srs. Artur Ávila e D. Celeste Ávila, do Programa Castelos Românticos e a Sra. D. Azelina Soares de Azevedo, como representante do Director do Programa “Ecos de Portugal,” Leonel Soares de Azevedo. O Sr. Dutra Faria deve seguir hoje com destino à Costa do Leste aonde vai em igual missão.

Desejamos ao distinto jornalista e sua Esposa boa viagem e o maior sucesso para a sua simpática e patriótica missão.

Na mesma edição deste semanário outrora publicado em Oakland foram ainda publicados dois breves despachos emitidos do Brasil pela ANI, dando conta de duas homenagens de que este jornalista fora alvo aquando da sua passagem pela capital paulista:

### **A Colónia Portuguesa do Brasil Homenageia o Sr. Dutra Faria**

SÃO PAULO, 10 – ANI – Um grupo de intelectuais da Academia Paulista de Letras homenageou o Director da ANI, Dutra Faria, com um almoço. Promovido pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, dr. Leite Cordeiro, e por Mário Garciotti e Tito Lívio Ferreira, o almoço realizou-se numa típica “cantina.”

A Colónia Portuguesa também ofereceu a Dutra Faria um banquete que se realizou na Casa de Portugal e a que assistiram numerosos representantes das associações lusas de S. Paulo. O Cônsul de Portugal, dr. Adriano de Carvalho, referiu-se, aos brindes, com elogio, à acção do jornalista e do patriota.

### **Dutra Faria Condecorado Em São Paulo, Brasil**

S. PAULO, 8 – ANI – A “Medalha Imperatriz Leopoldina” foi entregue, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ao jornalista português Dutra Faria, director executivo da ANI.

Referindo-se à visita de Dutra Faria a S. Paulo, o jornal “O Tempo” elogia a obra do jornalista e sublinha os serviços prestados pela ANI à causa do intercâmbio noticioso luso-brasileiro.

Por seu turno, na edição do mesmo dia, 28 de novembro, o DNNB também divulgou, através dum breve despacho da ANI, a sua chegada aos Estados Unidos através do Estado da costa oeste banhado pelas águas do Pacífico:

### **O Dr. Dutra Faria encontra-se na Califórnia**

SAN FRANCISCO, Califórnia, (ANI). – Os programas radiofónicos em língua portuguesa das numerosas emissoras das comunidades luso-norte-americanas do Vale de San Joaquim – foram objecto de conversações entre o jornalista Dutra Faria, director executivo da ANI, e os respectivos organizadores.

Acompanhado de sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, o director executivo da ANI, que se demora na Califórnia alguns dias, visitou as comunidades luso-norte-americanas e percorreu, com o director do “Jornal Português,” de Oakland, Alberto Lemos, algumas propriedades agrícolas de lavradores portugueses ou luso-descendentes.

---

O dr. Dutra Faria e sua esposa tencionam chegar a Nova York no dia 1 de Dezembro, onde se demorarão três dias, partindo em seguida para a Nova Inglaterra.

No dia seguinte o DNNB noticiou a chegada, em breve, deste ilustre jornalista à cidade baleeira, anunciando ainda a homenagem que o próprio jornal lhe prestaria:

### **DUTRA FARIA**

Depois de uma visita aos núcleos portugueses da Califórnia, deve chegar a esta cidade em meados da próxima semana, o ilustre jornalista e escritor Dutra Faria, director da Agência Nacional de Informação e redactor principal do jornal “A Voz.”

Dutra Faria, que se faz acompanhar de sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, será hóspede num almoço a realizar em New Bedford, oferecido pelo “Diário de Notícias,” com a adesão dos directores de programas portugueses de rádio e de outras entidades do nosso meio.

A 2 de dezembro este órgão noticioso divulgou a chegada deste terceirense a Nova Iorque, ocorrida na véspera, assim como refere a grande homenagem que lhe foi prestada pelo Presidente da Câmara Municipal de Oakland:

### Encontra-se em N. Y., o jornalista português Dutra Faria

NEW YORK – Chegou ontem a esta cidade, vindo da Califórnia, onde visitou os núcleos portugueses daquele estado, o jornalista Dutra Faria, director da Agência Nacional de Informação (ANI), acompanhado de sua esposa, a cronista de modas, Noémia Gil Faria.

Os visitantes permanecerão hoje e amanhã nesta cidade, partindo em seguida para a Nova Inglaterra, onde se demorarão cerca de uma semana.

### Na Califórnia

OAKLAND, (ANI) – Em honra do director da ANI, Dutra Faria, realizou-se no Município de Oakland uma cerimónia em que o “Mayor” da cidade, Clifford Rischell entregou ao jornalista português as chaves simbólicas da cidade, seguindo-se um almoço para o qual foram convidados, além da esposa do homenageado, a jornalista Noémia Gil Faria, as autoridades municipais e as figuras mais representativas da colónia luso-norte-americana de S. Francisco e Oakland.

Dutra Faria foi também recebido nos principais jornais, entre eles o “Oakland Tribune.”

Na rubrica “Voz dos Álamos”, da autoria de Celina Conde – sobrinha do Rev. dr. Manuel Rocha, de Ludlow, assalariada da ANI e colaboradora deste jornal luso-americano – inserta na edição do DNNB do dia seguinte, foi publicado o seguinte elogio ao Director Executivo desta agência noticiosa:

*Se ainda for viva, no dia do funeral do Dr. Dutra Faria, hei-de voar a Lisboa, em avião de jacto, de onde quer que me encontre em serviço da ANI, e pedirei licença para fazer o seguinte panegírico:*

Senhoras e Senhores:

Os oradores, que me precederam, desfolharam, sobre esta campa de um grande jornalista e de um ardente português, as pétalas da mais viva saudade. Louvastes as suas excelsas virtudes, que tantas foram. Permiti-me que, em paradoxo de eterna gratidão, relembre o seu maior defeito. Refiro-me, como sua idolatrada esposa bem pode testemunhar, ao seu inquebrantável espírito de contradição.

Adolescente, foi encarregado do discurso de circunstância, em certa comemoração. Quem mandava deu-lhe ordem terminante para inserir determinadas frases na peroração. Dutra Faria não achou bem. O discurso perdia a unidade. Não obedeceu.

\* \* \*

Anos depois, estudava na Universidade. Escrevia já nos jornais. Certo autor francês tomara atitudes ousadas que levaram quem de direito a proibir os seus escritos. Dutra Faria quis verificar com seus próprios olhos. Convenceu-se mais tarde de que nem tudo o que luz é oiro. E dessa vez arrependeu-se de ter desobedecido.

\* \* \*

Anos depois, pensou-se que ANI devia seguir na pegada das suas congéneres e utilizar os automatismos das máquinas que levam as notícias ao tipógrafo, já prontas. Ideia genial? Dutra Faria não a achou viável. E recusou a maravilha das maravilhas!

\* \* \*

Já foi julgado. Mas todos sentimos que, no dia do Juízo Final, ele há-de ouvir, em merecida consagração: “VEM, BENDITO DE MEU PAI. Tinha fome e deste-me de comer. Tinha sede e deste-me de beber. Estava encarcerado e visitaste-me.”

E, o que parecia defeito, há-de fulgir em glória imarcescível: soube dizer que não a todas as tentações da vaidade e a todas as seduções do servilismo!

Na edição do dia 5 desse mês o DNNB anunciou a partida do Diretor Executivo da ANI de Nova Iorque rumo às comunidades portuguesas da costa leste dos Estados Unidos:

### **O jornalista Dutra Faria em visita à Nova Inglaterra**

Partiu ontem de New York, para uma visita aos núcleos portugueses da Nova Inglaterra, o distinto jornalista e escritor, Dutra Faria, director da Agência Nacional de Informação (ANI) e redactor principal de “A Voz,” que se faz acompanhar de sua esposa, a cronista de modas, Noémia Gil Faria.

Os visitantes, que ontem ficaram em Ludlow, como hóspedes do Rev. dr. Manuel Rocha, tencionam avistar-se com os directores dos programas portugueses de rádio, desta região, com vista ao estabelecimento de um intercâmbio de notícias e o lançamento de um “jornal radiofónico,” a fim de reavivar os contactos entre os portugueses da América e a Mãe-Pátria.

A próxima segunda-feira será destinada a New Bedford, sendo os ilustres visitantes alvo de uma recepção e jantar promovidos pelo “Diário de Notícias” e um grupo de amigos desta cidade.

A rubrica “Voz dos Álamos”, de Celina Conde, patente nessa mesma edição deste jornal, foi inteiramente dedicada à viagem deste casal pelas Américas, apresentando a sua agenda para a parte remanescente da mesma:

O meu Director, Dr. Dutra Faria, e sua dedicada esposa vêm encantados da viagem. Visitaram o Brasil, a Venezuela, o México e a Califórnia.

Domingo passado foram ao almoço hóspedes de Sua Excelência o Embaixador de Portugal, Senhor Dr. Luís Esteves Fernandes, que muito se interessou pelas diligências realizadas, para *Bem de Portugal*.

Passaram três dias em Nova York, onde foram homenageados pelo Director da Casa de Portugal, Engenheiro Freire de Andrade.

Mantiveram vários contactos com a UNITED PRESS.

Acompanhados pelo Sr. Luís Gomes, visitaram em Newark o sr. Vasco Jardim, director do LUSO-AMERICANO.

Hoje visitaram em Hartford a família Moreira e à noite chegaram a Ludlow.

Nesta sexta-feira visitam várias Emissoras de Rádio, em Providence e Fall River.

Sábado visitam Boston.

Domingo estarão em Ludlow.

Segunda-feira visitarão New Bedford.

Voltarão a Nova Iorque; e no sábado, 13, regressam a Lisboa, via Paris.

Por seu turno, o JP de Oakland, do mesmo dia – 5 de dezembro de 1958 – divulgou, na primeira página, uma interessante crónica descrevendo circunstanciadamente os passos deste ilustre visitante

pela costa oeste dos Estados Unidos e o caloroso acolhimento de que foi alvo aquando da sua passagem por aquela região:

### **JORNALISTA DUTRA FARIA E SUA ESPOSA D. NOÉMIA FARIA DE VISITA À CALIFÓRNIA**

Vamos tentar dar a conhecer aos nossos prezados leitores, numa breve resenha, o movimento de recepções e franco acolhimento dispensados na região da Baía, ao Director Executivo da Agência Nacional de Informação.

Depois duma recepção afectuosa no aeroporto da cidade de São Francisco, aonde compareceu o Cônsul de Portugal e outras pessoas que já conheciam Dutra Faria, foram os nossos ilustres visitantes hospedados no Hotel Beverly Plaza, em São Francisco.

No domingo 23 a distinta compositora D. Áurea Baptista, que hoje reside em São Francisco, e que conheceu o jornalista Dutra Faria em Lourenço Marques, África Portuguesa, aproveitou o ensejo da sua passagem por aquela cidade para reunir na sua casa, além de pessoas de família, senhoras da sua particular estima e amizade, como a talentosa tradutora de línguas Sra. D. Adelaide Smithers e a poetisa D. Josefina do Canto e Castro.

Num convívio encantadoramente familiar foi servido um chá num ambiente de distinção que muito cativou os ilustres visitantes.

---

Na tarde desse mesmo dia, já com outros convivas, pois acompanhavam o jornalista e sua Esposa o sr. Dr. Carlos Fernandes e o casal Ávila de “Castelos Românticos” – foi-lhes oferecido um lindo passeio pelos mais pitorescos lugares de São Francisco, e chegado ao Fisherman’s Wharf foi a vez do casal Ávila se manifestar oferecendo, num dos melhores restaurantes daquele lugar, um apetitoso almoço.

Seguiu-se o passeio e depois de se admirar as belezas do Muir Woods, de longada se foi até Marconi, aonde fica no Marin County a linda propriedade do sr. Dr. Carlos Fernandes, que fechou numa acolhedora recepção aonde não faltou um opíparo jantar esse domingo, que deve ter ficado de memória aos visitantes.

---

Segunda-feira, 24, foi como já descrevemos no último número deste Jornal, destinada para a visita ao Vale de São Joaquin, Turlock e Hanford, aonde o jornalista e sua esposa foram acompanhados do Director deste jornal. Sr. Alberto Lemos.

---

Na quarta-feira, 26, marcou como nota principal do dia, o almoço oferecido ao jornalista e sua Esposa pelo Mayor [e pelo] International Hospitality Committee of City of Oakland for Portugal, do qual é muito activo Presidente o sr. Marcy H. da Costa. É de notar o entusiasmo e o extraordinário interesse que este luso-americano põe em tudo o que seja para honrar o nome de Portugal. Com uma disposição invejável, põe tudo em movimento e o factor mais importante em reuniões desta natureza – alegria, esse, comunica-se a todos porque Marcy da Costa tem um sorriso permanente que pode pôr a distância qualquer pontinha de tristeza que tente estragar o ambiente.

É um grande animador e por isso pensamos que Marcy da Costa está muito a carácter para o lugar que ocupa no Committee.

O almoço teve lugar numa das mais chics salas do já famoso restaurante Sea Wolf, de Oakland – e cujo menu foi esplêndido (mas vá lá uma nota patriótica) o vinho servido era português legítimo, e como tal, aportuguesou também a ementa.

As saudações de estilo falou em primeiro lugar o Mayor da cidade de Oakland, Mr. Clifford E. Rishell, que de tão amigo que é de Portugal, leva-nos por vezes a julgá-lo português quando o vemos crescer, para falar das coisas que viu em Portugal, e mais agradavelmente o impressionaram. Foi intérprete perfeito do seu feliz improviso o sr. Marcy da Costa.

O Mayor Mr. Rishell quis distinguir o jornalista Dutra Faria entregando-lhe a chave da cidade, gentilíssima lembrança de alto significado por ter sido poucas vezes concedida a visitantes estrangeiros.

Dutra Faria também soube improvisar um agradecimento feliz, porque deixou falar o coração e quando o coração está directamente ligado ao cérebro, não há figuras de retórica, mas sim apenas naquela simplicidade que encanta pela singeleza de palavras que refrescam, porque trazem ideias novas, dum bom entendimento que cada vez mais se intensifica entre os Estados Unidos e Portugal.

Compareceram neste almoço além das pessoas já mencionadas: Mr. David Hop, chefe editorial do “Oakland Tribune,” Mr. Knowland, Sr. Dr. Vasco F. Pereira, Cônsul de Portugal; Sr. Dr. Carlos Fernandes, Mr. e Mrs. Arthur V. Ávila, Mrs. Marie Alves, Mrs. M. Costa, Mr. John Valim, Mr. Alberto Lemos e Mr. Canto e Castro.

---

Os visitantes, na companhia dos seus amigos, visitaram nesse mesmo dia a redacção e oficinas do Oakland Tribune, assim como uma famosa taberna de Oakland, que nos dispensamos agora de descrever porque pretendemos conhecê-la melhor nos seus curiosos e interessantíssimos pormenores para fazermos referência especial à Taberna Museu.

Dutra Faria e esposa ainda na quarta-feira tiraram tempo para visitarem as residências de Mrs. Maria N. Silveira, Dr. Carlos Fernandes e casal Ávila, em Oakland, aonde foram carinhosamente recebidos e tratados.

---

Depois foi a United Press de São Francisco que recebeu com um requinte de atenções o sr. Dutra Faria e Esposa.

No luxuoso Normandie Restaurant, em São Francisco, foi oferecido um jantar aos visitantes pelo Sr. J. Faria em que assistiram os Srs. Artur Ávila e esposa, Mrs. Maria Cabral e Mrs. Maria Carvalho Rogers.

---

Embarcaram os visitantes na sexta-feira às 11:30 na United Air Lines, no aeroporto de São Francisco, com destino ao Leste tendo comparecido à despedida, entre outras pessoas, o sr. Cônsul de Portugal, Manuel Reis, e o Director deste jornal.

Por sua vez, a 9 de dezembro o DNNB destacou a visita que os ilustres visitantes fizeram, na véspera, à Cidade Baleeira, onde foram homenageados com um jantar oferecido por este órgão de comunicação social, que reuniu num hotel as forças vivas da comunidade portuguesa e não só:

**Dutra Faria e Esposa estiveram ontem em New Bedford****Foram recebidos fidalgamente em toda a parte****O “Diário de Notícias” ofereceu-lhes um jantar no New Bedford Hotel**

No “tea room” do New Bedford Hotel, um grupo de portugueses desta região foi ontem hóspede do “Diário de Notícias” e do seu director e Mrs. João R. Rocha, numa festa de confraternização em honra do ilustre jornalista dr. Dutra Faria e de sua esposa, Madame Dutra Faria.

Foi uma festa simples, como convinha, e só há a lamentar que D. Noémia Gil Faria – “Petrónia das elegâncias Portuguesas” – como lhe chamou o dr. Manuel Rocha – não dissertasse mais longamente sobre a defunta linha trapézio, (e nós não sabíamos ainda que havia dado a alma ao criador) ou sobre a clássica “Império”...

No entanto, a sua presença senhoril e simpática cativou todos os presentes e foi, sem dúvida, uma das razões das contínuas despedidas que teimavam em não se materializar...

**Uma viagem de estudo e saudade**

A viagem de Dutra Faria aos núcleos portugueses do leste dos Estados Unidos, foi uma viagem de estudo e saudade. Depois de uma volta pelo Brasil, de um salto à Venezuela e de uma digressão pela Califórnia, os jornalistas não podiam deixar de visitar a “Capital dos Portugueses da América”: New Bedford.

Tanto mais que os portugueses desta costa têm sido mantidos em contacto com a Mãe-Pátria, através das notícias da Agência ANI, de que Dutra Faria é dinâmico director executivo. E, desejando expandir ainda mais as actividades da sua agência de informação, Dutra Faria resolveu alargar o seu âmbito, a fim de abranger as dezenas de programas radiofónicos portugueses do Leste e do Pacífico, e parece-nos ter conseguido o seu objectivo.

**Um acto de reconhecimento**

A festa de ontem foi, antes de mais nada, um acto de reconhecimento por parte do “Diário de Notícias” e seu director. Este jornal muito deve à Agência ANI, desde a fundação desta, há 10 anos.

Independentemente de pontos de vista ou concepções políticas, a Agência ANI, na sua missão de informar, veio completar o serviço de informação do “Diário de Notícias,” mantendo com ele um contacto permanente e inalterável.

E, à parte os inestimáveis serviços profissionais prestados a este jornal, o seu director e Mrs. João R. Rocha tinham, para com o casal Faria, uma dívida de gratidão por todas as gentilezas que lhes dispensaram durante a sua recente visita a Portugal.

**“E os homens, falaram...”**

Em primeiro lugar, o nosso director. Cabia-lhe apresentar os convidados de honra, e dizer da razão da sua presença. O sr. João Rocha teve palavras e encómios para os jornalistas distintos que ali se encontravam connosco, e da mesma forma para o casal gentilíssimo que os recebera em Lisboa, acrescentando, seguidamente, o mestre-de-cerimónias, sr. dr. Madureira e Castro.

Depois de se referir aos visitantes, e ao papel da ANI, na difusão de notícias e no estreitamento dos liames que unem o imigrado ao torrão natal, o sr. dr. Castro falou também do “Diário de Notícias” e do seu director. A existência de um jornal diário em língua portuguesa na América, era um facto de que todos os portugueses conscientes se

orgulhavam. A imprensa de língua portuguesa tinha o seu lugar marcado, por constituir uma inestimável manifestação cultural daqueles a quem o destino trouxe a viver em terras estranhas, mas que jamais se divorciaram completamente da sua língua, cultura e tradições.

E depois de algumas palavras de Francisco Oliveira, que falou em nome dos programas radiofónicos portugueses locais, falou o convidado de honra, Dutra Faria.

“Colaboramos há dez anos, e nunca eu perguntei ao sr. João Rocha quais eram as suas ideias, nem ele me perguntou quais eram as minhas” – disse o Director da Agência ANI, em síntese feliz. E na verdade, tem sido atitude humaníssima de colocar o homem acima das suas concepções, que vem caracterizando as relações entre a ANI e o “Diário de Notícias.”

E o orador, em palavras cheias de graça e de sentimento, disse do prazer em se encontrar ali no meio de um grupo de portugueses, gente que, embora vivendo em país estranho, continuava a sentir como verdadeiros portugueses.

E falou do interesse e da sua emoção, ao ouvir falar a língua portuguesa na rua, no campo, no elevador do hotel, “como se realmente estivéssemos em Portugal.” Nós havíamos criado – disse ele – com o nosso trabalho, a nossa perseverança e o nosso apego ao passado, um pequenino mundo português, no meio deste portentoso mundo que é a América.

### **Palavras de Evocação**

Para Guilherme M. Luiz, fundador do “Diário de Notícias,” e que ali se encontrava, como não podia deixar de ser, Dutra Faria falou como português e como terceirense, visto que ambos viram a luz do dia nesse pequeno pedaço de terra atlântica. E falou a saudade. Guilherme Luiz fora amigo de seu pai, e isso era razão de sobra para ser seu amigo também.

### **“Hei-de mandar notícias boas e más...”**

Assim disse Dutra Faria ao referir-se a uma frase de Francisco Oliveira, pedindo que nos enviasse sempre “boas notícias.”

Procurarei ser objectivo, e por isso não prometo que todas as notícias que enviar para a América, serão sempre boas notícias. Serão boas e serão más. Mas todas elas serão notícias da nossa terra, da terra que, embora pequena e modesta, vive, estou certo, no vosso pensamento e na vossa saudade. Serão notícias da terra portuguesa, onde nascestes ou os vossos pais, onde tereis parentes e amigos, gente do mesmo sangue, da mesma cultura e com um passado histórico comum. E oxalá que um dia chegue a hora do regresso, e que, como o sr. João Rocha, possais ver com os vossos olhos, o que se fez e o que falta ainda fazer.”

Dutra Faria referiu-se depois ao passado, presente e futuro do “Diário de Notícias,” porque, “este não é um homem mas uma instituição que deve sobreviver os homens.” E contou, sensibilizado, o gesto humano do sr. João R. Rocha que, pouco antes de entrar na sala de operações – “para onde se vai como para uma batalha, de onde nunca se sabe se se regressará” – a última recomendação que fizera a sua esposa, fora esta: “Nunca deixes acabar o “Diário.”

### Fala Madame Faria

Madame Faria, que o dr. Castro apresentou seguidamente, foi breve nas suas considerações e nas suas expressões de gratidão e agradecimento. Sem dúvida demasiado breve, pois as numerosas senhoras presentes dariam o “cavaquinho” por uma dissertação sobre esse eterno problema que tanto as preocupa: a moda. E D. Noémia, como cronista das elegâncias internacionais, era a pessoa indicada para falar dos gostos e preferências das senhoras portuguesas, com aquela graça e aquele *tic* humano que caracteriza todas as suas crónicas da especialidade.

E a sessão de discursos encerrou com mais algumas palavras evocativas do dr. Manuel Rocha, pároco da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, de Ludlow. Falou nele o terceirense, o condiscípulo, o amigo e o Português, evocou passagens da vida de Dutra Faria, desde os primeiros versos escritos com o arroubo próprio da idade, às grandes reportagens de Haia, sobre a crise Portugal-União Indiana, que lhe valeram o prémio “Afonso de Bragança.”

Além das entidades já referidas, recorda-nos ter visto, entre outras, as seguintes pessoas:

Sr. António A. Costa e esposa; dr. e Mrs. Mário Bueno; dr. e Mrs. John Barrows, presidente da Sociedade Pedagógica Portuguesa; Rev. Henrique Rocha, pároco de Santa Isabel de Bristol; Luís Gomes, presidente da União Portuguesa Continental; Manuel Calado e esposa; Camilo Câmara, antigo Cônsul de Portugal; Manuel Rodrigues e esposa; António Cacella e esposa; Ferreira Mendes; Frank Ferreira e esposa; Frank Mendes e esposa; José Carreiro e esposa; D. Maria Alves, Francisco Oliveira, Guilherme Luiz e esposa, Gregory Luiz, Carlos Morais e esposa, Miss Helen Miguel, D. Maria Laurinda Vasconcelos Paulo, Raymond Luiz e esposa, Serafim Cardanha e esposa, Frank Cavanaugh e esposa, D. Emily Alferes, José Luiz, Miss Helen Athouguia, Miss Amy Andrews, John F. Martins, Miss Joan I. Rocha.

Na mesma edição deste jornal luso-americano foi ainda destacada a visita efetuada ao principal jornal em língua inglesa dessa cidade, através da seguinte peça, ilustrada com uma fotografia obtida no decorrer da mesma:



O escritor e jornalista Dutra Faria e sua esposa, D. Noémia Faria, visitaram ontem o “Standard-Times”, sendo recebidos pelo sr. Charles J. Lewin, (à esquerda), Editor e “General Manager” daquele jornal.

### A visita de Dutra Faria ao nosso colega “Standard-Times”

O jornalista Dutra Faria, director da ANI e sua esposa, visitaram ontem, cerca das 2.30 da tarde, acompanhados do nosso director e Mrs. João R. Rocha, de Luís Gomes, presidente da U. P. C, e do rev. dr. Manuel Rocha, o nosso colega “Standard-Times.”

Os visitantes foram recebidos com a maior deferência – na ausência do seu director, sr. Basil Brewer, que se encontra em Los Angeles, onde tem uma irmã doente – no gabinete do sr. Charles J. Lewin, editor e “general manager.”

Os jornalistas portugueses tiveram oportunidade de trocar impressões sobre vários assuntos e aspectos da vida internacional, inclusive as amistosas relações existentes entre Portugal e os Estados Unidos.

Seguidamente, o dr. Dutra Faria foi entrevistado pelo redactor do “Standard-Times,” Elmer Rodrigues, acerca desta sua visita e das impressões colhidas durante a sua digressão pelas Américas.

Na rubrica “Voz dos Álamos” da mesma edição deste jornal luso-americano foi divulgada uma nova crónica da autoria de Celina Conde, redigida a 9 de dezembro, o mesmo dia em que saíra esse jornal:

O meu Director da ANI e o Pároco de Bristol, Rev. Pe. Henrique Rodrigues da Rocha, são amigos de infância.

O Rev. Pe. Henrique Rocha já nesse tempo revelava o espírito matemático que o havia de levar às cumeeiras da relatividade, para lhe esboroar os fundamentos fictícios que as maravilhas da técnica em nada confirmam.

Francisco de Paula Dutra Faria já ensaiava os primeiros voos no firmamento da poesia.

O Rev. Pe. Henrique Rocha nunca fez versos, mas apreciava os trabalhos literários do amigo.

Francisco de Paula não sofria dessa doença que ainda hoje arruína os estudos: o abismo que muitos vêem entre Letras e Ciências. Nessa mentalidade una em que ambos foram exímios, está o segredo do futuro: homens práticos, grandes realizadores, e, ao mesmo tempo, dados à Contemplação.

\* \* \*

Encontraram-se aquando da assinatura da Carta das Nações Unidas.

As suas rotas continuavam com rumo certo.

Um matemático.

Outro poeta.

Ambos, homens práticos.

\* \* \*

Nunca mais se viram. Nunca se escreveram.

\* \* \*

Domingo passado o casal Dutra Faria foi à Festa da Irmandade do Rosário de Bristol.

O Rev. Pároco levou-os ao palco. Na presença de 300 Senhoras!

O meu Director teve medo (diz ele). Falar a 300 Senhoras!

Deu a palavra à sua gentil esposa, que falou maravilhosamente de modas (é árbitra de elegâncias!) mas sobretudo rectificou um conceito. Pensa-se na Europa que a mulher americana é Rainha em trono magnificente!...

D.<sup>a</sup> Noémia Gil Faria, nesta rápida digressão, viu quanto equívoco há nesse conceito.

A mulher americana é uma colaboradora sacrificada, generosa, cheia de optimismo. O espírito contemplativo da Matemática e da Poesia, no sentido prático da vida dura ao serviço de um grande ideal.

Nem é Rainha nem é escrava.

É mulher.

Noiva.

Esposa.

Mãe!

A aludida entrevista concedida por Dutra Faria e sua esposa ao *Standard-Times*, de New Bedford, foi publicada na sua edição 9 de dezembro, acompanhada por uma foto da visita a este jornal de língua inglesa da cidade baleeira, e ocupa quase uma página inteira. Apresentamo-la seguidamente, mantendo a língua em que foi publicada:

### **Noted Portuguese Journalist, Wife Feted in City**

A distinguished Portuguese journalist wound up a 45-day North and South American tour with a stop in New Bedford yesterday, including visits to the Portuguese Daily News and The Standard-Times newspapers.

"My visit to America wouldn't be complete without coming to New Bedford – the largest Portuguese community in the United States," said Dr. Francisco Dutra Faria, executive manager of the Portuguese National Press Agency (ANI).

"Neither would it be worthwhile without a visit to the Standard-Times, of which we have heard and know so much about in Portugal," he added.

### **Given Party**

Here with his wife as guests of Joao R. Rocha, Publisher of the Portuguese Daily News, [the] only Portuguese daily newspaper in the United States, Dr. and Mrs. Faria were feted at a dinner party at the New Bedford Hotel last night by more than 50 persons from the Portuguese community here.

As director of the Portuguese Government news agency, similar to the British counterpart, Reuters, Dr. Faria has traveled widely in journalistic endeavors. The agency is a member of the European Press News Agency and since 1936 has held exclusive franchise among all Portuguese territories for the United Press International.

A novelist and political analyst, Dr. Faria's important works include a novel, "The Diary of an Intellectual Communist," and a report on the 1945 San Francisco Conference. During his 1945 visit to the United States, he interviewed many notable Americans, including Cardinal Spellman, Henry Wallace, Sumner Welles and Walter Lippmann.

The Portuguese Government has conferred two awards on him, the first in 1940 and one this year. The latter was for his report on the "Complaint of Portugal Against the Indian Union in the International Court of Justice at The Hague."

### Published Here

His daily column, including dispatches of his American impressions, is published in the Portuguese Daily News here. A fashion column by his wife, Mrs. Noemia Gil Dutra Faria, also a noted journalist, is run daily in the Portuguese newspaper.

Dr. Faria's goodwill visit to Brazil, Venezuela, Mexico and the United States primarily was to strengthen ties with Portuguese newspapers, radio and television stations in these countries. His agency serves these news media, which includes 40 Portuguese radio programs, a daily newspapers and three weeklies in the United States.

Following visits to Rio de Janeiro and San Paulo in Brazil, Dr. and Mrs. Faria also toured Caracas, Venezuela, Mexico City and cities in California before coming East.

"It is gratifying to see how persons of Portuguese descent have retained the character, customs and love for their mother country," Dr. Faria noted. "That's what has made them good American citizens."

He said he experienced an emotional uplift when he saw a World War II memorial monument in Ludlow with names of Portuguese-American dead inscribed.

### Starts Magazine

His agency, which serves 50 daily newspapers in Portugal and its territories, from Mozambique to Goa in India, and also 11 dailies in Lisbon, "stresses news with the international flavor."

The Portuguese newspaperman, who at 18 published his first book of short stories, received his Doctor of Philosophy Degree in 1936 from the University of Lisbon. He started his first magazine in 1928, a literary bimonthly publication, and then in 1936 turned to the newspaper field, working for a Lisbon daily.

He leaves Friday for Lisbon from New York, regretful, he said, to leave "such a cordial, friendly country."

Mrs. Faria, who also is dispatching daily columns on her first American visit, said she was amazed at the misconception she had of life in the United States.

"Your movies depict Americans as living a very synthetic life," she noted. "How untrue that is, I am most impressed by the family life in America, there is such a love of family, a deeply religious bearing."

### "Slave to Gadgets"

She added that another misconception was that modernization places the American woman on the level of a "queen," with gadgets and equipment to do her work. "Actually, the American woman works very hard, and, in fact, is more a slave to all her gadgets," she said.

The charming Mrs. Faria, who travels regularly to Paris, London and Rome in line with her fashion column writing, noted that women in the United States are as well dressed as any in Europe. She particularly stressed the chicness of women in San Francisco and New York as second to none.

Commenting on the weather, Mrs. Faria gave a delightful analogy on the impression it made on her.

"In Lisbon, where it is always warm, I never saw snow except on the Christmas cards my American and English friends would send me. Now, seeing it snow here, it seems I am receiving hundreds of Christmas snowflake cards."



PORTUGUESE VISITORS to New Bedford, Dr. and Mrs. Francisco Dutra Faria, third and fourth from left, scan an issue of the Standard-Times during a visit to the newspaper here yesterday. Left are João R. Rocha, Publisher of the Portuguese Daily News in New Bedford, and Mrs. Rocha, who were hosts for the journalistic couple. At right is Luis Gomes of the Casa de Portugal of New York City, a Portuguese public relations agency. Dr. Faria is executive manager of the Portuguese National Press Agency, for which his wife writes a daily fashion column. Their stop in New Bedford was part of an American tour.

Na rubrica “Voz dos Álamos” do DNNB de 10 de dezembro a colaboradora Celina Conde voltou a referir-se ao casal visitante, debruçando-se, desta vez, sobre o tema do jantar de homenagem com que tinha sido distinguido:

Através da cintilante reportagem do DIÁRIO e pelo que me contam alguns dos convidados, a festa de Nova Bedford ao casal Dutra Faria teve aprumo: esta marca admirável de uma sociedade pluralista em que espontaneamente se evitam os temas que podem magoar qualquer dos elementos presentes.

O Sr. Dr. Madureira e Castro não fez um discurso a respeito de cada orador. Disse tudo. Sem uma palavra inútil.

Dutra Faria, nem sequer por deduções implícitas, fez desta o ensejo de apologéticas. Não teve medo nenhum do “que dirão.”

Prestou homenagem ao DIÁRIO e ao seu director. Um homem que entra na sala de operações (donde não sabe se volta) a recomendar à esposa que não deixe morrer o jornal, é incontestavelmente um grande jornalista e um grande português.

Há onze anos que a ANI e o DIÁRIO colaboram.

Desde que a ANI começou, deu as notícias ao DIÁRIO sem lhe perguntar quais eram as suas ideias. Nunca seleccionou as notícias.

Mandou sempre todas as notícias.

E o DIÁRIO publicou-as sem averiguar das ideias de quem as escrevia.

\* \* \*

Por isso, quando o casal João Rocha e a Joaquina encantadora chegaram a Lisboa, Dutra Faria e esposa (que não tem um momento livre) estiveram totalmente ao seu serviço.

Uma das primeiras palavras de João Rocha, ao sair do clorofórmio (ou lá o que é) foi: estão aí a chegar o Dr. Dutra Faria e a Esposa; vão estes médicos deixar-me sair de casa nessa altura?

\* \* \*

Não há dúvida.

A Festa de New Bedford teve aprumo.

Na mesma edição deste jornal foi ainda referido, telegraficamente, que os ilustres visitantes já se encontravam de novo em Nova Iorque, a aguardar o regresso a Lisboa: **DR. DUTRA FARIA** – *Encontra-se em Nova York, acompanhado de sua esposa, D. Noémia Faria, o jornalista e escritor português, Dr. Dutra Faria, os quais regressam a Portugal, via Paris, de avião, no próximo sábado.*

A 15 de dezembro, o DNNB referiu-se do seguinte modo ao seu retorno a Portugal, ocorrido dois dias antes:

### **Dutra Faria partiu no sábado, com destino a Lisboa**

NOVA YORK – Acompanhado de sua esposa, a cronista de modas D. Noémia Faria, partiu no sábado, de avião, com destino a Lisboa, via Paris, o ilustre escritor e jornalista, dr. Dutra Faria, director da agência noticiosa ANI.

Aos dois simpáticos e distintos portugueses, que deixaram amizades em toda a parte por onde passaram, desejamos que tenham um feliz regresso a Portugal.

Na edição do dia seguinte foi publicada uma fotografia obtida no jantar de homenagem a Dutra Faria e esposa, realizado a 8 de dezembro, acompanhada da respetiva legenda:



VISITANTES ILUSTRES — Esta foto foi tirada por ocasião da recente visita a estas paragens do escritor dr. Dutra Faria e de sua esposa, a cronista de modas D. Noémia Faria. Sentadas, a contar da esquerda: D. Zulmira Cordanha, D. Noémia, D. Maria M. Rocha, D. Ana Maria Castro, e o rev. dr. Manuel Rocha. De pé: Luís Gomes, Serafim Cardanha, dr. Faria, e o dr. António Madureira e Casto.

A 26 de dezembro o DNNB divulgou uma notícia enviada da capital portuguesa pela ANI confirmando a chegada ali do seu responsável:

### **Dutra Faria Regressou a Lisboa**

LISBOA, (ANI) – O director executivo da ANI, Dutra Faria, acompanhado de sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, regressou a Lisboa, depois de haver visitado as

colónias portuguesas do Rio de Janeiro e de São Paulo, de Caracas, da Califórnia e da Nova Inglaterra, aonde se deslocou para tratar da expansão dos serviços da ANI e estudar a intensificação do intercâmbio noticioso entre Portugal e o Brasil.

### 2.3 Opinião dos luso-americanos acerca deste “Jornal de Viagem”

Enquanto foram sendo publicados estes textos no DNNB são praticamente inexistentes comentários aos mesmos nas páginas deste jornal. Só no final da sua publicação surgiram algumas observações a alguns deles, que nos permitem aferir o impacto que tiveram junto do público luso-americano. Seguidamente iremos expor tais opiniões.

A primeira encontra-se inserta na rubrica “Escreve o Leitor” na edição de 26 de janeiro de 1959, no artigo intitulado “Responde ao Sr. Joaquim Nogueira”, da autoria de António Marques da Silva, residente em Nova Iorque. No seu texto refuta as acusações de parcialidade deste jornal, expressas pelo seu antagonista, e a dado momento registou a seguinte opinião: “E assim como tenho lido com agrado alguns artigos de Dutra Faria, especialmente as suas crónicas de viagem, não tenho concordado com a doutrina que ele expressa em outros.”

Na rubrica “Coisas do Arco-da-Velha”, patente na edição de 4 de fevereiro, surge o seguinte comentário à opinião deste terceirense acerca dos cemitérios americanos, expressa na crónica n.º 24, de permeio com a defesa do exercício físico:

É preciso andar, irmãos! É preciso esticar as canelas, num passeio diário por essas ruas, parques e cemitérios. E cemitérios também, pois porque não? Que, embora o sr. Dutra Faria deplora o abandono dos cemitérios americanos, nós, que fomos criados debaixo do terror da morte e do horror ao cipreste, à tumba e ao portão com uma caveira no cimo, preferimos a “passagem” filosófica, o “passed away” do americano, ao desalentado carpir, à horrenda choradeira das carpideiras profissionais. Mas como íamos dizendo, é preciso andar, correr, fazer exercício, e o cemitério, à falta de melhor, pode servir de pista de treino. (...)

Na crónica n.º 45 Dutra Faria refere-se às paróquias portuguesas na América e citou o nome do Pe. Cascais, radicado em Cambridge, a quem terá feito uma pergunta. Ciente de não lhe ter dado a melhor resposta, este eclesiástico reformulou-a e deu-a a conhecer na rubrica “Escreve o Leitor” da edição de 2 de março:

Senhor Director:

Permita-me uma rectificação. Quando o Dr. Dutra Faria, na sua passagem por Cambridge, me deu a honra de perguntar, à sua despedida, o que eu Queria para Portugal, eu disse-lhe que desejava que dissesse ao Governo Português que desse escolas aos grupos coloniais, para ensinar a nossa língua à geração nova.

Como o meu pedido fosse um pouco confuso, por impropriedade de palavras, eu desejo esclarecer a minha intenção: quando me referi a escolas, não tinha, de maneira alguma, em mente o desejo de pedir edifícios escolares, mas sim professores, subsidiados pelo erário português, para ensinarem a língua, a história e o amor a Portugal, à gente moça da nossa Colónia. Até se poderia julgar a minha pretensão um pouco ofensiva, por não faltarem bons salões que possam servir, como salas de aula, para ensinar a nossa querida língua, tanto nas igrejas, como noutras instituições portuguesas.

Em resumo: é de professores e não de edifícios que precisamos, por ser desnecessário pedir sacrifícios que não são precisos.

A meu ver, para nosso brio e honra de Portugal, teremos de conjugar todos os nossos esforços, boa vontade e poder político, para conseguirmos aula de português nos liceus oficiais. Isto sim. Isto é que será honroso para nós.

Já vai sendo tempo de nos deixarmos de utopias.

Enfrentemos a realidade como ela se nos apresenta e não como, a sonhamos. E haja prudência, porque, por me parecer imprudente a minha pretensão, é que eu me apresso a rectificá-la a bem do brio da Colónia e do erário português que não deve despende um centavo que seja, para satisfazer a vaidade ou conveniências pessoais.

Com desejo de muita saúde e felicidades e muitíssimo obrigado pelo espaço tomado, me subscrevo Amigo e V.or Mto. Obgdo.

Pe. Manuel J. Cascais  
Cambridge, Mass.

Dois dias volvidos, Ana Silva divulgou, na mesma rubrica, alguns reparos ao texto n.º 40, alusivo a Ludlow, corrigindo algumas observações deste ilustre terceirense sobre o monumento ali existente, dedicado aos portugueses daquela localidade que combateram na guerra:

Senhor Director:

Esta carta diz respeito a um artigo publicado pelo “Diário” no dia 25 de Fevereiro.

Nesse artigo, (Jornal de Viagem – 40) o sr. Dutra Faria conta as suas impressões da nossa vila de Ludlow, da qual temos muito orgulho. Foi um bom artigo, e nós agradecemos-lhe sinceramente. Porém, ao referir-se ao nosso monumento aos combatentes da Segunda Guerra escreveu:

“Defronte da sede do Grémio Lusitano, ergue-se um pequeno monumento onde se gravaram os nomes de todos os portugueses de Ludlow que se bateram durante a guerra, integrados nas Forças Armadas dos Estados Unidos. Foram cerca de 90, dos quais três caíram no campo de batalha, etc.”

Foi chamada a minha atenção pelo presidente da comissão do monumento, o qual declarou que tal descrição não corresponde à verdade. A comissão é constituída por quatro cavalheiros que abnegadamente e sem qualquer remuneração cuidam do arranjo do terreno que circunda o monumento, e que são os srs. Anicete Ferreira, José Carolo, Afonso Nascimento e Manuel Varão. Esta comissão deseja informar os leitores deste jornal, do seguinte:

1. Que o monumento mede 14 pés de altura e 12 de diâmetro, e que, portanto, não pode ser considerado um “pequeno monumento.”

2. Há 199 nomes inscritos no monumento – 190 homens e 9 mulheres – e não apenas 90, como se diz no artigo.

A Comissão tem o maior orgulho no seu monumento aos combatentes da guerra, e agradecerá que estas correcções fossem feitas no “Diário de Notícias.”

Agradecemos ao sr. Dutra Faria, pelas suas amáveis palavras, bem como a V. e ao “Diário,” pela publicação deste esclarecimento.

Atenciosamente

ANA SILVA  
473 Winsor Street  
Ludlow, Mass.

Na última crónica deste ilustre jornalista o mesmo refere-se ao clero português e elogia o papel desempenhado pelos padres oriundos dos Açores junto das comunidades portuguesas da Califórnia, constituídas sobretudo por gente dessas ilhas. O modo como se expressou suscitou algumas duras críticas por parte de alguns eclesiásticos portugueses naturais do Continente radicados na América, que viram isso como um insulto e fizeram questão de expressar o seu desagrado em três missivas publicadas na rubrica “Escreve o Leitor” da edição de 12 de março:

### UM ESCLARECIMENTO

SENHOR DIRECTOR:

Nós, abaixo assinados, repudiamos, muito magoados, em desagravo do nosso brio de sacerdotes portugueses, o velado insulto com que nos acaba de mimosear o jornalista português Dutra Faria, Director da ANI, de Lisboa. Aquele culto senhor estabelece infeliz distinção entre sacerdotes continentais, madeirenses e açorianos quando se refere ao apostolado do clero português nos Estados Unidos da América do Norte.

Na sua crónica de 13 de Dezembro do ano passado, mas publicada no “Diário” no dia 9 de Março do corrente ano, última série de impressões pessoais, faz a seguinte afirmação (até nos parece prosa encomendada: “Efectivamente, o sacerdote desempenha, junto das comunidades portuguesas, um papel em que ninguém mais o poderá igualar. **SOBRETUDO QUANDO É AÇORIANO** e nas comunidades predominam, como na Califórnia, os açorianos.”

Como é que o jornalista na sua rápida passagem, teve tempo para comparar o trabalho apostólico de cada comunidade ou de cada paróquia, e como soube ele avaliar o resultado, para estabelecer diferença entre continentais, madeirenses e açorianos? O facto de dar notícias para os jornais, não o torna infalível nas suas afirmações que, a avaliar pela que fica acima, deveras falha de sinceridade, de imparcialidade e, sobretudo, de prudência, não honrariam nada o Director da ANI.

Lembraram-nos ter ele apelado para a união da comunidade portuguesa, por ter notado bastante desunião, e comete a imprudência de tentar cavar a desunião entre o clero? Seria só por falta de prudência ou revelará isto bairrismo estreito? Nós sempre nos considerámos clero português e não clero desta ou daquela parte.

A cegueira do bairrismo pode levar-nos a fazer figura de pouco educados.

A afirmação do jornalista Dutra Faria não o honra nada, nem nos parece ser gesto digno do lugar que ocupa.

Ele não fechou com chave dourado, como se costuma dizer, as suas crónicas, porque terminou insultando todo o clero, visto que todo ele se julga português, sem distinção.

Temos para nós que ninguém o tenha tratado, em Lisboa, como açoriano, mas sim como português que é.

Desculpe, Senhor Director, o espaço tomado, mas não podíamos deixar passar sem correcção a afronta de que fomos vítimas.

Com desejo de muita saúde e felicidades, nos subscrevemos V.ors A.os e Mto. Obgdos.

Pe. Manuel J. Cascais – Cambridge

Pe. João F. Silva – Lowell

Pe. Joel D. Oliveira – Cambridge

**FALA NEWARK**

SENHOR DIRECTOR:

Só a falta de tempo, que não a falta de vontade ou de brio, me tem impedido de escrever de vez em quando, umas linhas para o “Diário de Notícias,” não a justificar atitudes minhas, ou de outros que comigo trabalham, ou que com o meu trabalho se relacionam, mas para pôr alguns pontos nos *iiii*.

O mesmo motivo, e esse apenas, me tem levado a deixar a caneta de lado e antes ignorar esses “escritores” e “escritoras” que por vezes por aí aparecem a dizer, por escrito, o que pensam, ou a assinar, umas vezes aquilo que outros escreveram, outras vezes a escrever e a publicar coisas que os outros nunca assinaram, mesmo ainda quando a assinatura devia vir de um organismo oficial português.

Mas hoje, com ou sem tempo, não posso deixar de levantar o meu protesto acerca de certos escritos do sr. Dutra Faria, que por aqui andou em romagem e que, em pouco tempo, devido à sua grande inteligência, ou a qualquer outra fonte de informação onde foi beber, que não a ANI, tem dito coisas de nós já conhecidas, assim como outras que nos surpreendem bastante, que há já tantos anos estamos metidos neste meio. Lemos com paciência as primeiras, mas as segundas são difíceis de digerir. Tenho pena de Deus não me ter dotado com uma memória de elefante, para poder recordá-las todas. Mas é melhor assim – Deus sabe o que faz – e por isso não roubarei tanto espaço ao seu e nosso jornal. Tenho apenas as duas últimas crónicas daquele Senhor.

Que ele diga que em New York o condutor do táxi é russo, o porteiro alemão, a secretária do amigo polaca e por aí fora, está bem ou podia estar. Mas que diga também que “só os que falham é que regressam a New York” (e até talvez tivesse também no seu pensamento, New Jersey, dá vontade de gritar em inglês americanizado: “Are you kidding, Sir?”

Mas não é esta, nem outras como esta, tal como os que fracassam, andar em New York com sapatos nos pés cobertos de lama (!) que me levou hoje a apresentar o meu protesto, apesar do pouco tempo que tenho para tudo isto.

O que me faz hoje levantar a minha voz, é a mágoa que sinto da má informação que lhe deram a respeito dos padres continentais, e a pouca prudência que teve em publicar no seu “Jornal de Viagem” tamanho insulto.

Respeitei, respeito e sempre respeitarei a acção e obras apostólicas e sociais dos meus reverendos colegas portugueses açorianos, mas não vejo razão nenhuma para “casaco” ou “capote,” que fará agora para “sobretudo.”

Esse “sobretudo quando é açoriano,” cheira a cera de vela torta ou torcida. E já não é a primeira vez que esse cheiro passa pelas máquinas do nosso querido jornal, o “Diário de Notícias,” ou mesmo outros jornais portugueses.

Lembre-se, sr. Director, que água benta e presunção cada um toma a que quer. Todavia, para se estarem sempre a banhar, eu recomendo água fresca e sabão.

Renovando uma vez mais o meu protesto, e com votos de muita saúde, subscrevo-me, reconhecidamente

Pe. José L. Capote  
Padre Continental  
Newark 10 de Março de 1959

### ESCREVE O PADRE CALDAS

SENHOR DIRECTOR.

É deveras magoado e ofendido, que lhe peço um pouco de espaço no DIÁRIO.

Senhor Director, como sacerdote nascido e criado no Continente, mas que sempre me esqueço do lugar onde nasci e me criei, excepto quando me pedem a identificação deste, para me considerar apenas português, e do mesmo modo considero qualquer português, indistintamente do lugar da sua origem: Continente, Açores, Madeira, Cabo Verde, etc, sinto-me profundamente magoado com o INSULTO que me foi dirigido pelo Senhor Dutra Faria na sua crónica no. 48 publicada no DIÁRIO de 9 de Março do corrente ano. Por isso, sem desconsiderar os meus colegas e mais portugueses não-continenteais, por quem nutro a mesma consideração e respeito como se tivessem nascido a paredes-meias comigo, REPUDIO ENERGICAMENTE ESSE INSULTO, QUE TÃO INSOLENTAMENTE ME FOI ATIRADO, bem como aos meus colegas do Continente.

Lamento profundamente que o insulto, tão injusto como parcial, tivesse partido do Director da ANI. Pois sempre pensei que lugares desses fossem ocupados por homens de mentalidade bem esclarecida, e que, pelo menos quando escrevessem, especialmente quando o fazem como pessoas públicas, deixassem no tinteiro os bairrismos mesquinhos, só próprios de mentalidades tacanhas ou incultas, que bem longe de fomentarem o espírito de união e cooperação, lançam somente a desordem no seio das comunidades.

Muito agradecido, Senhor Director, pela sua gentileza, e, se me for permitido, voltarei ao assunto, porque a maior parte das crónicas de Dutra Faria bem precisavam de três ou mais Contra-crónicas cada...

Com a maior consideração

O AMIGO

**Pe. Constantino R. Caldas**

Bridgeport, Conn.

Conforme se pode aferir pelo teor destas cartas, estas respostas ao alegado insulto foram bastante contundentes e o visado teve conhecimento das mesmas, apesar de já se encontrar em Lisboa. A 17 de março o mesmo exerceu, na mesma rubrica, o seu direito de resposta, onde se redimiou das acusações contra si apontadas:

### A RESPOSTA DO DR. DUTRA FARIA

Reverendos Senhores P. Manuel J. Cascais, P. João F. Silva e P. Joel D. Oliveira – Respondo à carta de Vossas Reverências publicada no “Diário de Notícias” de Nova Bedford em 12 de Março, embora não me tivesse sido dirigida e, sim, ao meu querido amigo sr. João Rocha, ilustre director do jornal.

Foi humildemente – a humildade é uma virtude cristã e eu sou cristão – que verifiquei, pela vossa carta, haver pecado por falta “de sinceridade, de imparcialidade e, sobretudo, de prudência,” e mesmo de haver tentado (com qualquer misterioso e feio propósito) “cavar a desunião entre o Clero” português nos Estados Unidos. Perdoai-me e absolvi-me.

No entanto, é minha convicção íntima – mais uma vez, perdoai-me – ter sido sincero, ter sido imparcial e ter sido até prudente na crónica que mereceu – ai de mim! – tão indignados reparos a Vossas Reverências. E mais: ainda mesmo que fosse verdade,

ainda mesmo que animado de sombrias e sinistras intenções eu tivesse chegado aos Estados Unidos para “tentar cavar a desunião entre o clero” português, não o conseguiria. O clero é uma unidade. E, se isto é assim em toda a parte, com sobrada razão o será no caso de sacerdotes portugueses em país estrangeiro.

Assentemos, pois, em que não tentei cavar a desunião entre o clero português, nos Estados Unidos. Assentemos, depois, em que, mesmo que o quisesse, saíam ingloriamente baldados todos os meus esforços.

Posto isto, permiti-me que recorde o que escrevi na malfadada crónica, por Vossas Reverências tão severamente acoimada de insincera, de parcial e de imprudente.

Eu disse:

“O sacerdote desempenha, junto das comunidades portuguesas, um papel em que ninguém mais o poderá igualar.”

Prestei, assim, incondicional e justíssima homenagem ao clero, incondicional e merecidíssima homenagem a Vossas Reverências, sem excepções.

Foi, então, aqui, neste passo, que fui imprudente?

Parece que não. Parece que foi no que se lhe segue e é o seguinte:

“Sobretudo quando (o sacerdote) é açoriano e nas comunidades predominam, como na Califórnia, os açorianos.”

Evidentemente, onde nas comunidades portuguesas dos Estados Unidos predominam os continentais, melhor se desempenhará da sua missão o sacerdote continental; e melhor o sacerdote madeirense, onde predominam os madeirenses. Ou não será assim?

Os açorianos, por exemplo, têm, entre as suas tradições mais queridas, as festas do Divino Espírito Santo. E posso garantir a Vossas Reverências que nos Açores – eu também seu açoriano – vi muita vez como reagem, perante essas tradições, perante essas festas, sacerdotes continentais, incluindo um prelado que foi, aliás, dos mais notáveis que teve a diocese de Angra.

Não expliquei, no entanto, o meu pensamento, naquela crónica, com a necessária clareza? Admito-o. E só me resta repetir o pedido: perdoai-me. Estou certo de que o fareis, na vossa grande bondade.

E, se alguma vez tornar aos Estados Unidos não deixarei de bater à vossa porta, senhor Padre Cascais, e à vossa, senhor Padre João Silva, e à vossa, senhor Padre Joel, para um abraço (a) DUTRA FARIA.

P. S. – Também li a carta do Reverendo Padre Capote e a do Reverendo Padre Constantino Caldas.

Estes dois, porém, fazem mais do que protestar contra a minha infeliz crónica e contra o infeliz jornalista que em infeliz hora a redigiu – desancam-me, positivamente reduzem-me a fanicos... E um homem desancado, desfeito, partido miudamente em bocadinhos, não responde, não contesta, não argumenta – geme, quando muito. É o que eu faço perante essas duas cartas de bem pouco misericordiosos sacerdotes – gemo, nada mais...

Apresentamos ainda o seguinte artigo, enviado da filial da ANI na Ilha Terceira e publicado a 19 de março no DNNB, onde é referido novamente o nome do seu Diretor Executivo e a viagem por ele realizada à América:

## O “DESAPORTUGUESAMENTO” DOS PORTUGUESES DA AMÉRICA

ANGRA DO HEROÍSMO, (ANI) – Sob o título “Desaportuguesamento” e comentando não só as conclusões a que chegou o jornalista Dutra Faria, Director da ANI, depois da visita que fez a diversos núcleos de portugueses das Américas do Sul e do Norte, como também as declarações, na Assembleia Nacional, do deputado dr. Peres Claro, escreve o “Diário Insular” desta cidade:

“Na sua viagem às colónias portuguesas da América, o Director da ANI, Dutra Faria verificou a necessidade de se adoptarem diversas medidas com vista a evitar o desaportuguesamento daqueles núcleos lusíadas.

“Talvez pela constatação do ilustre jornalista, talvez por conhecimento directo do problema, o deputado dr. Peres Claro, acaba agora de solicitar à Assembleia Nacional elementos que lhe permitem tratar da necessidade da existência de escolas de língua e cultura portuguesa junto das colónias lusas em países estrangeiros.

“Quer isto dizer – acentua o “Diário Insular” – que o assunto passando das colunas dos jornais à tribuna da Assembleia Nacional, fez jus à necessária oficialização e que, uma vez de posse dos elementos indispensáveis, aquele deputado pugnará pela concretização da ideia.

“Do facto ressalta não apenas a ideia do cuidado com que Portugal encara os múltiplos problemas relacionados com os seus emigrantes, a atestar o conceito em que tem o seu trabalho, mas também o papel decisivo da Imprensa, quer neste, quer noutros problemas de interesse nacional.”

Na rubrica “Escreve o Leitor” do DNNB de 1 de abril de 1959 voltaram a ser publicadas duas missivas ainda relacionadas com o conteúdo das crónicas de viagem de Dutra Faria, a primeira das quais da autoria de Albert Sousa, residente no Estado de Connecticut, que teceu algumas críticas ao teor das mesmas:

### ALBERT SOUSA DIZ DE SUA JUSTIÇA

SENHOR DIRECTOR:

Permita-me que por este meio manifeste o meu desagrado quanto a algumas apreciações do jornalista Dutra Faria acerca dos portugueses da América. Algumas delas podem comparar-se ao “show” de Ed Sullivan sobre Portugal, anunciado com grandes parangonas, como se ele tivesse realmente “descoberto” Portugal. Quando afinal deu a todos os que o viram e não conhecem o nosso país, uma ideia pobrezinha do que realmente é Portugal.

Habituara-me a considerar o sr. Dutra Faria como jornalista de envergadura, mas não sabemos o que lhe aconteceu durante a sua passagem pelos Estados Unidos, que influências o teriam dominado, que lhe não deixaram ver o que realmente deveria ser visto.

Aqui em Waterbury, Conn., existe uma comunidade portuguesa, que se orgulha da sua ascendência e conserva como poucas, as suas tradições, a sua língua e o seu amor à nossa terra.

Realmente, temos sido esquecidos algumas vezes e já se deu o caso de convidarmos o nosso Embaixador, e este recusar o convite por não ter ordens do governo português... e quer o sr. Dutra Faria fazer com que os portugueses se não esqueçam da sua Pátria de origem! (...)

**ALBERTO SOUSA**

52 Madison St., Waterbury, Conn.

Segue-se, no mesmo espaço, o comentário dum leitor de Fall River acerca do alegado insulto deste jornalista aos padres continentais na América, apresentando o mesmo a sua opinião, mais moderada, acerca desta temática:

### **SOMOS OU NÃO, TODOS PORTUGUESES?**

Senhor Director:

Cá venho mais uma vez moer-lhe o juízo com uma das minhas cartas. É possível que me enfastie em breve, mas, entretanto, cá vamos dizer alguma coisa sobre o que pensamos de uma “polémica” que recentemente se travou nesta mesma coluna. Fiquei calado até agora, para ver onde paravam as modas, pensando no sumo de todo aquele fraseado, nas palavras assanhadas dos molestados, e cheguei à conclusão de que tudo aquilo não passava de uma tempestade num copo de água.

Desde já declaro que não sou continental, mas não tenho quaisquer reservas contra os continentais, porque a todos considero como portugueses, e mais nada. Foi por isso que não encarei como um “insulto” a afirmação de Dutra Faria, sobre os padres açorianos, para os núcleos açorianos. Quem escreve tem que dizer alguma coisa. A afirmação, da maneira que estava feita, não me parece que desejava atingir fosse quem fosse. Pareceu-lhe que um padre açoriano estava mais preparado para apascentar um rebanho açoriano do que um continental, e estava no seu direito de exprimir o seu pensamento.

Porém os Revs. Continentais saltaram-lhe em cima de cajado no ar, e deram bordoadas de criar bicho. A coisa não era para tanto, e ademais, tratando-se de pessoas que não vieram para o nosso meio apenas para dizer missas, mas para servirem de exemplo de bondade, de tolerância, de compreensão. Reagindo dessa maneira impiedosa, foi o mesmo que dizer aos seus fiéis, que eles se devem atirar à garganta uns dos outros, por dá cá aquela palha.

O dr. Dutra Faria foi comedido e cristão na resposta, pelo que lhe tiramos o nosso chapéu. Só não aceitamos a sua teoria paroquialista, e com boas razões que podemos citar, que um padre açoriano fará melhor farinha numa colónia de maioria açoriana; o continental entre continentais, e o madeirense entre madeirenses. Pode ser assim, mas não devemos permitir que assim seja, se quisermos que a família portuguesa da América seja uma só. E o exemplo mais frisante contra a teoria do sr. Dutra Faria, está em que o Rev. Dr. Manuel Rocha, de Ludlow, depois de andar pela Califórnia, no meio de açorianos como ele, nada pôde fazer entre os seus, e onde havia de vir ele construir a sua igreja? Precisamente na comunidade mais continental dos Estados Unidos: Ludlow! Se a teoria de Dutra Faria é certa, então que alguém tenha dó dos fiéis açorianos da Califórnia.

Está bem ou não está?

A. F.  
Fall River

Na rubrica “Escreve o Leitor” da edição de 7 de abril foi publicada a correspondência dum emigrante radicado na Califórnia, manifestando o seu descontentamento pelo facto de Dutra Faria não ter sido devidamente elucidado acerca do trabalho dum padre micaelense ali radicado e denotando o mal-estar reinante no seio da comunidade portuguesa do Condado de Fresno:

## PROTESTANDO E CRITICANDO

Senhor Director:

Há falhas inconcebíveis que induzem à crítica...

Aquando da visita oficial do sr. dr. Dutra Faria ao condado de Fresno (que abrange Tulare, Hanford, Laton e outras vilas) a comissão de recepção não teve em consideração a apresentação de S. Exa. a um zeloso sacerdote micalense que, em prol dos açorianos muito tem diligenciado para o bem da comunidade nestas paragens. O nosso modo de ver leva-nos a protestar junto de quem de direito, por não apresentarem o jornalista ao dito sacerdote, a quem certamente, feriram na sua humildade e modéstia. A dois passos da casa aonde se realizou a sessão de boas vindas, poderia “alguém” levar S. Exa. a observar *in loco* a Igreja que os açorianos, com as suas dádivas construíram, dando assim ensejo ao ilustre director da ANI, de que nas suas crónicas, enaltecesse a obra dum ministro católico que no condado de FRESNO se tem empenhado pelo bem-estar espiritual dos portugueses. Mas não! Não houve a mais pequena reflexão dos senhores e senhoras da comissão que movidos, talvez, por um espírito de represália, malevolamente rebaixaram com este infeliz procedimento o nosso lusitanismo.

Porque não houve mais prudência e entendimento quanto ao programa das visitas? Ofenderam ou não o referido pastor? Se houve quaisquer mesquinhices entre alguns da comissão opostas à visita a Laton, essas mesquinhices não teriam razão de ser, visto que o dr. Dutra Faria veio aos Estados Unidos contactar com os portugueses e respectivo clero, não tendo ele culpa alguma dos desentendimentos havidos entre os Srs. da Comissão. Parece-nos que é assim. Se Zorro, o famoso esgrimista dos filmes de aventuras um dia aparecesse subitamente por aqui, decerto que com a sua espada mágica marcaria com um “Z” alguns petulantes do Condado de Fresno que, engrandecendo-se na sua soberba, nos prejudicam, mormente, como no caso presente, em que não existiu sequer um pouco de compreensão. Oxalá casos destes não se repitam mais, e se no futuro alguma entidade PORTUGUESA nos visitar em missão especial, como o sr. Dutra Faria, esqueçam-se inimizades e coopere-se mutuamente.

**Um residente do Vale de S. Joaquim,  
Califórnia**

Foram estes, em suma, os comentários publicados neste importante jornal luso-americano acerca das crónicas de viagem de Dutra Faria aos Estados Unidos em 1948, sinónimo da liberdade de expressão reinante neste país e também neste órgão informativo. Muito dificilmente as críticas aos seus textos seriam publicadas em Portugal, onde imperava o “lápiz azul” da censura.

## III. NOTAS FINAIS

As 48 crónicas de Dutra Faria, correspondentes ao igual número de dias que demorou a sua viagem pelas Américas, revestem-se duma grande importância pois registaram para a posteridade o sentir deste ilustre jornalista natural da ilha Terceira ao visitar diversos núcleos de emigrantes portugueses, e não só, nos diversos países por onde passou, em missão oficial, na companhia da esposa, no último trimestre de 1958.

Podendo ser considerado o porta-voz do Estado Novo, através das notícias que enviava para todo o mundo português através da ANI, que estabelecera mais de dez anos antes, nestes seus textos, que redigiu diariamente, em jeito de diário, quase que lhe passa ao lado a apologia ao regime então vigente em Portugal, cingindo-se praticamente o autor a narrar o que viu e sentiu no seu périplo americano.

Contudo, aqui e ali notam-se alguns indícios da expressão dessa sua ideologia, quer ao fazer por diversas vezes a apologia das antigas colónias portuguesas em África, de acordo com o discurso oficial da época, quer ainda ao referir-se aos “bons portugueses”, isto é, aos apologistas de Salazar, que deveriam ser uma minoria nos Estados Unidos dado que a grande maioria dos emigrantes portugueses radicados na América defendia a democracia para o seu país natal. Ainda no campo político, e fazendo jus ao aforismo de que no melhor pano cai a nódoa, não nos passa despercebida a sua tristeza ao saber da morte do ditador italiano e também do alemão, elogiando ainda o “soberbo Terceiro Reich.” Visto pelos olhos da atualidade, tal elogio a um regime que causou tanta destruição e morte na Europa não nos parece nada correto.

Ao longo da sua viagem Dutra Faria foi muito bem acolhido pelos portugueses com que se deparou no seio das várias comunidades pois, regra geral, estes acolhem muito bem quem os visita, para o que decerto também teria ajudado a empatia que lhes transmitia. O facto de ter viajado na companhia da esposa, também ela jornalista, e que também terá escrito as suas crónicas de viagem – divulgadas em fonte que não conseguimos apurar – também terá contribuído para espalhar um certo charme à sua passagem, assim como para merecer o bom acolhimento deste casal junto dos nossos patrícios emigrados.

Um aspeto digno de nota nestas suas crónicas é a sua habilidade para burilar, de modo exímio, a língua portuguesa. E, aqui e ali, alguns trechos dos seus textos poderão ser mesmo considerados como sendo prosa poética.

Para os estudiosos da diáspora portuguesa no mundo, nomeadamente no Brasil, na Venezuela e nos Estados Unidos, este “Jornal de Viagem” reveste-se duma grande importância porque revela-nos dados muito importantes acerca dessas comunidades lusas espalhadas pelo grande continente americano.

## Bibliografia

Imprensa madeirense:

- *Jornal da Madeira* (Funchal)

Imprensa brasileira:

- *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro)
- *O Globo* (Rio de Janeiro)

Imprensa luso-americana:

- *Diário de Notícias* (New Bedford, MA)
- *Jornal Português* (Oakland, CA)

Imprensa norte-americana:

- *The Hanford Sentinel* (Hanford, CA)
- *Newport Daily News* (Newport, RI)
- *Standard-Times* (New Bedford, MA)